



THE CROW

HERNANDEZ TIGHE • hernandeztighet.com
<http://hernandeztighet.blogspot.com>

Hermes Tadeu

A história do desenhista de HQs que marcou uma geração

Dalila da Silva

Essa é uma história real.

Alguns nomes foram alterados para preservar algumas identidades.

Prólogo

Todas as histórias merecem ser contadas. Todos nós temos experiências únicas, vividas sob um prisma único de conhecimentos adquiridos, interação ambiental, personalidade, caráter e históricos característicos.

Muitas histórias se perdem definitivamente ao cessar da vida que impulsionava o corpo. Mas muitas delas mereceriam ser contadas. E isto me trouxe até aqui.

Hermes encarnou uma pessoa comum, cuja habilidade artística o transformou em um promissor talento.

Viveu sua vida como a maioria de nós: com dignidade, dificuldade e luta.

Tombou como alguns soldados de guerras travadas através dos séculos, pegos de surpresa em emboscadas armadas pelo inimigo, sem condição de defesa.

Tombou em uma guerra nunca declarada, cujos exércitos, compostos em sua maioria por jovens, compreendem universos distintos, onde a principal composição é a escolha individual.

O exército inimigo é um grupo minoritário, mas muito bem articulado, armado, preparado e treinado, liderado por traficantes e chefes do crime organizado e apoiado por um sentimentalismo frugal que os considera vítimas de si próprios e vítimas de uma sociedade vil e consumista.

Do outro lado da trincheira, há um exército gigantesco, despreparado e totalmente desarmado, colocado à mercê do primeiro exército. Não é preciso mencionar que este batalhão possui baixas significativas e crescentes.

Hermes pertenceu ao segundo exército. Escolheu não se render ao dinheiro fácil e o poder das armas, mas se tornou vítima delas ao descansar em uma praia com a família em um final de semana. Seu algoz tinha dezoito anos e sua vida teve o preço de uma máquina fotográfica. O dinheiro fácil e o poder bélico venceram mais uma vez.

Do amigo, do irmão, do filho e da pessoa, restaram apenas as lembranças, cada vez mais desbotadas e envelhecidas. Do profissional, restou a garra e o nome. Do jovem, ficou apenas a vontade de viver. Destruída. Apagada. Espalhada na areia com seu sangue.

Prefácio

EU CONHECI HERMES TADEU

Era domingo por volta das quatro horas da tarde quando a campainha de minha casa tocou. Olhei para minha esposa e falei que devia ser ele. Deixamos nossos computadores ligados e fomos ao portão para recebê-lo. Ficamos impressionados com aquele rapaz jovem de boa estatura, boa aparência e muito alegre.

Vestia jaqueta de couro preta, um traje a rigor combinando perfeitamente com sua belíssima e grande moto estilo “Harley Davidson”, também preta, impecavelmente bem cuidada, com todas as partes cromadas brilhando! Estava acompanhado de uma bela jovem de olhos claros e faziam um belo par!

Depois de vinte e quatro anos de trabalho como desenhista ilustrador em uma editora, eu havia sido demitido há poucos meses e sentia-me como toda pessoa que perde o emprego, arrasado e com receio do futuro.

Por indicação de um ex-colega de trabalho, que mora há alguns anos em Portugal, eu havia fechado um contrato com um espanhol para ilustrar uma Bíblia em três volumes, sendo todas as páginas com ilustrações coloridas. O trabalho era gigantesco, grande demais para mim, pois levaria dois anos e meio para concluí-lo, ilustrando pelo menos vinte páginas por mês.

Jamais havia pensado em encarar uma tarefa tão grandiosa, mas estava desempregado e o jeito era arriscar um tudo ou nada.

Sabia que não podia fazer tudo sozinho, por isso parti para buscar ajuda. Alguém me falou de tal HERMES TADEU, artista de Sorocaba que pintava muito bem. Eu fui atrás e descobri seu telefone, falei com ele sobre minha grande tarefa e convidei-o a trabalhar comigo.

Minha primeira conversa com ele também me impressionou muito, ainda que por telefone.

Na verdade eu estava apavorado com minha grande tarefa e a enorme responsabilidade que estava sobre meus ombros, mas o Hermes topou na hora, falava tranquilo com toda a segurança como se aquilo fosse tudo muito simples!

Combinamos que ele viria naquele domingo de julho de 2003 até a minha residência, para tratarmos dos pormenores do trabalho. E foi assim que eu e minha esposa o conhecemos.

Desde esse primeiro contato, o Hermes causou-nos a melhor impressão possível; alegre, otimista e muito seguro de si, o que me deixou confiante na sua capacidade artística, embora eu não conhecesse o seu trabalho.

Só fiquei preocupado com uma coisa, ele me disse que trabalhava para a MARVEL dos USA, pintando o HULK para histórias em quadrinhos, que fazia uma página de calendário por mês para uma modelo americana e que ainda dava aulas de arte em Sorocaba.

Pensei, mas como ele dá conta de tudo isso, será que vai ter tempo para trabalhar conosco? Era esperar para ver.

Todo mundo sabe que para se ilustrar uma Bíblia começa-se com a história de Adão e Eva. A primeira ilustração do Hermes para nós foi justamente Adão, acabando de ser criado e depois Adão dando nome aos animais no paraíso.

Eu estava concentrado trabalhando no meu computador, quando minha esposa recebeu no computador dela as primeiras ilustrações feitas pelo Hermes para nossa Bíblia, vindos pela Internet.

Minha esposa falou baixinho em tom de muita admiração; - olha o que o Hermes fez!!!

Parei meu trabalho e fui ver. Há trinta anos trabalhando como ilustrador e acostumado a ver bons trabalhos fiquei estupefato com o que vi, nunca havia visto algo igual!!!

Meu Deus como era bonito!!! A pele de Adão parecia viva, parecia ter oleosidade própria, os coelhinhos ao lado de Adão parecia ter olhos vivos, as folhagens tinham cada nervura fielmente representada!

Pensei “Jesus como vou conseguir acompanhar esse padrão de qualidade?”, seria loucura tentar ilustrar uma Bíblia inteira com tal padrão! Dali em diante tomaria os trabalhos do Hermes como meu guia e minha meta, minha aula de pintura.

Como é que um jovem de apenas vinte e cinco anos tinha evoluído tanto na pintura? Não tive dúvidas de que estava diante de um gênio!!

Já no primeiro mês de trabalho que enviei para a Espanha, tivemos 100% de aprovação e com direito a elogios. E assim foram nos quatro meses seguintes. Sim apenas quatro meses e o Hermes nunca mais pode enviar para nós tão belas pinturas....

Era dezembro e o Natal estava próximo, o ano fora cansativo de muita luta, mas eu estava extremamente satisfeito e confiante, portanto resolvi dar-me o luxo de uma semana de férias, no Oeste de Santa Catarina com meus familiares que são de lá.

Antes de sair telefonei e insisti com meu novo amigo, que ele também descansasse uma semana, afinal ele trabalhava demais e precisava de um descanso.

Era domingo, dia 21 de Dezembro de 2003, nesse dia viajei feliz com meu automóvel e nesse mesmo dia a caneta eletrônica do Hermes pararia para sempre. Ele fora covardemente assassinado, às quatro horas da tarde na Praia Grande diante de sua bela namorada, por dois vagabundos errantes que queriam apenas sua máquina fotográfica e que após anunciarem o assalto dispararam contra seu peito. Esse disparo também atingiu nosso coração em cheio, atingiu também os nossos padrões espanhóis do outro lado do mundo, os americanos para quem ele trabalhava, seus alunos e os seus familiares. Só quem conheceu o Hermes pode entender a dimensão da tragédia...

Minha esposa Ângela ligou para mim e me pediu para voltar e não quis contar-me sobre

que se tratava para eu não apavorar-me na viagem de volta. Mas eu sabia que algo muito grave havia acontecido. Quando cheguei, ela contou-me chorando. Novamente meu mundo desabou.

Hoje está completando um ano desse terrível fato e minha tarefa se aproxima do fim. Sinto-me imensamente grato a uma pessoa em particular, ao Hermes, que foi o foguete propulsor em minha tão desafiadora tarefa, ele deu o tom, a diretriz a ser seguida e com sua preciosa ajuda, estamos vencendo.

“Hermes Tadeu, muito obrigado e que Deus o tenha”.

Ângela e Wanderley Scortegagna

Domingo, 21 de dezembro de 2003, 15h30.

O telefone tocava insistentemente no quarto ao lado, mas a porta fechada fazia com que o ruído parecesse vir de um lugar muito distante. Vislumbrava um rosto familiar que agora aparecia em um sonho e me dizia: -“Você nunca se esquecerá do dia vinte e um de dezembro!”. Acordei assustada e ouvi os toques estridentes no quarto ao lado, levantei-me em um sobressalto e corri para atendê-lo. Uma voz desconhecida parecia aflita do outro lado da linha.

-Alô? Dalila?

-Sou eu, quem está falando?

-Aqui é o pai da Le! A Le pediu para eu ligar, pois eles foram assaltados e seu irmão levou um tiro!

-Como?! Um tiro?! Como assim? Onde?

-Houve um assalto na praia, tentaram roubar a máquina fotográfica do seu irmão, o ladrão atirou, seu irmão levou um tiro do lado direito do peito, mas a Le acha que ele vai morrer!

A voz metalizada saindo do fone parecia soar sobrenatural; - Meu Deus! Não é possível... Deve ter sido no ombro – pensei, tentando convencer-me, mas a urgência na voz do interlocutor me fez pressentir o pior...

Acordei meu marido e contei o que havia acabado de ouvir. De Sorocaba ao litoral paulista, iríamos gastar no mínimo três horas. Isto, se nós tivéssemos muita sorte, pois era domingo, semana do Natal.

Liguei para a central de informações e solicitei os telefones dos hospitais da Praia Grande. Encontrei-o na Santa Casa. A médica foi chamada pessoalmente para passar-me informações a respeito do paciente, o que me deu a certeza da gravidade da situação. O primeiro pensamento que me ocorreu foi perguntar se ele havia recebido sangue, ela me falou que sim, mas seu estado era grave e ele corria risco de morte.

Enfiamos algumas roupas na mala, na esperança de que passaríamos algumas noites no hospital e saímos em disparada, ligando para todos os parentes e amigos e pedindo para que todos rezassem. Na estrada, olhava para o céu azul e pedia para que Deus me ouvisse nem que fosse pela última vez em minha vida, implorei para que o resultado fosse apenas uma tipóia e uma internação rápida, uma cicatriz na carne e uma retomada natural. Afinal, Deus não iria permitir isto agora! Finalmente ele estava recebendo o tão merecido reconhecimento, depois de anos de muita batalha nesta profissão tão ingrata! Meu Deus, não era possível...

Entramos em São Paulo e eu tive que fazer o que estava evitando fazer até agora: ligar para o hospital para perguntar como ele estava.

Peguei o número anotado em um pedaço de papel com letras irregulares. Peguei o celular, espremi os olhos para me livrar da visão turva e teclei o número da Santa Casa da Praia Grande. Silêncio. Um toque longo. Silêncio novamente. Um estalido, uma voz feminina desinteressada atendeu:

-Santa Casa da Praia Grande.

-Alô? Eu gostaria de saber sobre um paciente que deu entrada no pronto-socorro com um tiro no peito!

- Ah (houve uma hesitação), qual o nome dele?

- Hermes Tadeu Moraes

Outra hesitação:

-O que a senhora é dele?

-Irmã.

-Senhora, aguarde um momento que irei chamar a médica, por favor.

Com o coração aos saltos e um nó sufocante subindo pela garganta, ouvi duas vozes conversando brevemente e uma outra voz atendendo ao telefone:

-Senhora, sentimos informar-lhe, mas o paciente veio a óbito.

O painel do carro rodou, meu coração ficou gelado.

-Meu Deus! Não é possível... E meus pais, onde estão?

-Aplicamos um sedativo em sua mãe e seu pai está agora cuidando dos papéis para encaminharem o corpo ao IML.

-Posso falar com ele?

-Como eu falei, ele está preenchendo os papéis para o encaminhamento ao IML. Ele deixou um recado para você: você não precisa mais vir, pois não adianta mais...

Nossa história

A história se inicia em uma manhã cinzenta de abril, no dia dezesseis do ano de mil novecentos e setenta e oito. Nesta data nasceu meu irmão mais novo, motivo que me trouxe até a escrita deste livro.

O pai deste garotinho, Durval, era eletricista na Estatal Light, trabalhava na ligação e ativação das redes elétricas de Sorocaba e região, em um serviço de elevado risco, e nas horas vagas dava vida a personagens coloridos em quadros com motivos infantis ou a heróis das Histórias em Quadrinhos (HQs). O gosto pela pintura foi herdado da mãe Belina Amábile, mulher de personalidade sensível e introspectiva, filha de italianos imigrantes do pós-guerra. O irmão mais velho de Durval, Deusdedit Moraes, o Déde, possuía fino tato para anatomia humana e gosto pelos heróis americanos dos anos quarenta e cinquenta, mas nunca ganhou um tostão com o talento. As duas irmãs, Ivany e Mércia se tornaram artistas plásticas, mas também não fizeram da arte uma carreira profissional.

A infância de Durval foi abalada pelo drama do alcoolismo de seu pai. Ele constantemente abusava do álcool e transformava suas frustrações em surras e humilhações dispensadas a esposa e as crianças. Sua morte veio durante a mocidade dos filhos e não trouxe consigo sentimento de luto, apenas de alívio. A vida poderia voltar ao normal, apesar das cicatrizes guardadas e da lição aprendida.

Os valores familiares e a rigidez em relação a total aversão ao álcool, cigarros ou outras drogas balizou a vida adulta e mais tarde serviu de base para a criação dos filhos destes jovens.

Durval era uma figura excêntrica, de personalidade forte e honesta, dono de um estilo pessoal inconfundível, que na mocidade assemelhava-se ao melhor estilo Elvis Presley. Na idade madura passou utilizar vestimentas únicas, diferenciadas, coloridas e extravagantes, freqüentemente contrastava com os transeuntes e atraía olhares em qualquer lugar que aparecesse.

Nem sempre podia estar presente nos aniversários e formaturas de seus filhos, por conta dos imprevistos que a profissão exigia. As noites de chuva eram as piores, pois eram garantia de interrupções nas redes elétricas e exigiam que os funcionários estivessem à disposição por quantas horas fossem necessárias para a correção das avarias. Trabalhava embaixo de chuva forte, manipulando energia elétrica. Entretanto, enlevava o trabalho árduo e honesto e sempre esteve disponível para qualquer necessidade da empresa.

Casou-se com a jovem Sara Lúcia, mulher forte escondida sob frágil aparência, de personalidade apaziguadora e dócil. Sara teve infância pobre, filha de sapateiro e

dona de casa, a família com sete filhos viveu grandes dificuldades após o fim da segunda guerra mundial, com a escassez de alimentos e de boas condições de trabalho. Sr. Joaquim, descendente de imigrantes italianos e Sra. Francisca, que por insistência de sua mãe fora chamada desde o nascimento de Andradina, garantiram que as seis filhas mulheres, Maria (chamada Lia), Henriqueta, Terezinha, Danuzia, Darci e a caçula Sara, e o único filho homem, Douglas, vivessem honestamente e comesçassem a trabalhar desde cedo para garantir que comida pudesse ser posta à mesa. O filho mais velho, Douglas, acabou falecendo ainda jovem de câncer na laringe. Minha avó Andradina era uma pessoa desapegada de bens materiais e desprovida de vaidade, compreensiva das dores da vida e dona de uma bondade e coragem vincadas em sua fisionomia marcada pelas batalhas e agruras da vida. A moral rígida e as dificuldades moldaram o caráter dos sete filhos.

Sara começou a trabalhar muito jovem para ajudar em casa, em tecelagens na então Manchester Paulista. As condições de trabalho da época eram precárias, uma vez que não havia a preocupação com a saúde do operário ou medidas preventivas de doenças do trabalho. Nos teares movimentados por mãos femininas cujo acesso à Educação fora interrompido muito cedo, tecelãs giravam suas máquinas em meio ao barulho ensurdecedor, alheias as seqüelas auditivas e à necessidade dos atualmente obrigatórios Equipamentos de Proteção Individual (EPIs).

Parou de trabalhar após o casamento, pois sua saúde já estava desgastada após anos de trabalho em condições insalubres. Assim pode realizar seu maior sonho: ser mãe. Concebeu os dois únicos filhos depois dos trinta anos e pode cuidar da maternidade e do lar enquanto o marido garantia o sustento da família. Eu fui a primeira a nascer, após muita relutância e ameaças de abortos espontâneos freqüentes.

O nome escolhido, discutido e acordado era Claudia Lúcia. Entretanto, meu pai mudou de idéia minutos antes de se dirigir ao Cartório e perguntou à esposa o que ela achava de chamar a menina de Dalila.

-Mas Durval, quando ela estiver na escola irão perguntar pelo Sansão! - protestou, mas não muito, pois não era pessoa dada a discussões - Então coloque o segundo nome de Cristina.

Minha mãe engravidou pela segunda vez após dois anos. Desta vez viria ao mundo um menino prematuro após um pequeno acidente doméstico. O nome escolhido permaneceu o mesmo até o momento do registro. A criança foi batizada com o nome de um deus e de um santo: Hermes Tadeu.

Hermes, na mitologia grega, era filho de Zeus e mensageiro dos deuses do Olimpo. Tadeu, nome do apóstolo e santo católico São Judas Tadeu, era o santo de devoção de minha mãe.

Dias após o nascimento, este pequeno bebê parou de mamar e começou a perder peso.

Diagnosticado com desidratação, o recém-nascido ficou internado vários dias. Quase se interrompia aqui a vida de um desenhista talentoso e dono de uma personalidade carismática e determinada. Talvez tenha lhe sido dada uma antevisão de sua trajetória, cujo desenrolar se dava em uma existência curta, em um país marcado pela violência e pelo descaso. Este pequeno Hermes, nosso mensageiro dos deuses, quase desistiu de viver apenas três dias após o nascimento.

Tornou-se uma criança atenciosa, inteligente, mas muito chorona e sentimental. Era um menino franzino, introspectivo e calado. Abria a boca apenas para contar que eu havia batido nele ou para delatar que meu pai havia devorado o último doce da geladeira. Ganhou o apelido de dedo-duro. Frequentemente esticava o dedinho e entortava o beicinho, pronto para chorar e requerer proteção materna.

Devido à paixão do pai por heróis dos quadrinhos, desde pequenos colecionávamos os gibis. Antes de aprender a ler, as historinhas da Luluzinha e do Bolinha caíam bem, mas depois os preferidos tornaram-se o Pato Donald, Pateta, Maga Patológica e Tio Patinhas, mas líamos qualquer gibizinho que caísse em nossas mãos. Minha heroína favorita era a Fênix e o herói do Hermes sempre foi o Homem-Aranha.

Hermes divertia os adultos com baralhos mágicos ou cartolas cheias de lenços coloridos. Seus melhores amigos eram o Lucas, menino de boa educação, que cursava a primeira série do Ensino Fundamental com ele, e o primo Junior, filho da tia Mércia. Passaram a infância inteira se fantasiando de Jaspion e lutando contra os monstros de espuma dos seriados japoneses, que eram facilmente representados por colchões velhos ou caixotes revestidos de tecido. Nunca gostou da escola e repetiu a segunda série do ensino fundamental, de tanto cabular aulas para enfrentar o primo vestido de monstro de cartolina.

Tomou consciência, voltou a prestar atenção às aulas e deixou de lado o ídolo nipônico. Alguns anos depois, encontrou um ídolo e um exemplo de garra e dedicação que foram seu azimute em relação aos seus objetivos, determinação e persistência: Bruce Lee. Assistia repetidamente os filmes "Operação Dragão", "O Jogo da Morte" e a "Fúria do Dragão", todos gravados da TV e desgastados após tantas repetições. Não raro, desatava a nos explicar as diferenças entre o Jeet Kune Do e o Kung Fu.

Passava horas treinando e imitando os movimentos que configuravam a coreografia de luta do Jeet Kune Do. O aprendiz era esforçado e persistente.

Treinava e corrigia a postura através da cópia dos filmes do ídolo. E tinha milhares de histórias para contar. Contava-me com sua voz infantil e fisionomia rechonchuda, sobre o ídolo, falava-me sobre sua história, seus demônios pessoais e sobre sua habilidade. Mas eu detestava o Bruce Lee.

-Dá, você sabia que o Bruce Lee era tão rápido que muitos movimentos precisavam ser refeitos para que a câmera conseguisse acompanhá-los?

-Imagine, isso é lenda - respondi com arrogância.

-Não é! Muitos golpes precisavam ser refeitos em velocidade mais baixa para a câmera captar!

-Sei! O cara era tão bom que morreu porque tomou aspirina - respondi, com típico desprezo infantil.

-Ah, você não entende nada. Não dá para explicar nada para você.

Às vezes, uma invejinha aparecia e eu ficava tentada a aprender as seqüências das lutas. Mas eu nunca conseguia rodar o nunchaku e fazê-lo parar embaixo do braço sem acertar o queixo ou faze-lo voar longe e destruir alguma coisa. Portanto, Hermes preferia treinar com o pai, mais disciplinado e menos estabonado que eu, além de menos petulante.

Sábado, 20 de Dezembro de 2003.

-Dalila, seu irmão quer saber se queremos ir para a praia com ele e a Le, encontrar com seus pais.

Eu estava em meu apartamento, onde morava desde que me casei com o Luiz, com quem namorei desde os quinze anos de idade. Nosso primeiro aniversário de casamento havia acontecido na semana anterior. Meu marido segurava o telefone enquanto se dirigia a mim.

-Ele pretende sair daqui hoje.

Pensei por um momento.

-Você pode ir? Eu estou de férias a partir de segunda, posso voltar depois, mas se formos, vai ficar impossível voltar pela Imigrantes no domingo à noite, na semana do Natal.

-Não dá, cara. Tenho que trabalhar na segunda-feira e teríamos que voltar domingo à noite - dirigindo-se ao bocal do fone. Depois de ouvir por alguns segundos, respondeu - Você acha que todo mundo pode trabalhar na folga igual você, que pode voltar na segunda à tarde? Preciso tramar!

Tive uma sensação ruim, pois não gostaria que eles fossem. Depois me senti boba, com uma preocupação inútil. Fui até a cozinha, preparar algo para comer. Alguns minutos depois, o Luiz se juntou a mim.

-Seu irmão queria que fôssemos todos num carro só, mas não dá, pois eu teria que voltar antes.

-Que pena, eu queria sair com eles hoje...

Que infantilidade a minha, não querer que eles fossem para a praia, apenas para que saíssem comigo. Enquanto preparava o jantar, comecei a lembrar-me da última vez que havia ido à Praia Grande, no feriado da Sexta-feira Santa.

Naquela sexta-feira santa do ano de 2003, fomos eu, o Luiz, o Hermes e a Le no Fiesta azul do Hermes, ouvindo encontrar Raul Seixas durante o trajeto de mais de seis horas de engarrafamento para a praia. Levei um livro interessantíssimo chamado "Cleópatra - A filha de Ísis" para ler na viagem. Iríamos encontrar-nos com meus pais que tinham ido ao dia anterior passar o final de semana no apartamento alugado, de frente para o mar. Era um apartamento muito antigo, de assoalho de madeira e armários estranhamente modulados. Os armários da cozinha eram altos demais e armários dos quartos não atingiam um metro de altura. Lustres velhos, tacos soltos e

um tanque dentro do banheiro, concluíam a decoração local. Na sala, uma grande estante com algumas dezenas de livros gastos, abandonados. Passamos dois dias respirando mofo e ouvindo dos vizinhos de condomínio que a Praia Grande havia se tornado um antro de marginais.

Na primeira noite, uma gritaria de jovens bêbados sob nossa janela, o barulho de um carro arrancando e um pneu cantando, depois um baque, o estalo de ossos se quebrando e os uivos de um cachorro correndo pela rua, ganindo alto a dor do atropelamento voluntário. Foi difícil pegar no sono.

Fomos à praia pela manhã, conversamos, tomamos cerveja, o Hermes e a Le brigaram, meus pais passearam e tudo esteve extremamente normal. Eu e o Luiz voltamos para o apartamento e eles resolveram ir almoçar em um shopping da cidade.

Dormimos a tarde toda e eu acordei às 17h. Ninguém havia voltado ainda. Continuei lendo Cleópatra, mas a preocupação subia na mesma medida que a personagem principal enfrentava as irmãs que tomaram o trono do pai, através de um golpe. Quando o relógio mostrou 18h30 acordei meu marido e disse-lhe que havia acontecido alguma coisa. Levantamos, perguntamos para o síndico, mas ele não tinha notícias. Decidi pegar o carro do meu pai, que estava na garagem para irmos até o shopping atrás deles. Procurei pela chave. Encontrei. Procurei pelo documento. Não encontrei. Descemos as escadas para nos lembrarmos que não tínhamos a chave do apartamento, nem do portão, muito menos da garagem. Depois de perdermos uns quarenta minutos procurando algum outro turista que possuísse a chave e estivesse disposto a emprestá-la a dois desconhecidos, encontramos um turista que resolveu usar o carro que se encontrava na mesma garagem e o acompanhamos ao local de estacionamento dos veículos, na próxima quadra. Descobrimos que o carro estava preso entre três outros carros. Mais uns trinta minutos manobrando o Ford Ka e finalmente foi possível espremê-lo por entre os demais carros estacionados e ganhamos a chuva, ou melhor, a rua. Ao entrar na avenida que desembocaria no shopping, descobrimos que todos os turistas apreciam shoppings centers em sábados chuvosos. Passamos mais uma hora no congestionamento, entre ida e retorno para o estacionamento. Com o coração aos pulos, corremos para a administração do shopping e pedimos um anúncio. Encontrei na mesinha da recepção um jornal contendo os telefones da Santa Casa, Polícia, Delegacia, IML.

Pensei em acidente de carro, ou que talvez tivessem roubado o carro e eles não tivessem como se comunicar conosco. Considerei até a aterrorizante possibilidade de seqüestro-relâmpago, tão comum naquela época.

Liguei para a Santa Casa, para a Polícia, para a Delegacia, para o resgate. Nada. Liguei para o meu celular, deixado no apartamento. Demos mais algumas voltas procurando-os. Pedi para o segurança efetuar mais um anúncio nos alto-falantes.

-Eles estão em quatro pessoas: Durval, Sara, Hermes e Le.

-Qual o horário que eles saíram do apartamento, filha?

-Às 15h30

-Ai Meu Deus!

Um arrepio percorreu minha espinha. Olhei o relógio: 21h30

Liguei novamente para o meu celular, deixado no apartamento. Nada. Demos mais uma volta na praça de alimentação. Nada. O Luiz ligou mais uma vez para o apartamento. O Hermes atendeu:

-Onde vocês estão??

Deus, que alívio! Peguei o telefone:

-Onde vocês estavam?! Estamos procurando vocês há horas!

Ouvi uma gargalhada do outro lado da linha.

- E você brigava com a mãe quando ela ia atrás de você! Você está ficando velha! Inverteu os papéis! Como não sai mais de casa agora fica preocupada com a mãe que saiu passear! - e deu outra gargalhada alta.

Voltamos para casa, molhados, sem documento do carro, nem chave do apartamento, mas com os corações leves. Esta história de antro de marginais deveria ser apenas intriga da oposição...

21 de Dezembro de 2003 – Praia Grande

Veículos e asfalto passavam em um borrão colorido. O céu estava claro, com poucas nuvens. Fitava o azul e revivia memórias desconexas, alucinadas.

Ficamos perdidos em São Paulo, por aproximadamente seis horas na noite do assassinato. Não conseguíamos sair de lá e pegar a Imigrantes para chegar à praia para saber em que condições estavam os meus pais. A entrada para a Imigrantes simplesmente desapareceu. Chegávamos à Praça da Sé e de lá voltávamos para a Castelo Branco, depois pegávamos a marginal Tietê e não encontrávamos retorno para a Pinheiros. Depois pegamos a Anhanguera e viajamos por mais de uma hora até encontrarmos um retorno. Pronto, estávamos de novo na Praça da Sé, desesperados. Encontramos uma pequena placa que indicava um caminho para pegarmos a Imigrantes. Mas o pneu furou em uma viela deserta. O Luiz desceu para procurar ajuda e eu comecei a gritar sozinha dentro do carro. Gritei de ódio. De desespero. De dor.

O Luiz voltou. Havia encontrado um borracheiro. Enquanto trocavam o pneu, o desespero começou a apertar minha garganta. Meus pais estavam sozinhos na praia e eu estava presa nesta cidade maldita, dando voltas há horas e agora teria que esperar consertarem o pneu para seguirmos viagem. Eu não me perdoava por não conseguir estar junto dos meus pais no pior dia da vida deles! E não conseguia acreditar que um imbecil qualquer tivesse tirado a vida do Hermes por causa de uma droga de uma câmera fotográfica! Lembrei-me do Hermes, sorrindo seu sorriso largo, com os dentes da frente ligeiramente separados. Lembrei-me das costeletas que lembravam as usadas pelo Wolverine em X-Men, das brincadeiras e da risada alta. Não, não era possível. Eu chegaria lá e ele estaria com o ombro enfaixado, sentado na cama do hospital, revoltado por terem roubado sua máquina. Sim, ele deveria estar bem! Mas a frase dita algumas horas antes martelava as minhas têmporas: “Ele veio a óbito”. Não, nada estava bem. Era verdade. Havia acabado. Os Quadrinhos, o namoro, as brincadeiras, a risada fácil, a amizade, a presença. Tudo havia acabado. Toda a história planejada, todos os sonhos, todo o passado e todo o futuro. Acabado. Tudo. Talvez minha mãe não agüentasse suportar a perda do filho. Talvez meu pai também não. Talvez eu tivesse que ficar sozinha nesta droga de planeta, vendo as atrocidades diárias e sofrendo para sempre. E os vagabundos ainda ririam da minha cara como se dissessem; -“quem mandou você escolher este caminho? Neste país, só quem é estúpido paga impostos, trabalha, estuda, cria os filhos. Nós roubamos e somos perdoados, temos proteção e perdão legais, além de sermos retratados como pessoas boas e honestas que sonham com a liberdade quando somos presos...”.

Não, eu não queria continuar. Não valia a pena.

Mas eu ainda tinha o Luiz, tinha meu pai e minha mãe. Entretanto, se a vida era tão frágil e a morte tão estúpida, quem me garantiria que amanhã eles estariam aqui?

O Hermes seria a continuação do nome da minha família. Lembrei-me do telefonema do dia anterior, que eu não atendi. Agora, o nome do meu pai morreria com ele.

Pensei sobre a pessoa que a partir deste momento jamais voltaria a ser vista com vida, na história que não teria continuação, dos projetos que ficariam estagnados para sempre. Da vida interrompida. Estupidamente interrompida.

Nebulosa Cabeça de Cavalo

Morávamos em uma casa modesta, próxima ao aeroporto de Sorocaba, desde o início dos anos oitenta, quando deixamos a casa de minha avó. Vivemos por seis anos no porão da casa da minha avó materna enquanto meus pais economizaram seus rendimentos para dar a entrada em uma casa própria. Entretanto, perderam todas as economias para um estelionatário que montou uma imobiliária fantasma e enganou dezenas de famílias. Depois do calote e do negócio ser repensado, a solução foi o financiamento.

Hermes, como todo garoto, tinha um interesse genuíno por tudo que era paterno. Seguindo o exemplo do pai, parou de comer carne ainda menino, se preocupava com a alimentação e abominava álcool e cigarros. Depois, tomou gosto por um passatempo, também incentivado pelos interesses do pai: olhar as estrelas.

Passavam horas falando sobre as constelações de Áries e Libra, sobre os anéis de Saturno e as crateras da Lua. Meu pai acreditava que os signos influenciavam o comportamento humano e que as personalidades seguiam o conjunto de características relacionadas com as datas de seus nascimentos. Mas, ao contrário do pai, Hermes se interessou por astronomia e não via nenhum sentido em astrologia.

Nos fundos da casa, pai e filho fitavam o céu e conversavam sobre planetas, estrelas e constelações.

-Hermes, eu tinha um telescópio quando você era pequenininho, mas você e sua irmã o estragaram fazendo-o de brinquedo. Sabe, vou comprar um telescópio novo para você. Você precisa ver como Saturno é bonito!

-Verdade? E dá para ver Marte?

-Êta, marciano! - falava isto em alusão ao planeta regente do signo de Áries - Lógico que dá, tem até lente especial para ver o sol!

-Puxa, que legal!!

Depois de ganhar o telescópio, seus dias ficaram completamente cheios, principalmente porque ele ganhou de gorjeta um microscópio. Durante o dia, após voltar da escola, passava horas estudando gotas de sangue, fios de cabelo, fungos, células da pele e lendo livros sobre astronomia e biologia. Nas noites límpidas passava horas analisando as estrelas no telescópio.

Começou a ler os livros de Isaac Asimov e gostou muito de "Uma breve história do Tempo" de Stephen Hawking. Passou a estudar sobre os sistemas planetários, suas

órbitas, seus nomes e localizações. Apesar do aspecto púbere, os traços um pouco rechonchudos e a fisionomia infantil, desatava a nos dar longas explicações sobre a formação das nebulosas, a idade das supernovas e explicações de teorias das formações de buracos negros e matéria escura presente no universo. Chamava a família ao quintal para explicar o que estava aprendendo:

-Pai, venha ver os anéis de Saturno - falava enquanto espiava através das lentes do telescópio - devem ser os rastros de antigas luas, satélites que provavelmente foram desintegrados e ficaram gravitando em torno do planeta.

Ele tinha especial fascínio pela Nebulosa Cabeça de Cavalo e desandou a explicar que nebulosas são formações gasosas em áreas específicas de nuvens moleculares, formando desenhos como as nebulosas escuras na Constelação de Órion. Não entendi nada e não enxerguei nada no telescópio, mas vi uma foto maravilhosa mais tarde que esclareceu o porquê de tamanho fascínio por simples poeira de estrelas.

Aprendíamos com nosso pequeno prodígio sobre a constelação de Escorpião que ficava ao lado esquerdo da Crux, a conhecida Cruzeiro do Sul e que as Três Marias na realidade chamavam-se Alnitak, Alnilam e Mintaka e formavam o cinturão da Constelação de Órion. Explicava-nos que a Ursa Maior não podia ser vista no hemisfério Sul e outras estrelas e constelações que eu nunca conseguiria encontrar sozinha. Nesta idade ele já conhecia mapas celestiais e estudava o assunto com vívido interesse.

Hermes começou a tomar gosto por desenho nesta época e lentamente passou a ganhar intimidade com os pincéis. Transcrevia para o papel o que os olhos haviam registrado na noite anterior através das lentes refletoras e gradualmente começou a dedicar mais tempo à pintura e ao aperfeiçoamento dos traços, focando seu interesse nas estrelas. Nesta época fez uma série de desenhos de planetas e os transcreveu para camisetas que utilizava regularmente. Pintou uma camiseta com dois planetas e o texto "Olhe para o Céu" e a usava constantemente.



Arte: Hermes Tadeu

Rabiscava tudo que encontrava pela frente, iniciando seus trabalhos pelos desenhos de planetas, depois passando para cópias de desenhos de animais, personagens da Disney e da Turma da Mônica. Aproveitava as visitas do tio Déde e passava horas questionando técnicas de desenho, principalmente sobre os heróis dos quadrinhos.

Déde era um bom desenhista e gostava muito de HQs. Tinha tino para a cópia de personagens e chegou a criar um novo herói, chamado "Capitão Mercúrio" cujos originais de histórias inteiras criadas por ele eram guardadas juntamente com os desenhos de seus heróis mais queridos: Capitão América, Flash Gordon e Tocha Humana.

Sempre trazia os desenhos para o sobrinho ver e contava as histórias de sua época, exemplificando técnicas de pintura, hachuras, percepção de objetos em relação ao horizonte e pontos de fuga:

-Estes desenhos eu fiz com nanquim. Veja como o preto dá vida ao desenho!

-Como o senhor faz? Passa o preto primeiro?

-Não. Primeiro você tem que fazer o traço a lápis, depois preenche com as cores e

presta bastante atenção na hora de fazer o tom de pele que é o mais difícil. Por último, você dá o acabamento com o nanquim preto e pode usar uma caneta tinteiro. Os desenhistas fazem as hachuras para dar uma noção de sombra sem carregar demais, sabe?

-Ah! E quem é este aqui? - perguntou apontando um herói tipicamente americano, que parecia enrolado na bandeira e o orgulho estampado no rosto.

-Este é o Capitão América e esta aqui ao lado é a Miss América. Está vendo o brilho azul no cabelo dela? Dá um ar mais realista do que pintar todos os fios de preto. Sabe Hermes, o bonito dos heróis era a roupa. Se você fizer as roupas de acordo e conhecer a personalidade deles para deixá-los mais caracterizados, você consegue deixar o desenho "vivo".

-Você nunca trabalhou com isto, tio? - perguntou com interesse sincero.

-Não, nunca deu certo. Era difícil. -pensou um pouco enquanto analisava os desenhos, num misto de nostalgia e orgulho.

-Será que um dia eu vou ser desenhista? - olhou com um desejo sincero nos olhinhos infantis.

-Claro. É só se dedicar. Mas é uma área bem difícil. Ainda mais no Brasil, onde não existem heróis e os únicos Gibis comerciais são do Maurício de Souza.

Meu pai muitas vezes entrava no assunto para dar suas opiniões sobre o uso das cores, sombras e anatomia. Era fã da Mulher Maravilha e dos personagens infantis como o Gasparzinho, Gaguinho e Pato Donald. Fez inúmeras exposições de seus quadros e caprichava nos personagens para torná-los mais coloridos e vívidos.

Hermes começou a estudar anatomia humana e animal e gastava suas tardes copiando rostos, animais, vegetação e texturas. Os heróis o acompanhavam por influência do pai e do tio e suas fisionomias foram se tornando mais elaboradas.

Passou a considerar a profissão de desenhista como projeção de futuro e mesmo quando todos nós achávamos graça de seu sonho infantil, ele ria e deixava de lado. Ele sabia que conseguiria e que nós veríamos o resultado.



Arte: Hermes Tadeu

Daniella Perez

A inocência infantil acabou após um acontecimento que para muitos foi por demais distante, um evento da mídia, mas que trouxe mudanças marcantes no pré-adolescente: O assassinato da atriz Daniella Perez.

Aos quatorze anos, Hermes assistia à novela "De Corpo e Alma" de autoria da mãe da atriz, Glória Perez. A trama era leve e Daniella era coadjuvante, apesar da beleza da atriz chamar a atenção e garantir um espaço cada vez maior nos capítulos escritos por Glória.

Daniella era Yasmin, uma jovem dançarina que tinha três admiradores: os personagens dos atores Eri Johnson, Fábio Assumpção e Guilherme de Pádua. Era com Guilherme de Pádua que as brigas das personagens eram mais latentes, pois o Bira era ciumento e descontrolado.

Em 29 de dezembro de 1992, estávamos assistindo televisão de manhã e uma chamada de emergência interrompeu a transmissão:

"Informamos que a atriz Daniella Perez, a Yasmin da novela "De Corpo e Alma" foi assassinada na noite de ontem. Investigações indicam que o responsável pelo crime pode ser o ator Guilherme de Pádua, o Bira, personagem da mesma novela."

Os dias que se seguiram tornaram-se um caleidoscópio de imagens, frases, fotos da atriz, homenagens e informações atrapalhadas. Houve momentos em que se confundiam atores com personagens e ocasiões em que se procuravam explicações sérias ao mesmo tempo em que se exploravam as imagens da vítima, deitada em um matagal, com dezoito perfurações no tórax e pescoço.

Para muitos, foi apenas um fato televisivo. Um crime entre famosos.

Para o Hermes não foi tão simples assim. Ele deixou a infância e mergulhou em uma sombria fase adulta após este episódio. Ficou calado e pensativo por meses. Colecionava todas as fotos, entrevistas, revistas e escreveu um diário. Quando perguntávamos o que estava acontecendo, começava a questionar os motivos que levam um ser humano a atentar estupidamente contra a vida de outro, negando a deste indivíduo todos os direitos naturais e o condenando ao silêncio e ao esquecimento eternos. Questionava qual teria sido o futuro da atriz, quanto mais ainda poderia realizar, já que era tão jovem.

Uma vez meu pai interveio e tentar passar-lhe um pouco de espiritualidade, pois a história estava mexendo com seus sentimentos em demasia. Meu pai era espiritualista, apesar de não frequentar nenhuma igreja ou centro espírita. Ele acreditava em

reencarnação e nos ensinou que estamos aqui apenas de passagem, vestindo uma roupa terrena, que será abandonada após um curto período de tempo. Para ele, estes conceitos sempre foram muito claros e reais.

Apesar de não serem religiosos, nossos pais sempre passavam a certeza da existência de Deus e os exemplos de Jesus como código de ética e conduta.

-A justiça de Deus funciona, filho. A dos homens é falha, mas aqui se planta aqui se colhe. Não é possível plantar algo e deixar de colher depois. Plantou, tem que colher. É a lei de causa e efeito. E a vida não acaba nunca, a vida continua. Não paramos aqui, continuamos vivos do outro lado, apenas mudamos de plano.

-Pois é, mas ela não devia ter parado. Por que uma pessoa faz uma coisa dessas? Não é justo, não tem sentido! No fim, os assassinos vão ficar alguns anos na cadeia, sairão, seguirão as vidas e a Daniella nunca mais terá este direito! Não vai poder continuar a vida, só porque eles não quiseram que ela continuasse...

-Olha, a vida do lado de lá é quase igual à vida aqui. Quando eu era moço, fazia exercícios de projeção astral, para sair do corpo e descobrir o que existe do outro lado. Uma vez, vi minha mãe varrendo o chão lá fora e depois fui sugado para um lugar que se parecia com um hospital, onde pessoas estavam conversando. Algumas pessoas sofriam e outras pessoas as ajudavam. Mas eles não podiam me ver e eu não podia ouvi-las, apenas percebi que sofriam pela expressão em seus semblantes. Perguntei-me o que elas haviam feito para sofrerem assim "do lado de lá". Então, a vida do outro lado é muito parecida com a vida aqui. Eu vi que o espírito é uma força enorme, rápida, que ilumina tudo em volta. Tenho certeza de que a vida continua e que isto aqui é só matéria. E a matéria fica para trás. A morte não existe.

- Mas não tem sentido alguém interromper a vida de outra pessoa desta forma! Ninguém tem este direito!

O Hermes passava boa parte dos dias quieto, com as mãos nos bolsos e o olhar distante.

No último capítulo em que apareceu a atriz, depois de gravarmos o especial, ficamos conversando na sala sobre o que aconteceria com os assassinos, sobre a sensação de impunidade, a sensação de impotência e uma tristeza sincera pela mocinha que havia perdido a vida de forma tão brutal e estúpida. Ficamos até madrugada, aproveitamos para rever as fitas gravadas e eu entendi um pouco da tristeza dele.

Em sua visão, a vida dela tinha todo um sentido e um curso normais, que aconteceriam e que serviriam para determinar seu destino neste planeta. O que era inexplicável era o fato de uma pessoa alheia ao seu caminho, interceder e interrompê-lo, simplesmente por que assim o desejou. Não era natural e, portanto, injustificável.

Às vezes eu comprava as revistas em duplicidade, uma para mim, outra para ele. Ficávamos conversando, indignados com a monstruosidade deste crime. Os crimes não eram tão comuns na época e ainda ficávamos chocados quando seqüestros ou assassinatos eram noticiados.

Três meses depois do assassinato, o sensacionalista (e extinto) jornal "Notícias Populares" publicou uma homenagem à atriz. Em conjunto com a homenagem, havia a publicação de abaixo-assinados que exigiam a revisão das leis que permitiam a utilização indiscriminada de atenuantes e do concurso de primariedade, para que estes recursos não fossem utilizados no caso de crimes premeditados, cruéis ou bárbaros contra a vida humana. A mãe da atriz Glória Perez, pedia que o Homicídio Qualificado fosse enquadrado na recém-criada Lei dos Crimes Hediondos (Lei Nº. 8.072/90), que exigia punição mais rigorosa para homicídio praticado por grupo de extermínio, latrocínio (roubo seguido de morte), extorsão qualificada pela morte, extorsão mediante seqüestro, estupro, atentado violento ao pudor, epidemia com resultado morte e genocídio. Esta lei permitia a prisão temporária do réu até o julgamento e exigia que a pena fosse cumprida integralmente em regime fechado.

O que deu um novo sopro de vida ao adolescente foi recortar os abaixo-assinados que eram publicados no jornal e coletar assinaturas com os familiares, vizinhos e amigos para envio das folhas preenchidas ao endereço da redação. E assim o tempo passou.

Depois que o Hermes nos deixou, tivemos que procurar por alguns documentos em seu quarto e eu encontrei uma espécie de diário contendo dezenas de fotos da atriz, entrevistas, artigos de revistas e textos manuscritos por ele.

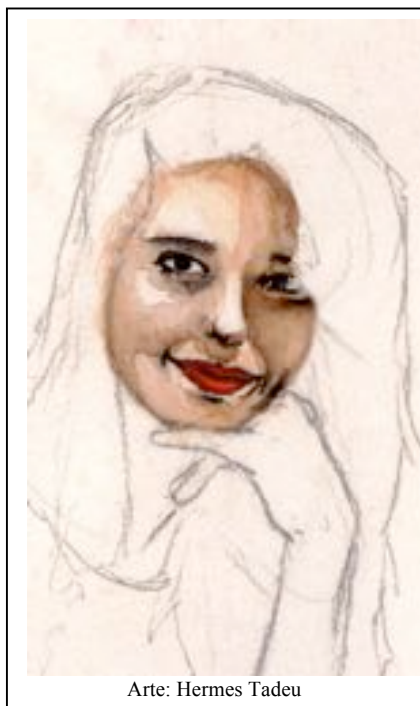
Muitos trechos diziam respeito à elucidação do assassinato, como descrições apresentadas da arma do crime, depoimento dos suspeitos, além de diversas versões para o crime, publicadas nos meios de comunicação da época. Mas, algumas páginas em especial, traduzem um pouco sobre o que este menino de quatorze anos compreendeu e sentiu desta tragédia e porque este evento teve tanto impacto em sua vida.

Transcrevo aqui as páginas finais deste diário, para que seja possível compreender melhor como aquele 28 de dezembro impactou esta fase de sua vida e qual foi sua percepção em relação ao ocorrido:

"28 de Dezembro de 1993

Um ano passou. Parecia não estar presente no calendário de 92, mas estava presente o ano todo, a morte sem descanso.

Um ano de uma tragédia, com muitas lembranças do final de 92. Claramente me lembro da manhã de 29 de dezembro de 92, em que me levantei e na sala estavam a minha mãe, minha irmã e o namorado Luiz, todos conversando com a televisão desligada. Perguntei:



Arte: Hermes Tadeu

-Vocês não estão vendo impeachment do Collor?! - liguei a TV e fiquei assistindo, pouco interessado quando, quebrando a monotonia, apareceu um flash com a inacreditável notícia: "Assassinada no Rio a atriz Daniella Perez, a Yasmin da novela De Corpo e Alma".

-Aquele mocinha bonita? - perguntou minha mãe.

-A Yasmin... - respondeu minha irmã.

Não entendi direito, fiquei pensando que talvez tivesse sido um assalto seguido de morte. Eu disse:

-Ah, É assim mesmo, ninguém pode sair na rua...

Logo, na TV, levantaram a hipótese de ser o "Bira".

-Não pode ser, e se não foi ele? - falei. Mas se é suspeito, acho que foi ele mesmo, senão nem aparecia, pensei.

Quando meu pai chegou, falei:

-Você viu pai, o Bira matou a Yasmin da novela!

Ele respondeu que "os caras" falaram para ele, mas ele achou que fosse brincadeira.

Os dias que se passaram foram horríveis, eu não dormia e não comia, emagreci quatorze quilos. Sem perceber, vivia. Foram as piores férias da minha vida, o pior fim de ano, antes do dia 28 eu estava alegre e disposto e querendo fazer muitas coisas. Ficava pensando na música "Eu quero apenas" do Roberto Carlos e tentando entender.

Um sentimento muito estranho me invadiu quando fui comprar a primeira revista sobre o crime. Não achei a Veja e comprei a Manchete. Quando vi, saiu aquela foto linda da Daniella naquele vestido azul. Bateu um sentimento muito forte de perda, não sei explicar, sei que foi como um choque ver a revista.

Tenho muitas lembranças da Yasmin antes da morte, lembranças de cenas com o Bira, sempre implicando com a Yasmin quando ela mudava o espelho para passar batom, sentando-se no capô. Na época eu comentava muito sobre ela com o meu primo.

Sento agora e fico imaginando como está o Raul Gazzola, a Glória Perez e as pessoas mais próximas.

Só o que se vem a pedir é justiça e paz para a Daniella e para milhares de outras pessoas boas que perderam a vida assim*, enquanto milhares de assassinos e marginais estão vivos e podem andar sossegados pelas ruas.

*infelizmente, interrompidas por um assassinato.

Madrugada de 28 a 29 de dezembro de 1993.

Adeus,

Hermes"

21 de Dezembro de 2003 - Asas Negras

Chegamos à Praia Grande perto da meia-noite. Na entrada da cidade, milhares de luzes amarelas em uma ponte desenhavam duas gigantescas asas de anjo no céu. Era Natal. Sob o céu negro, as duas asas negras pareciam contornadas por fogo. As asas do corvo. Asas da morte.

Entramos na cidade deserta, no início da madrugada de segunda-feira.

Chegamos a frente ao apartamento. Subimos as escadas. Na porta, meu pai, pálido, com olheiras profundas, os olhos vermelhos.

-Você viu o que aconteceu?!

O abracei, não sabia o que mais podia fazer. Queria falar: “pai, se eu pudesse queria que tivesse sido eu, mas ninguém me perguntou e não tenho para quem falar isso! Pai, não sei se ele está bem, não entendo o que está acontecendo, só sobreviva a isto, por favor! Não morra também!” Mas é claro que eu não falei nada disso. Aliás, não falei nada. Não sabia o que falar.

Entrei, minha mãe e a Le estavam abraçadas, chorando alto desesperadas. Abracei as duas e chorei. Mas alguém tinha que levantar aquelas duas, se não, todos não acordariam na manhã seguinte. Eu tinha que agüentar! Pra quê mais eu iria servir, então?

-Dalila, ele morreu!!! O cara o matou!!! Ele chegou, pediu a máquina e atirou no peito dele!!! Matou assim, sem mais nem menos!! Matou!

Minha mãe não sabia o que fazer, estava sem forças até para falar.

-Meu filhinho... Meu Deus! Meu filho! Não é possível... Dalila, atiraram... O Hermes...

Dei água com açúcar para as duas. A Le estava vestindo a jaqueta de couro dele e as luvas de moto e ficava andando de um lado para outro da cozinha do apartamento, como se estivesse em transe. Minha mãe se deitou, abraçada à blusa que tinha ganho dele, ainda estava meio grogue com a injeção que tinha tomado no hospital e chorava sem parar. Não conseguia falar direito, balbuciava repetidamente: “meu filho... meu filhinho...” e continuava chorando.

Na sala, as malas estavam em cima do sofá, da mesma forma como haviam sido deixadas no momento da chegada. O objeto do roubo deixado para trás: uma máquina fotográfica digital (que não valia nem R\$ 500,00) estava em cima da estante, com o encaixe da bateria quebrado e areia na lente. Por que este vagabundo não tinha levado esta porcaria desta câmera? Por que não pegou a câmera e simplesmente levou? Por que atirou nele? Por que o matou?!

Resolvi que devíamos sair para comprar uns calmantes. Fomos eu e o Luiz, até uma farmácia que ficava há uns dois quarteirões dali. No caminho, víamos em todas as esquinas trombadinhas encarando as pessoas, gritando e se divertindo. Adolescentes batiam pedaços de paus da rua e faziam questão de encarar todos que passavam. E se o

assassino fosse um deles?

Sempre tive a certeza de que se alguém matasse alguém da minha família, eu seria capaz de matar esta pessoa com minhas próprias mãos. Agora eu estava pensando que eu queria meu irmão de volta e que aquele assassino sem rosto deveria ser alguma sombra que não tinha nenhuma importância para mim. O que me importava, não estava lá. Eu não iria perder meu tempo pensando em assassinos, suas mães que pensassem neles...

Voltamos com medicamentos leves e com um sentimento pesado de que nada poderia trazer algum alento aos nossos corações.

A noite não passava, mas precisávamos vencê-la, pois só fariam a autópsia no dia seguinte, às nove horas da manhã.

A cada hora uma levantava para chorar, eu levantava e abraçava, dava água com açúcar e punha na cama. Meu pai era o mais forte, não tomou água com açúcar e fingia que estava dormindo para não dar trabalho a ninguém.

Minha mãe começou a chorar alto mais uma vez. Fui até ela.

-Dalila, me desculpe minha filha, mas eu não vou agüentar! Desculpe-me, eu não vou agüentar...

-Mãe, a senhora tem que agüentar! O que eu vou fazer se vocês desistirem? O que eu vou fazer se vocês começarem a ir embora daqui e me deixarem aqui? A senhora tem que agüentar mãe, por favor!

-Coitado, Dalila! Não fez mal nenhum para ninguém! – a voz foi estrangulada. Respirou, enxugou os olhos e continuou falando baixinho – Estava contente, coitado, brincando na praia com a Le, conversando com a gente!

-Durma um pouco, mãe, tente dormir.

- Dalila, ele estava dando risada, chegou contente e me abraçou e eu fiquei feliz de ele ter vindo... por que, Meu Deus? Por quê? Por que esse diabo fez isso? Ele só estava descansando Dalila, só descansando...

Levantei, olhei pela janela para o mar, escuro, lá fora. Desejei de todo o meu coração que o vagabundo que tinha feito isso sofresse muito, pelo resto de seus dias. Não desejei que morresse, afinal, talvez fosse bom para ele... Eu desejei que ele vivesse muitos miseráveis anos, e que sofresse todos os dias de sua inútil vida, que ele morresse sozinho, após dores horríveis e podridão em todo o corpo... Um dia ele estaria correndo como um cachorro pelas ruas e levaria um monte de balas. Seria jogado em uma vala fétida e teria o rosto cuspidado. O lixo voltaria ao lixo.

A noite passou arrastada. Eu queria gritar. Transformar toda aquela dor em um imenso grito, que pudesse exprimir toda a raiva, a tristeza, a perda, a impotência. O que realmente importa nesta vida, não avisa e não tem solução. Não há negociação, não há aceitação, não há avisos. Passamos a vida toda acreditando que nossos enredos medíocres são mensurados por características como honestidade, caráter e decência e que a inteligência universal traz para os trabalhadores o trabalho, para os honestos a virtude, para os dignos a recompensa. Mas acreditamos em tudo isto apenas para

explicarmos para nós mesmos que deve haver um sentido em tudo que não faz sentido nenhum. No final, estamos todos sós.

Olhei novamente para a jaqueta e a mochila na penumbra. O capacete na estante. Minha mãe chorando sentida no quarto. A Le levantou de novo. Água com açúcar. Força. Meu pai levantou e foi ao banheiro. Ficou andando de um lado para o outro quieto. Vocês precisam agüentar, pelo amor de Deus.

Olhei para as sombras dos pertences espalhados no mesmo apartamento de anos atrás. Na estante cheia de livros empoeirados, estava um capacete negro, que nunca mais seria usado. Sob o sofá, estavam a jaqueta e a mochila. Parecia mentira que aquelas coisas se transformariam na mesma matéria esquecida daquela estante de livros, parada no tempo, sofrendo com as traças, com a poeira, com o tempo. Não. O Hermes não era isso. O Hermes era meu irmão e aquela mochila havia sido preparada para que ele pudesse usá-la. Aquela jaqueta era dele e ele precisaria dela para poder voltar de moto para casa. Mas ele nunca mais voltaria para casa. Nunca mais colocaria a jaqueta. Estávamos todos ali, mas ele não estava ali. Ele estava no IML, sozinho. Não, sozinho não. Morto.

Depois de muito tempo o sol começou a aparecer. Aquele amanhecer me marcou muito. Quando algo muito grave acontece, temos a sensação que o tempo pára à nossa volta. Há um silêncio real, como se milhares de vozes se calassem ao mesmo tempo. Exteriorizamos esta impressão e temos a insensata sensação de que o tempo realmente parou. Mas o sol nasceu. E a sensação do sol nascendo de novo me fez perceber que nada do que acontece neste mundo, importa realmente. O sol sempre nasce, por mais que desejemos nunca mais vê-lo. As pessoas saem às ruas, comem, brincam, riem e o mundo continua a girar. Os que ficam na estrada, simplesmente ficam...

Quadrinhos

De personalidade determinada e com capacidade clara de definição de caminhos a serem traçados, Hermes viveu sua vida como se estivesse em uma corrida de cem metros rasos. Tudo era feito como se não houvesse tempo a perder e não raro passava mais de uma noite em claro para concluir o que havia começado. Não sabia o que era feriado, Natal, Ano Novo ou férias. Nunca as tirou.

Hermes era alegre e fazia questão de quebrar o gelo com brincadeiras, além de manter sua rede de amigos por toda a sua vida.

O mundo parecia querer conspirar para que todos os seus desejos nunca se realizassem, mas o mais incrível é que no decorrer do tempo, eles foram aos poucos se realizando. Tornou-se uma dessas pessoas que conseguem transformar situações dramáticas em engraçadas e não se incomodar muito com os tombos. Aprendeu a duras penas a animar todos à sua volta e ainda assim achar forças para animar a si mesmo, mesmo nos piores momentos.

Quando saiu da oitava série (hoje, ensino médio) o incentivamos a fazer Projetos de Mecânica, pois, deduzimos que como ele tinha muito talento para desenhar, provavelmente daria um bom projetista.

Não tomou gosto pelo curso e pensou em desistir inúmeras vezes. Nesta época, fomos ficando mais amigos e deixando as brigas infantis para trás.

Aos dezesseis anos arrumou emprego em uma loja de artigos para festa, onde ele passava o dia inteiro lixando placas de isopor para transformá-las em personagens infantis e passava as noites trabalhando em ilustrações para montar seu portfólio de arte, a maioria dos quais coloridos através do aerógrafo. Nesta época um proprietário de uma escola infantil chamado Jairo, conheceu seu trabalho na loja e convidou-o para pintar a fachada de sua escola, chamada Childrens. Hermes criou uma proposta e esta foi aceita. Desenhos com motivos infantis tomaram as paredes de toda a escola. Na grande placa que ficava no alto do muro da fachada, foi desenhado um estudante de óculos, um iô-iô em uma mão e livros na outra, ao lado do nome da escola. Nas paredes abaixo, as sombras de diversas crianças que pulavam corda e jogavam bola, distribuídas por todo o muro. Foi a primeira vez que vimos sua assinatura em um local público.

Procurava se inscrever em alguns concursos de charges e desenhos de humor, mas seu estilo era mais voltado a desenhos realistas e sombrios. Creio que por isso os heróis dos quadrinhos acabaram vindo de encontro com seu talento.

Seus heróis eram eleitos por seus traços humanos e por sua persistência em vencer. Elegeu Wolverine e Spiderman como seus heróis preferidos, pois tinham habilidades

especiais e eram humanos o suficiente para reconhecer que tinham certa dificuldade em controlar seus poderes, além dos tormentos naturais dos heróis que ficam à margem dos humanos normais.

Comprou um aerógrafo e começou a montar o que seria seu book. Conforme desenhava personagens, aprimorava os traços e corrigia os erros de anatomia. Comparava seus desenhos com os desenhos de Alex Ross, Roger Cruz, Royo e outros grandes nomes dos quadrinhos e procurava melhorar cada vez mais.

Um de seus melhores trabalhos foi um desenho em aerógrafo do filme "O Corvo". Este filme se tornou um de seus preferidos e acabou virando desenho em homenagem ao ator Brandon Lee, que encarnou o papel principal na película.

Bruce Lee fora um grande ídolo da pré-adolescência do Hermes, dividindo a atenção do garoto pelas estrelas. Ouvimos falar do filme do filho de Lee antes de sua estréia, ainda durante as filmagens. Como assistimos até o "Besouro Verde" porque o protagonista era o Bruce Lee, estávamos esperando o lançamento do filme que com certeza o Hermes assistiria e nos arrastaria para uma sessão de cinema por livre e espontânea pressão. Mas, aconteceu algo antes do lançamento em 1994.

O filme era baseado em uma HQ e a história girava em torno das tragédias que fazem nascer os heróis. No enredo, personagem e sua noiva são assassinadas em uma noite de Halloween. Ao protagonista é dada a chance de retornar dos mortos e vingar suas mortes. Sua ponte de ligação com o mundo dos vivos é um corvo. É através da visão do corvo que a personagem encontra seus algozes. Em uma das cenas do filme em que vários personagens atiravam em Eric Craven (personagem), o ator Brandon Lee recebeu um tiro de verdade de uma das armas que deveriam estar carregadas com balas cinematográficas. Assim como seu pai, Brandon Lee morreu jovem e de forma trágica.

Por ter se tornado um grande fã deste filme e pela natural empatia que sentimos pelos heróis nascidos das vinganças aspiradas nas grandes tragédias, Hermes colocou no papel a reprodução de uma cena de Brandon com o rosto pintado em uma sala escura, que acabou captando toda a atmosfera do filme e todo o sentimento do personagem em sua ilustração. Este se tornou um de seus trabalhos preferidos. Até uma versão feminina da personagem foi criada.



Arte: Hermes Tadeu

Em conversas descontraídas com sua namorada, anos mais tarde, Hermes costumava se comparar ao Bruce e ao Brandon e brincando dizia que deixaria esta vida ainda jovem...

Assistimos ao filme do Corvo em casa uma noite e conversamos sobre esta tragédia que acometeu o ator principal.

-Vi um documentário sobre o Bruce Lee em que ele contava que sentia que existiam

demônios o perseguindo. - falou ele, pensativo - Uma vez ele teve um sonho em que apareciam ele, a esposa e o filho Brandon. Eles estavam em um cemitério e um grande demônio apareceu e exigiu que ele se entregasse e entregasse seu filho. Ele falou que não se entregaria e pediu para o filho se esconder. Então o demônio o pegou e falou que após destruí-lo, ele voltaria para buscar o Brandon.

-Credo! Que história horrível - falei.

-Existem coisas esquisitas não? Sei lá. Mas eu acho que às vezes viemos para cá e trazemos conosco algumas pessoas que não querem o nosso bem e fazem um monte de coisas para nos destruir.

-Como assim? Espíritos?

-Não sei. Sei que estas pessoas que enxergam estas coisas normalmente sofrem muito até conseguir alguma coisa e parece que quando conseguem, acabam em tragédia.

-Não sei se eu acredito nestas coisas, mas como diz aquele ditado "no creo em brujas, pero que las hay, las hay"...

-Eu também não sei. Sei que às vezes sonho com coisas ruins que vem me buscar e eu tenho que lutar muito para acordar. Não conte para a mãe, mas uma vez acordei e não conseguia me mexer. Em cima de mim eu sentia uma pessoa com muita raiva e podia até sentir sua respiração. Fiquei um bom tempo quieto, tentando gritar ou me mexer, mas eu não conseguia, pois estava completamente paralisado.

-E daí, o que você fez? - perguntei, assustada com o relato.

-Comecei a rezar e aos poucos a sensação foi sumindo. Olhei em volta e não havia nada.

-Você não estava sonhando?

-Não, eu estava acordado. Mas sei lá. Quando estas coisas começam a aparecer ou os sonhos começam a ficar ruins, as coisas começam a dar errado. Aliás, isto é o que mais acontece.

Ele já havia comentado este tipo de coisa comigo, em que muitas vezes ele acordava à noite com a sensação de não estar sozinho no quarto. Uma vez eu mesma ouvi uma voz chamando seu nome na cozinha, acreditei tratar-se do Lucas, mas não havia ninguém na casa visitando-o. Resolvi mudar de assunto.

-Não pense assim, afinal você fez aquele trabalho legal na Escola Childrens e todo mundo que passa lá vê e pode te contatar. Apesar de que eu acho que você deveria colocar seu nome maior no muro.

-Nããã, está bom daquele jeito lá.

Nesta época além das esculturas em isopor, ele pegava uns bicos de segurança da loja em que trabalhava, estudava à noite e fazia algumas pinturas em fachadas.

-Putz, Dalila, ficamos num quartinho no fundo onde não tem água, nem luz, aliás, nem banheiro tem, temos que correr um bocado se não quisermos passar vergonha - falou rindo.

-Mas fique na boa, que logo você arruma coisa melhor. Por que você não tenta trabalhar na produção de alguma fábrica? Aí você continua com este negócio de desenho à noite, como bico.

-Ah... não sei não...

-Sei lá, o pior é que você vai continuar trabalhando nestas coisas que não dão dinheiro e depois quando você resolver arrumar um bom emprego vai ser difícil...

-Eu não queria trabalhar com desenho mecânico, não aprendi nada na escola. Pô, os desenhistas de São Paulo ganham um bom dinheiro, você acha que não? Já pensou quanto uma editora paga por página de HQ? Ou por colorizar uma revista inteira?

-É, continue tentando, lógico, mas veja em paralelo alguma coisa mais concreta.

Eu não acreditava que ele poderia ganhar dinheiro com quadrinhos. Para mim, trabalhar significava carreira, emprego, salário. Graças a Deus que eu estava errada.

Ele acordava cedo, trabalhava o dia todo, ia para a escola à noite e de madrugada preparava seu portfólio. Passava as poucas horas que restavam em cima da prancheta, criando seus heróis, criando histórias e copiando desenhos prontos visando aperfeiçoar os traços.



Arte: Hermes Tadeu

Algumas vezes ele pegava o ônibus para São Paulo com a pasta embaixo do braço e ia tentar a sorte. Encontrava as portas fechadas. Mas ele voltava à noite e continuava com seu portfólio. Às vezes eu acordava no meio da noite com o barulho do motor do aerógrafo e encontrava meu irmão debruçado sobre a prancheta, colorindo heróis e heroínas dos quadrinhos.

- Hermes, são três horas da manhã! Você não vai dormir e desligar este bendito motorzinho?! - como era praxe ele estava curvado sobre sua prancheta, caprichando nos detalhes de um Superman, cujos traços lembravam muito a fisionomia de meu pai. Seu quarto tinha as paredes cobertas com pôsteres de animais e esqueletos, livros de astronomia e anatomia, gibis e rascunhos espalhados por todo canto.

-Já vou, já vou! Viu, sabe o que eu fiquei sabendo? O Alex Ross e os desenhistas profissionais tiram fotos das pessoas para poderem verificar as sombras e conseguirem deixar o trabalho mais realista! Por isso conseguem colocar as sombras nos lugares certos, acertar a anatomia e a iluminação da cena!

Pronto! A partir desta data, lá íamos nós, vestir roupas esquisitas e tirar fotos em cima das cadeiras, fazendo poses estranhas enquanto ele fotografava...

-Olha mais para cima! Agora faz cara de brava! - e para meu pai:

-Pai, veja se parece mais assustado, pára de rir! - dizia furioso, pois não éramos nem um pouco profissionais.

-Agora, carrega a Dalila, pois neste quadro ela recebeu um golpe e desmaiou.

-Ô loco! Ela está muito pesada!

E assim continuávamos por horas e horas. Quando ele vinha pedindo um favor já sabíamos do que se tratava, relutávamos bastante, mas tínhamos que admitir que os trabalhos que ele fazia apenas olhando para as fotos eram muito bons... Portanto sempre acabávamos posando como super-heróis de novo.

-Hermes, afina minha cintura, ok?

-Lógico, se não em vez de Adaga, vira uma Draga...



Arte: Hermes Tadeu

IML

Arrumamos as malas e fomos ao IML, o famigerado Instituto Médico Legal. Para mim, eram levados ao IML apenas os envolvidos em tráfico de drogas, brigas de bar ou eram encontrados em valas escuras. Vemos na televisão isto como uma realidade extremamente distante, sempre pensamos que nas nossas famílias, as pessoas morrem dormindo... Quanta hipocrisia e ignorância!

-Vocês querem ver o corpo? – era a funcionária.

Pensei um pouco. Pode ser que o mundo inteiro ficou louco e quando entrarmos lá estará o corpo de uma outra pessoa e o Hermes ainda está no hospital, com o ombro enfaixado!

-Queremos.

Entramos. Uma sala pequena e abafada, cheia de moscas. Nada de gavetões, nem geladeiras. Apenas uma grande caixa retangular de plástico branco suja de sangue e um corpo dentro.

Olhei. Sim, era ele mesmo. Nada de faixa no ombro, ou qualquer sombra de vida. Ele estava com os cabelos todos sujos de areia, nu, com uns plásticos cobrindo os genitais.

Os dedos das mãos e dos pés estavam roxos, no peito, um buraco da largura do meu dedão...

Não tinha como alguém sobreviver a um ferimento assim!

Depois pensei: este era o objetivo, de que ele não sobrevivesse...

O rosto estava virado para o lado esquerdo, os braços ao lado do corpo. A única coisa boa foi sua fisionomia: estava sereno e nos lábios parecia haver um ligeiro sorriso. Parecia estar dormindo. Olhei novamente para o ferimento da bala. Não, não estava dormindo.

Na correria de trabalhar até tarde e descer para a praia para passar um dia apenas, havia esquecido de fazer a barba. Agora iriam enterrá-lo assim, com os cabelos cheios de areia e a barba por fazer...

Lembrei-me do menininho, brincando de Jaspion no quintal, correndo... Lembrei-me do moleque, olhando as estrelas pelo telescópio... Lembrei-me do adolescente, triste, pensando que não iria conseguir sobreviver apenas desenhando... Lembrei-me dos amores frustrados, das noites solitárias em que ele ficava assistindo televisão, com o pensamento longe, sem falar nenhuma palavra... Lembrei das gargalhadas, da mania de brincar com todo mundo...

Tudo isso tinha acabado agora.

Para sempre.

Dentro daquela caixa, esperando pela autópsia, estavam todos seus sonhos, toda sua história, tudo o que ele já havia sido e tudo o que viria a ser...

Ninguém nunca veria seu casamento, ele nunca teria filhos, não ficaria velho, não iria mais aos shows de rock, não teria mais nenhuma revista publicada nas bancas, nunca mais voltaria para casa, não iria mais dar aulas, conversar com os amigos, brigar com a Le... Eu queria voltar no tempo, só algumas horas, atender ao telefonema da noite anterior, falar para ele não ir para a praia, ou falar para ele não pegar a máquina fotográfica naquele dia ou para ele enfiar um murro na cara daquele vagabundo quando ele chegasse perto. Queria voltar no tempo, trocar de lugar com ele, pois eu não faria tanta falta, eu não tinha talento, não desenhava, não era alegre, era apenas uma funcionária de uma empresa, sem nada de especial...

Não era possível...

O Hermes, não!

Qual seria o sentido disso tudo? Pessoas que batalham um monte sendo mortas e um monte de vagabundos, ladrões e assassinos perambulando por aí, tranquilamente?

Fiquei olhando para o meu irmão, meu único irmão, que estava ali sozinho naquela caixa suja, naquele IML fétido, cheio de moscas. Tinha visto aquelas caixas brancas na televisão, em geral carregando corpos de bandidos que morrem em tiroteios com a polícia. Mas, ali dentro, não estava um bandido. Estava alguém que nunca soube o que era um problema com a polícia. Nunca colocou uma gota de álcool na boca, nunca fumou, nem comia carne. Ali estava um jovem honesto, um homem digno e trabalhador. Era ao mesmo tempo um menino, com milhares de sonhos na cabeça, muita determinação e coragem e que estava trilhando um caminho que poucos haviam trilhado e obtido algum sucesso.

Como era possível? Por que ele não se levantava e saía dali?

Fiquei pensando que eu deveria me despedir, pois nunca mais o veria. Mas eu não queria me despedir dele! Ele era meu irmão mais novo, por que eu deveria me despedir? Gostaria de beijá-lo, mas fiquei com medo de que ele estivesse frio... E se estivesse frio? Com certeza ele estava frio. Deveria ser alguma espécie de sonho, não podia ser verdade!

Mas aquele corpo imóvel, frio, era real.

Olhei para a Le. Estava em prantos, falando com ele sem parar, tentava segurar nas mãos dele que já não se moviam, pedia para ele se levantar dali, sair daquele lugar, falar com ela. Achei melhor sairmos de lá, antes que ela tivesse um colapso.

Sáímos daquela sala horrível e lá fora, nos abraçamos e choramos muito. Eu queria gritar alto, mudar tudo, voltar o tempo. Queria acordá-lo, trazê-lo de volta, negociar esta partida, explicar que ela não tinha sentido e que não deveria ter acontecido. Mas não tinha ninguém para negociar. Queria que minha mãe não estivesse com tanta dor estampada nos olhos, tanto desespero, tanta tristeza. Queria que meu pai não estivesse tão abalado, andando como um fantasma de um lado para outro. Queria que o Hermes não estivesse naquela caixa. Frio, imóvel. Morto.

Chegou um pessoal da Rede Globo de Televisão para conversar com minha mãe. Eles tinham um jornal nas mãos. Perguntei para a repórter se era a matéria sobre o assassinato e ela confirmou. Peguei da mão dela. Li o título da edição de 22/12/03 de "A Tribuna":

“Turista reage a assalto e é assassinado”

No meio da reportagem, a foto do assassino.

-Pegaram este filho da puta??

-Pegaram. Ele falou que não queria matar o... Hermes, né? Mas ele reagiu...

-Reagiu nada!! Ele queria matar e matou! Matou porque quis! Quem sai com uma arma carregada de casa com o objetivo de roubar e não tem a intenção de matar?! Quem não quer matar ninguém não aborda as pessoas, aponta uma arma e atira! É um vagabundo! Trabalhar não quer! Vagabundo...

A repórter percebeu que eu não estava em condições de levar uma conversa normal e resolveu ir conversar com o outro repórter, longe dali.

Às 11h, o médico chegou para fazer a autópsia. A empresa funerária ainda tinha que vir de Sorocaba, buscar o corpo e leva-lo de volta à Sorocaba, prepara-lo e fazer o velório. O enterro teria que ser no mesmo dia, às 16h, pois o corpo já estava no IML desde a noite anterior. Com o laudo do legista, meu pai foi lavrar o atestado de óbito e então pudemos voltar para casa.

Chegamos em casa às 14h. Todos os vizinhos, num raio de alguns quilômetros, foram até a minha casa. Estavam todos chocados, pois o Hermes era muito brincalhão e conversava com todos que passavam. Todos o conheciam e estimavam. Todos nossos parentes foram chegando aos poucos, até primas que eu não via há alguns anos. Todos estavam muito chocados e entristecidos.

O Hermes sempre trancava as portas de seu quarto e do estúdio quando a casa estava vazia, temendo ter seus pertences roubados por ladrões que poderiam entrar na casa. Tivemos que arrombar as portas, pois tínhamos que pegar a agenda com todos seus contatos e avisar os do acontecido. Coube esta terrível tarefa à Le e a minha prima Ana. Também precisaríamos escolher roupas para ele vestir no velório. Meu marido e o pai da Le as escolheram.

O corpo não chegava, Estavam presos no congestionamento de carros dos turistas que estavam voltando do litoral. O enterro seria às 16h! Será que até isto o assassino havia nos tirado? Não poderíamos nem velar o corpo?

Para variar, tudo estava dando errado. O Legista que só atendeu no dia seguinte ao assassinato, o IML não tinha refrigeração, depois o atraso na chegada da funerária e agora o carro da funerária preso no trânsito. O corpo acabou chegando às 19h e o enterro ficou para o dia seguinte.

Fomos para o velório, muitas outras pessoas já estavam lá, aguardando a chegada do corpo.

Eu não conseguia chorar durante o velório. Ele era meu único irmão e eu não conseguia chorar.

Tio Déde

Sua decisão de aprimorar seus conhecimentos de desenhos foi incentivada principalmente pelo pai e pelo tio Deusdedit (o Déde), que sempre foram fãs de super-heróis e enxergavam o dom que ele tinha a aprimorar, e prosseguiu aprendendo técnicas de desenho e atingiu um nível de desenvoltura muito grande com os pincéis e mais tarde com os softwares de Editoração Eletrônica.

Enquanto isso, como bons brasileiros e, portanto, bons conselheiros, ficávamos palpitando nas decisões dele. Meu tio gostava de dar dicas que poderiam ser mais bem aproveitadas.

-Hermes, você tem que mostrar seu trabalho, não adianta colocar o nome apagado no canto do desenho.

-É... - respondia sem convicção nenhuma.

-Eu vi o desenho da Escola Childrens na General Carneiro. Ficou bom, heim?

Dede estava na sala, em pé, enquanto conversava. Tinha andado 10 km e estava explicando que saindo de casa ainda iria visitar a amiga Mariazinha e depois voltaria a pé para casa:

-Tem que fazer exercícios, não dá para ficar parado. Imagine, quem pode dizer que eu tenho mais de sessenta anos, heim? Às vezes saio com minha filha e tem gente que acha que ela é minha namorada! – e riam das observações.

-Tio, onde estão os desenhos daquele herói que o senhor criou, Capitão Mercúrio?

-Ah, estão guardados. Tenho uma caixa em casa cheia de personagens que eu fiz para apresentar na Editora Abril, mas nunca deu certo.

-Nunca te deram uma chance, tio?

-Na verdade, uma vez me chamaram. Fui até São Paulo, levei os desenhos e entrei no prédio. A recepcionista me pediu para aguardar, que o responsável iria me atender. Depois de muita espera, perguntei de novo e falei que eu tinha horário marcado, mas você acha que ele me atendeu? Peguei minhas coisas e voltei para casa, não estava ali para implorar nada para ninguém...

Ele ficou analisando o tio e imaginando se iria acontecer o mesmo com ele. Ambos tinham muito em comum: gostavam de quadrinhos e tentaram transformar este gosto em suas profissões. O tio estava hoje aposentado, mas havia trabalhado em indústrias e comércio durante toda a vida.

-Você tem talento, Hermes, mas precisa mostrar o seu trabalho. Minha época já passou. Não deixe passar a sua também, depois, não tem mais volta.

Ficavam horas olhando desenhos, analisando, dando opiniões sobre as cores, os traços, as características de cada personagem. Muitas vezes, meu pai se juntava a eles e os três ficavam falando sobre as adaptações para o cinema das HQs e sobre os heróis favoritos.



Arte: Hermes Tadeu

1997 - Primeira Oportunidade

O mercado de histórias em quadrinhos é muito restrito e tem uma clientela muito particular. No Brasil este mercado é ainda mais complicado, pois não temos heróis brasileiros (aliás, até nosso conceito a este respeito anda um pouco defasado), além de que as HQs e os gibis infantis precisam ter um preço popular para assegurar a venda. Um amigo chamado Renato uma vez descreveu esta situação de forma muito clara: o Brasil é carente de heróis. Quando perdemos o Senna, perdemos com ele nossa esperança e nosso modelo de garra e dignidade. Hoje, temos que importar os heróis americanos, cujos trajes são das cores da bandeira americana e os objetivos são salvar a maior potência mundial de seus inimigos. E nós? Quem são nossos heróis?

Portanto, trabalhar neste campo é bastante difícil. Primeiro é preciso ter talento. Depois, o maior obstáculo é ficar conhecido. Para entrar neste meio, é preciso batalhar muito e contar com a sorte de encontrar alguém que te dê uma oportunidade.

Estávamos em noventa e sete, nesta época ele tinha dezoito anos e costumava se inscrever em todos os concursos de charges, ilustração, HQ, etc. Foi informado do lançamento de uma nova revista em quadrinhos e apresentou seu portfólio ao editor Eloyr Pacheco. Este lhe falou sobre a revista e pediu que apresentasse uma história para análise. O Hermes criou uma história, desenhou, coloriu com o aerógrafo e apresentou os originais à Editora.

- Dalila, como que eu falo "Nunca Desista" em inglês?

- Por quê?

- Vou enviar uma história para a Revista Metal Pesado, mas eu preciso saber se "Don't give up" é a tradução correta...

- O que é esta revista Metal Pesado? - perguntei, pois nunca havia ouvido falar.

- É uma revista de histórias em quadrinhos para adultos. Aqui não existe nenhuma do gênero, esta será um lançamento. Nos Estados Unidos ela é chamada Heavy Metal e faz um enorme sucesso.

- Acho que por aqui vai fazer sucesso também. Espero. E como você vai fazer a história? - perguntei, pensando em quantas noites ele teria que dispor para fazer uma história inteira usando aquele aparelho barulhento.

- Estou pensando no seguinte: a história começa com um cara se jogando de um prédio. Na sequência, coloco o porquê do suicídio: um traficante tentou matá-lo e por engano matou sua namorada. Ele planeja a vingança, mas é consumido pelo sentimento de culpa. Em sua cabeça, arquiteta a morte do assassino, dirige-se até o bar onde poderá

encontrá-lo e atira. Mas ele já está morto, pois se atirou do prédio. No final, o assassino lê a notícia de que o cara se matou, pensando que ele enlouqueceu. O que você acha?

-Parece legal. O que você tem que fazer?

-Preciso levar até a Editora, as melhores histórias serão publicadas. Já tirei muitas fotos das cenas dos quadrinhos para poder ver certinho onde colocar as sombras, as luzes, como retratar as emoções nos rostos. O pai me ajudou. Já comecei a desenhar, depois eu te mostro.





Arte: Hermes Tadeu

Este foi seu primeiro trabalho publicado em uma revista, em nível nacional e foi a pedra fundamental de sua carreira. A história publicada em outubro de 1997 na Revista Metal Pesado, edição nº. 5. Era uma revista para adultos, tinha uma boa dose de erotismo e de violência, criada conforme o espelho americano "Heavy Metal", revista de grande sucesso na terra do Tio Sam. Eloyr Pacheco foi o primeiro a acreditar em seu potencial, mas revisou o enredo e mudou o roteiro da história, tornando-a mais convincente. O jovem desenhista aceitou de bom grado as sugestões do editor e as implementou, dando luz a versão final. Nascia aqui uma carreira que só mostrou ascensão, rápida e sustentada nos anos que estariam por vir.

Mostramos a publicação da Heavy Metal a todos da família, especialmente ao conselheiro Déde. Ele ficou muito orgulhoso do sobrinho, sentimento compartilhado por toda a família, pois finalmente víamos um artista abrilhantando nossos nomes.

Depois disso, participou da colorização de alguns desenhos da Metal Pesado, inclusive coloriu algumas pin-ups de um calendário da Metal Pesado, em 1999.

Depois disto, conseguiu fazer contato com a Quadrimatzi de Sorocaba e através dela, fez algumas ilustrações para uma promoção especial do Shopping Sorocaba, que presentearia uma senhora com um jantar em companhia do ator sorocabano Paulo Betti no Dia das Mães. Pronto, as portas estavam abertas.

Nesta época, Hermes pediu a conta da loja e resolver arriscar tudo em sua nova carreira. Passou a ganhar espaço e ter seu nome reconhecido, começou a desenvolver seu próprio estilo e a conseguir bons contatos publicitários, de onde aos poucos começou a ganhar seu sustento.

Fechou alguns contratos com a Sorocaba Refrescos, representante da Coca-Cola em Sorocaba e fez uma série de ilustrações promocionais dos refrigerantes e cervejas. O traço das ilustrações era firme e a atenção dispensada aos detalhes fez com que os desenhos fossem se aprimorando dia após dia. Cada detalhe era estudado, analisado e concluído considerando-se os tons da pele, direção e cor da luz, ponto de fuga, objetos coadjuvantes, expressões faciais, cabelos, movimento, anatomia e formas materiais. Refazia e retocava trabalhos prontos, até atingir movimentos e cores adequadas.

Criou mascotes para dentistas que compravam sua arte para divulgação de panfletos educativos. Algumas empresas contrataram seus traços para ilustrar manuais internos de qualidade e segurança do trabalho.

O pouco dinheiro recebido custeava seus passeios e a gasolina do Del Rey presenteado pelo pai, além dos reparos de uns leves amassados causados pelo jovem recém habilitado.

Possuía vários parceiros de trabalho, entre eles o Robson, que conseguiu bons contatos para o jovem desenhista. Trabalhava muitas vezes como coadjuvante, mas conseguia aprimorar os traços desta maneira e nunca se importou muito com menções ou com divulgação. A hora certa chegaria.



Hermes e seu primeiro desenho do Eddie do Iron Maiden

22 de dezembro de 2003 – Velório

Minha mãe permaneceu durante o velório recebendo doses de calmantes. O amigo Lucas desmaiou ao saber da notícia e demorou a se recuperar. Eram como irmãos. Toda a família compareceu, chorou, se despediu e não soube o que dizer. Minhas tias e primas precisaram de medicação. Os meus amigos e os dele, apareceram, apoiaram, rezaram. Nos olhos presentes, além das lágrimas, era possível ver o susto, a falta de explicação, a impotência.

O velório aconteceu em uma funerária da cidade que recebeu centenas de pessoas que vieram dar seu adeus ao amigo de infância, companheiro de profissão, colega, amigo de acampamentos ou companheiro de estrada. Muitos jovens passaram por lá, muito consternados. Entre eles os amigos da Impacto Quadrinhos, da Fábrica de Quadrinhos e do Estúdio HQ, composto pela amiga Letícia Barreto e pelos professores que compunham o quadro de funcionários, além de alunos e ex-alunos.

Muitos se recusaram a vê-lo em um caixão. Muitos precisaram olhar para acreditar.

Eu não dormia nem comia nada há pelo menos quarenta e oito horas, minha menstruação havia parado abruptamente no momento em que soube da notícia, minhas mãos estavam trêmulas e meus olhos secos. As coisas que já não faziam sentido nenhum, passaram a fazer menos ainda. Muitas vezes me segurei antes de perguntar ao Hermes como aquilo havia acontecido. Pensei em chamá-lo, acorda-lo, contar para ele sobre a quantidade de pessoas que gostavam dele e estavam ali para se despedir. Então eu percebia o que havia acabado de pensar. E percebia que tudo aquilo só estava acontecendo porque ele estava morto. Mas, como podia ser verdade que o Hermes tivesse sido assassinado? Assassinado! Por que o tiro não pegou no ombro? Por que eu não soube disso antes e o avisei? Por quê? Por que esse cara fez isso? Ele nunca havia o visto na vida! Por que Deus permitiu? Por quê? Por quê? Por quê?

O tempo passou, falamos sem pensar e deixamos de falar o que precisávamos. Estávamos num thriller. O tempo passava como em um sonho. Olhei para a sala de velório, já esvaziada pela madrugada avançada. Muitos amigos vieram, deram seu apoio, derramaram lágrimas verdadeiras. Muitos jovens, muitos amigos do coração e várias pessoas da família, que mesmo com dificuldades de saúde, compareceram e nos prestaram seu apoio e suas sinceras condolências. Olhei para os amigos que passaram esta madrugada de horror ao nosso lado. Meu marido, a Jane, a tia Tere, o Adilson, a esposa Ana, o Jairo (que não era desenhista), amigo de acampamentos dele, acompanhado da própria mãe, meus pais arrasados e nesta altura dormentes com os calmantes ministrados, a tia Darci e a filha Cláudia, e a Le. Talvez mais pessoas, mas a minha percepção estava bastante alterada e muitas vezes eu não tinha idéia de que horas eram.

Lembrei-me do namoro dele com a Le, de nossa alegria por ele ter encontrado uma namorada de quem gostava e que provavelmente o acompanharia para sempre.

Esta menina agora estava deitada no banco do velório, vestida com a jaqueta dele que nela parecia com um gigantesco sobretudo de couro, calçada com as luvas de motoqueiro que ele estava usando, os cabelos amarrados num rabo de cavalo e os olhos vermelhos e

inchados. Deitava-se e levantava-se inúmeras vezes, tentava acordá-lo no caixão e nós tentávamos dissuadi-la.

Olhei para o caixão. Meu irmão estava num caixão. O Hermes.

Estava num caixão de madeira, com flores amarelas e um véu de tule cobrindo as mãos e rosto daquela pessoa que até ontem tinha uma voz, tinha uma história e estava me falando do Bruce Lee e da Nebulosa Cabeça de Cavalo. Ele estava inchando e seus lábios já tinham um tom arroxeado. Minha mãe estava sentada na cadeira ao lado do caixão, abatida, com os olhos fundos e cada vez que acordava, chorava sentida, às entrando em um choro alto e desesperado, chamando-o pelo nome e gritando o nome do filho de Deus. A despeito do calor de dezembro, vestida na blusa de lã que havia ganho do filho.

Meu único irmão havia morrido e eu não conseguia chorar. Pedi perdão para ele por ser insensível e estúpida a ponto de não entender o que estava acontecendo. Pedi perdão para Deus, por eu não estar lá e impedir este absurdo de acontecer e pedi perdão de novo para ele por eu não ter feito nada para salvar a vida dele.

Com os primeiros raios de sol, saí de lá de dentro e tentei encontrar uma igreja. Encontrei uma, que estava trancada. Amaldiçoei os ladrões que não respeitam nem mesmo a casa de Deus.

Expliquei para Deus que ele não merecia o que havia acontecido com ele, como se estivesse falando com uma criança pequena que quebrou um brinquedo novo. Estava com um aperto tão forte no peito que mal conseguia respirar. Não conseguia chorar e não conseguia entender que estava vivendo uma situação real, não um estado febril, numa alucinação horrorosa. Era impossível concatenar a imagem alegre de Hermes àquela imagem fria do caixão, o cheiro das flores, o cheiro da morte. Fiquei olhando para o prédio de tijolos à minha frente. Não sabia o que falar para Deus, diante da casa Dele. Pela primeira vez, perguntei-me se realmente haveria alguém para ouvir ali dentro, ou em qualquer outro lugar. Então, afastei alguns passos, virei-me e voltei para o velório, pois o enterro sairia em poucas horas.

TV de madrugada

Em muitas ocasiões, nos encontrávamos na sala assistindo televisão, até altas horas da madrugada, para não termos que dormir logo e assim não ter a impressão de que o tempo passou rápido demais.

-Sabe, eu estou cansado!

-Vá dormir! - falei, deitada no sofá de dois lugares, morrendo de sono.

-Não dá! Tenho ainda um monte de páginas para acabar, uns trabalhos de ilustração para o pessoal de São Paulo e ainda vou dar aula amanhã - tinha a aparência pálida, cabelos crespos muito desarrumados e sem corte, parecendo um enorme capacete sobre a cabeça, costeletas curtas e cavanhaque.

-O problema é que você não dorme e não termina o que tem que terminar, portanto está sempre com sono.

Ele riu. Não se importava com broncas ou se alguém fizesse brincadeiras com suas manias.

-Dala, estou descansando um pouco! Estou na frente daquele computador deste cedo!

-Este é o problema de trabalhar por conta própria, sem horário. Você trabalha muito mais do que se fosse empregado de alguém.

-Com certeza. Mas não posso negar nenhum trabalho que aparecer para mim, pois o primeiro que eu disser não, será meu último.

-Será?

-Lógico. Ainda não tenho nome, ninguém me conhece, ganho pouco. Preciso pegar todos os trabalhos, pois no meio deles pode aparecer um que acabe se tornando um contrato, ou sirva como ponte para uma grande editora conhecer meu trabalho.

-É complicado. Você tem razão. Mas tenho certeza que um dia você será o desenhista do Superman, é só questão de tempo - estava começando a acreditar nele e o sucesso profissional não parecia mais tão distante.

-Imagine poder trabalhar para Marvel...

-Tem mercado no Brasil?

-Tem, mas o forte é nos Estados Unidos. Eles têm um mercado muito forte lá. A maior dificuldade é saber sobre os testes para poder participar. Obviamente, este mercado

é muito fechado, pois é difícil encontrar quem tem talento e ainda por cima é honesto. E eles devem pensar duas vezes antes de contratar os tupiniquins. Você acredita que eu encontrei-me com um americano em uma feira de quadrinhos, ele falou-me que ficou admirado de ver os nossos desenhos, uma vez que ele achava que desenhávamos dentro das ocas na Floresta Amazônica!

-Não acredito! O cara é um tapado!

-Eu não entendi nada, lógico, não falo inglês, mas o cara que estava comigo me traduziu. Ele falou que o gringo ficou abestalhado ao pousar em São Paulo. Foi a primeira surpresa da noite. A segunda foi a qualidade da exposição.

-Que absurdo! Os caras vivem em Plutão...

-Lógico que só este que deve ser mané. Os donos das editoras conhecem o Brasil e o quanto estamos desenvolvidos. Aí, só fica a pendência em relação a confiança. Obviamente, eles preferem confiar nos compatriotas, mas nos contratam também. Mas é preciso fazer um excelente trabalho. E descobrir quando são os testes...

Em um país em que é muito difícil conseguir um bom emprego, fechar um contrato com uma multinacional americana chegava a soar surreal.

Ficou quieto durante um tempo, depois me contou um caso ocorrido no dia anterior.

-Pô, você não sabe o que aconteceu ontem! Eu e o Lucas fomos buscar o Fábio no trabalho para sairmos dar um rolê. Sabe aquela rua do Éden onde fica a empresa em que o Lucas trabalha, né?

-Sei.

-Então, estava o maior breu, o Fábio entrou no carro e começamos a descer a rua de carro. Cara! No fim da rua tinha uns marginais, manja? Eles viram que o carro estava vindo e fecharam a rua, com paus na mão, cabos de vassoura, tijolos. Pensei: se eu parar, eles nos matam!

-Com certeza! E o que aconteceu?

-Não tive dúvida: acelerei e fui para cima deles!

-E daí?

-Eles esperaram, esperaram, esperaram. Quando eu estava em cima deles eles perceberam que eu não iria parar, então só os vi pulando para os lados! Eram uns doze! Um pulou para um lado, outro pulou para o outro, trombaram, caíram para os lados! - deu uma gargalhada gostosa.

-Você atropelou alguém?

-Não, não atropeliei. Mas bem que mereciam. Afinal, não iriam pensar antes de nos matar e roubar o carro. Vagabundos.

-Eu concordo. Se acontecesse comigo eu partiria para cima. Eles acham que podem fazer o que quiserem, com quem quiserem.

-Ahhh... Eu tenho muita raiva desses caras. Não trabalham, não fazem nada a vida inteira e se acham no direito de arrancar dos outros o que eles querem. É fácil, né? Muito fácil...

-Começam com um discurso de injustiça social, mas eu não acredito nisso. Concordo que se uma criança tem fome, pode acabar pegando comida da mesa de alguém ou roubando dinheiro, sei lá. Mas acho um absurdo esta analogia com uns marmanjos sarados que roubam equipamentos eletrônicos, tênis caros, carros, jóias, para manter o vício em drogas ou simplesmente porque se acreditam no direito de tirar dos outros o que desejam para si, sem precisar batalhar por isso.

Na época existia uma verdadeira avalanche de latrocínios de crianças e adolescentes que usavam tênis de marcas famosas recém adentradas no país. Houve uma verdadeira febre do jeans, camiseta e tênis. E o tênis tinha que ser de marca famosa, lógico.

Nesta época, as balas perdidas ainda não eram comuns e os seqüestros-relâmpagos ainda não existiam.

-Fora que as coisas perderam o sentido, né Dalila? Quanto vale uma vida humana hoje? Um par de tênis?

Hermes trancava todos os seus pertences, colocava travas nos carros, correntes nos portões e trancava as portas de seu quarto sempre que a casa ficava vazia. Teve o toca-fitas roubado pelo menos três vezes e fazia questão de marcar os novos para quando fossem roubados, pudessem ser rastreados. Quando comprou sua primeira moto, guardava-a dentro da sala quando ia viajar, para que não pudesse ser roubada. Detestava ladrões. Mas, infelizmente seu destino estava atrelado a eles.



Arte: Hermes Tadeu

Mercado de HQs

Ele tinha começado a dar aulas na Impacto Quadrinhos. Este passo serviu para o desenvolvimento de seu networking e para troca de experiências. Conheceu bons desenhistas que se tornaram bons amigos e aos poucos, começou a fazer alguns trabalhos para o pessoal da Fábrica de Quadrinhos.

Às vezes ficava em São Paulo para terminar algum trabalho urgente, dormindo em colchonetes e revezando os trabalhos de ilustração e colorização no Fotoshop, cujas técnicas rapidamente foram dominadas pelo esforçado aprendiz.

Era praticamente impossível vê-lo separado de seu computador. Para conversar com ele, era preciso ir até o quarto e sentar por perto enquanto ele executava seu trabalho de colorização e arte final com uma destreza incrível, com total domínio das ferramentas do software.

-Hermes, isso tudo compensa?

-Não sei, tem hora que eu acho que não. Não tenho dinheiro para nada, só fico ralando dia e noite. Estou pensando em parar de dar aula, mas é minha única segurança, afinal não é toda hora que tenho trabalho para fazer.

Carreira difícil que ele foi começar. Será que algum dia vai compensar tanto esforço para entregar os trabalhos nos prazos e muitas vezes não receber pelo trabalho efetuado?

-Hermes, o pessoal que se formou com você está fazendo o quê?

-A maioria está procurando emprego...

Suas noites sem dormir só aumentaram depois desta época. Trabalhar por conta exige que se trabalhe muito mais, pois um convite recusado significa uma avalanche de portas que se fecham em cascata. Portanto, todas as oportunidades eram agarradas e muito estimadas.

Junto consigo, procurava levar os amigos e todos que pudessem estar ao lado dele de alguma forma. Trabalhava duro e ajudava aqueles que precisavam, oferecendo a eles a chance de dividir contratos de trabalho. Muitos amigos faziam o mesmo com ele, construindo um ciclo de interesses mútuos e resultados distribuídos.

Conversávamos com nossos pais a respeito de seus trabalhos, pois o garoto já estava se tornando motivo de orgulho da família. Afinal, quem mais tinha seu nome estampado em inúmeras publicações nas bancas de todo o país?

Em um feriado, durante o dia, estávamos na sala, os quatro sentados assistindo TV e conversando sobre o que estávamos fazendo, seguidos pelo interesse genuíno dos pais

que esperam que os filhos consigam seguir seus caminhos e encontrar a felicidade no final do arco-íris.

Recebemos a visita do tio Déde. Chegou cheio de disposição, como sempre, e foi logo perguntando sobre os projetos do sobrinho favorito, que estava realizando os sonhos que ele tivera durante sua juventude.

O Hermes estava contando sobre a ilustração de um livro infantil intitulado "Tremendo de Coragem", de autoria de Sérgio Klein, da Editora Fundamento, em conjunto com o amigo Marquinhos. Marquinhos gostava de desenhar desde criança, mas tinha uma dificuldade motora muito grande que dificultava a maioria dos movimentos voluntários do pescoço para baixo. Após uma missão religiosa em uma cidade pequena, foi diagnosticado com pneumonia e foi internado em um hospital que não dispunha de recursos médicos adequados a sua situação. Ele tinha reumatismo e seu quadro se agravou severamente durante esta internação. A doença agiu em suas juntas e calcificou os ossos, tornando-os imóveis. Este jovem possuía um dom incrível para os traços e conseguia desenhar com muita habilidade mesmo tendo o papel apoiado em seu peito, pois a posição totalmente horizontal o impedia de levantar. Hermes encontrou um grande talento e amigo querido, juntos fizeram muitos outros trabalhos.

- Os desenhos que vocês fizeram juntos ficaram muito bonitos, os traços estão bem delineados, as cores vivas. Este menino tem um grande talento Hermes - comentou minha mãe.

-Sabe, o Marquinhos é gente boa, vive me animando, dizendo que temos que batalhar e que vamos conseguir ter nossos nomes reconhecidos, basta continuar tentando. Acho que ele é um grande exemplo, pois tem muitas dificuldades e nunca reclama de nada, está sempre disposto a abraçar as oportunidades. Levei ontem mais desenhos do Tremendo de Coragem e ele já está os desenvolvendo. Tenho alguns desenhos que o Robson trouxe, uns desenhos infantis que talvez ele possa ajudar também, assim ele já vai se tornando conhecido e consegue ganhar um dinheiro, afinal a vida não está fácil para ninguém, imagine para ele que é casado, tem a família para cuidar e tem esta dificuldade locomotora. A maior dificuldade é em relação aos contatos, uma vez que não é fácil para ele sair de casa e apresentar seu trabalho. Mas enquanto eu puder, farei os contatos e levarei os trabalhos para ele desenvolver e quero que o nome dele apareça, pois ele merece.

Desta parceria muitos outros trabalhos foram desenvolvidos, tornaram-se amigos, criaram personagens juntos, ilustraram livros inteiros, trabalharam em projetos e até criaram uma história própria intitulada "Dark City". Registraram personagens e enredo, mas o ladrão apareceu na Praia Grande antes da publicação.



Arte: Hermes Tadeu e Marquinho

Sonho com o Tio Déde

O tio Déde sofreu um infarto. Foi o Hermes quem o levou de carro para o hospital. Durante o trajeto, teve um segundo infarto e o Hermes pensou que ele morreria.

-Ele ficou branco e prendeu a respiração. Ficou muito pálido, pensei que iria morrer ali... - me contou depois.

Meu irmão o deixou no hospital e meu pai chegou logo atrás dele. Fizeram as fichas de internação e o deixaram lá, sob intensas recomendações do paciente de que precisariam buscá-lo no dia seguinte, pois ele precisaria pagar uma conta que não poderia ser esquecida. No leito hospitalar, o tio Déde se recuperava bem, afinal quem vê cara não vê coração. Literalmente.

Ao chegarmos em casa, recebemos uma ligação do hospital. O tio Déde havia morrido.

Apesar de se verem esporadicamente, eles tinham muito em comum e se gostavam bastante.

Alguns meses depois da morte deste tio, estávamos sentados na sala (de madrugada para variar), e ele me contou um sonho estranho que teve na noite anterior:

-Sabe, no sonho eu estava sentado aqui na sala, daí eu olhei para a porta e entraram o Déde e um menino. Falei: "Puxa, olha quem está aqui!".

E ele me respondeu que estava bem, que agora estava mais magro e que estava se sentindo melhor. Depois ele me falou:

-Sabe Hermes, está na hora de você começar a assinar seus trabalhos, senão ninguém nunca vai saber que foi você quem fez. Comece a divulgar seu nome, se você continuar trabalhando para os outros, não vai conseguir nada. - depois ele se levantou e saiu.

Ficou pensando no conselho recebido em sonho. Aquilo era verdade. Precisava deixar de lado trabalhos que não agregassem valor e começar a se concentrar em trabalhos em que seu nome fosse divulgado.



Arte: Hermes Tadeu

23 de Dezembro de 2003

O enterro aconteceu no dia 23 de dezembro de 2003, às 08h.

O céu estava azul.

As cores haviam voltado para lá.

Durante o cortejo, um ônibus entrou atrás do carro fúnebre. No vidro de trás, o desenho que ele havia feito para a semana do trânsito, ocorrida em Setembro de 2003: um guarda municipal e um policial militar fazendo um sinal de “jóia”. Parecia que sua arte havia aparecido para se despedir.

No cemitério, olhei pela última vez para aquele corpo dentro do caixão. Foi à última vez que vi meu irmão. Ele estava muito inchado, roxo, cheirando mal. Os dedos estavam muito escuros e naquele calor escaldante, até mesmo os cravos amarelos colocados em volta do rosto e mãos estavam murchando. Acabou.

Colocaram o caixão no túmulo da família da minha mãe. A lenta e silenciosa coreografia dos coveiros executou o ato extremo de sua vida.

Voltamos para casa.

Uma sensação de desolação e esgotamento tomava conta de nossos corpos e apesar de estar calor, sentíamos um frio que parecia emanar dos ossos.

Sentei-me na sala. Não falamos uns com os outros. Parecia que caso falássemos, poderíamos transformar em realidade aquela imagem distorcida de sonho. Um carro buzinou, era a Le. Ela decidiu dormir na casa da minha mãe em vez de ir para casa.

A desolação era tão grande que mesmo as palavras tinham grande dificuldade em serem articuladas. Ela me chamou até o quarto dele. Ao passar pelo rack da sala, peguei o porta-retratos que continha uma foto minha com uns três anos de idade abraçada com o Hermes ainda bebezinho, sentados no sofá da casa da minha avó. Eu precisava dar um fim naquela fotografia.

Fomos até o quarto. Olhei para os móveis: a cama arrumada com a colcha de linha cor cru, o guarda-roupa cheio de marcas de dedos nos espelhos, um pente sobre o criado mudo ao lado da foto dele e da Le entrando na igreja, como padrinhos do meu casamento. Em uma cômoda, uma televisão e o controle remoto colocado sobre ela. O quarto estava como ele havia deixado.

-Dalila, tem uma coisa que quero te mostrar - falou isto e abriu o guarda-roupa. Dentro havia uma caixa grande, duas caixas de sapato e uma sacola. Ela começou a entregar-me as caixas.

-Este é o CD player que ele comprou para seu pai. Lembra que vocês iriam pagar juntos?

A visão borrou. Ainda não havia dado minha parte do pagamento para ele.

-Esta sandália ele comprou para você e esta para sua mãe.

A sandália que ele me comprou e que me seria entregue no dia seguinte era cor de caramelo, com salto Anabela e da minha mãe era idêntica, só que era branca e tinha uma flor verde-clara sobre o peito do pé. Dentro das caixas, dois pares de meias, em uma delas a palavra “paz”. Dentro de uma outra sacola havia o presente da Le, além dos papéis de presente para embrulhar todos eles.

-Le, eu não comprei o presente dele! E agora?!

24 de Dezembro de 2003

Acordamos cedo e nos sentamos para tomar café. Não falamos muito. Procuramos encontrar outros assuntos. Minha mãe estava muito abatida, com olheiras profundas. Meu pai estava com os olhos vermelhos e andava pela casa de um lado para o outro, sem rumo. Comentou que tudo tinha acabado, que em apenas alguns minutos nós já estaríamos pensando o que fazer com as coisas dele, pois tudo pelo o quê ele tinha lutado havia se convertido em nada.

Minhas tias Tere, Darci, Henriqueta e as primas Jane acompanhada do marido Wilson, a Andréa e a Ana do Adilson, foram à tarde nos visitar. Ficamos procurando assuntos que nos desviassem do único assunto em que conseguíamos pensar. Minha mãe se levantou e voltou alguns minutos depois com uma calça jeans masculina nova nas mãos. Mostrou-nos e disse que era o presente de Natal do Hermes. Que hoje era Natal e que este era o presente *dele*. Desabou. Soluçando, comentou que as pessoas não teriam coragem de fazer isto a um cachorro, como poderiam fazer a uma pessoa que nunca conheceram e que não fez mal a ninguém?

Travamos diálogos sem esperança, cujo maior objetivo era encontrar uma explicação plausível para o que havia acontecido. Evocamos Deus, karma, vida após a morte, passagens da Bíblia e todos os pontos de vista religiosos que nos lembramos naquele momento. Mas no fundo, pensávamos apenas em como nós todos poderíamos voltar a ter nossa vida após esta morte.

Deitamos-nos cedo e choramos sozinhos. Ouvimos os fogos e as comemorações do Natal nas casas vizinhas. Não tínhamos nada para comemorar. Nunca mais teríamos.

Os dias se passaram arrastados e iguais uns aos outros, a ponto de não sabermos que dia da semana era ou se já havíamos passado pelo Ano Novo. Passei alguns dias com eles, mas logo eu teria que voltar para o meu apartamento, para junto do meu marido.

As irmãs e sobrinhas de minha mãe iam todos os dias nos visitarem. Meu pai passava a maior parte do tempo sozinho ou em companhia do meu marido. Sua única irmã ainda viva, não lhe deu nem um telefonema.

Os dias seguintes foram uma reprise sem data, com os mesmos rostos nos visitando-nos mesmos horários. Algumas vezes a Jane era substituída pela Andréa, mas que como estava grávida de apenas algumas semanas e era conveniente não ficar muito nervosa, portanto ficava pouco conosco, apenas nos lembrando que podíamos contar com ela. A Tere, cuja vida foi totalmente centrada em cuidar de todos à sua volta, passou muitos dias seguidos cuidando de nós. Estava acostumada com a dor. Sofreu toda a vida com o marido alcoólatra, enquanto prestou cuidados para a sogra doente até sua morte. Depois o marido teve câncer e foi ela o arrimo que esteve ao seu lado até o fim. Agora era ao nosso lado que ela estendia um pouco de sua força.

Um dia, resolvemos passar as fotos da máquina fotográfica para o microcomputador. A primeira foto, tirada às 14h40 do dia 21/12/03, mostrava um Hermes sorridente, sentado na areia. A segunda, o mostrava ao lado de uma escultura de areia do Eddie do Iron

Maiden, que ele havia feito. Todas as outras fotos mostram o Hermes ou a Le sorrindo e acenando. As duas últimas mostram o Hermes sozinho, com a praia de fundo, com um semblante sério. Foi então que vimos o assassino, na última foto. Na penúltima, o comparsa e mais um indivíduo, passam de bicicleta ao lado do Hermes. Na última foto, tirada às 15h02 minutos, o comparsa conversava com o assassino à apenas alguns metros de distância da objetiva. Alguns minutos depois, o Hermes seria assassinado por estes indivíduos. Olhei para a foto e senti vontade de gritar para ele sair dali.

No Atestado de Óbito, consta que a morte ocorreu às 15h50m. Ou seja, após a última foto, ele sobreviveu, com um tiro no peito, por aproximadamente quarenta minutos.

Sonhos

Estava andando ao lado do meu irmão mais novo, ambos calados, seguindo por uma rua reta, sem bifurcações. Eu não o encarava, mas sabia que estava com uma fisionomia triste e um olhar distante. De repente, ele estancou. Continuei andando, agora mais rápido. Olhei para trás e tentei desesperadamente alcançá-lo, mas ele não estava olhando para mim. Acordei no quarto branco, que já havia sido meu um dia.

A sensação que este sonho deixou me invadiu diversas vezes ao longo dos próximos meses. Os sonhos que eu tinha com ele eram sempre difusos e ele sempre estava longe, do outro lado de um lago ou de uma rua.

Um dia tive um sonho muito forte, muito *real*. Eu estava no IML e o Hermes estava deitado no caixote branco. De repente, ele abriu os olhos e me olhou. Sentou-se e me abraçou. Fiquei muito preocupada, pois sabia que ele havia sido baleado, portando deveria estar sentindo muita dor. Perguntei se ele estava bem, enquanto permanecia sentindo seus braços ao redor do meu ombro. Ele disse que sim, que eu não deveria me preocupar. Olhei para ele e ele estava com uma fisionomia um pouco triste, decepcionada, mas estava parecendo alguns anos mais jovem. Então um pensamento horrível me deu um baque na boca do estômago: “*O Hermes não pode ter sido assassinado!*” Acordei assustada. Entretanto, senti um estranho consolo, uma espécie de carinho e conforto neste dia. Nunca me esqueci deste sonho.

Às vezes eu entrava no quarto que havia sido meu, antes de me casar. Até o ano anterior, eu chegava da faculdade e passava no quarto dele para conversar, ou me deitava para ler um livro. Quando isto acontecia, ele abria a porta, perguntava se podia entrar e começava a me contar como havia sido seu dia, pedia conselhos, contava piadas. Falava em cachorros (com o ó aberto, “cachórros”), “eshofas” do Habibs, ou situações engraçadas em que havia se metido. Lembrei-me do Del Rey que ele ganhou do meu pai, logo após tirar carta. Estava muito velho e para ajudar ele vivia batendo. Cada vez que estava prestes a bater pensava “Ai! Não tenho dinheiro para consertar!” e contava rindo que o conserto tinha ficado uma fortuna. Depois, ganhou de meu pai um Corsa amarelo-ovo, apelidado de quindim, que foi difícil trocar por um cor de prata. Uma vez socorreu uma moça que foi atropelada por uma moto, ficou todo sujo de sangue e veio me perguntar se não poderia ter se contaminado. Falei que não, mas fiquei preocupada, pois nesta época as formas de contágio da AIDS ainda geravam muitas dúvidas. Mas, agora, isto não importava mais.

Lembrei-me dele em pé, olhando-se no espelho que ficava atrás da porta e arrumando o cabelo. “Putz, Dilata, estou ficando careca!” e dos tratamentos que estava fazendo contra a queda de cabelo, mesmo muito cético, pois até o Bruce Willis tinha ficado careca, imagine ele. Mas, isto também não importava mais. Ele nunca iria ficar careca ou voltar a tomar remédios. Não envelheceria e nunca mais ajeitaria o cabelo em frente àquele espelho.

Enquanto ele estava vivo, todas as vezes que eu ia visitar meu pai, o ritual era exatamente o mesmo. Cumprimentava os dois e ia para o quarto, olhar para o meu irmão que estava sentado na cadeira em frente ao computador, colorindo os desenhos no Photoshop. Agora, sempre que podia, procurava andar para o corredor e viver por alguns segundos a esperança de encontrar um buraco no tempo que me fizesse enxergar

alguma coisa naquele quarto além do vazio.

Olhava para a cama, arrumada para sempre, intocável, parada no tempo. Seus pertences estavam ainda no quarto, as roupas permaneciam guardadas no armário esperando por seu dono. Um bilhete no computador serviria para lembrá-lo que era preciso projetar a “Lori – Las Vegas”. Tudo do mesmo jeito. Faltava apenas o motivo da existência de todas aquelas coisas. Faltava o micro ligado e as cores aparecendo como mágica na tela, os traços ganhando vida e uma voz grave quase sempre cantando.

Não é possível descrever com justiça o tamanho de uma dor como esta. A ausência da pessoa é tão forte que quase chega a ser palpável. O silêncio da pessoa que se foi é como um grito ouvido intermitentemente, em todo lugar. A dor é tão grande que parece que não vamos agüentar.

Às vezes eu tinha um surto psicótico e passava a acreditar que a cadeira em frente ao computador estaria ocupada caso eu me levantasse e fosse olhar. Então eu levantava e caminhava em direção ao quarto muito devagar e vislumbrava pouco a pouco, a cadeira cor de vinho. Ela continuava vazia.

Namoradas

O divertido jovem acumulava os amigos da infância com as novas desenvolvidas no decorrer do início de sua fase adulta. Um dos seus melhores amigos continuava a ser o Lucas, que se tornou um jovem sério e introvertido. Também surgiam os primeiros amores e as primeiras decepções.

O primeiro grande amor veio ainda no colégio e se chamava Dri. Ele costumava dizer que ela era parecida com um anjo. Ela fazia um outro curso e ele tentava sempre encontra-la "por acaso"

Alguns trabalhos na área de ilustrações já estavam começando a aparecer, dada a repercussão da história publicada na Metal Pesado e em algumas colorizações feitas para alguns gibis. Recebeu um convite para criar uma capa para uma nova revista norte-americana chamada "One" da A-List Comics, e este acabou resultando em uma boa oportunidade para uma aproximação.

-Dala, (ele me chamava assim, nesta época) estava pensando em convidar a Dri para ser minha modelo, o que você acha?

-Sem segundas intenções? - perguntei, para provocar.

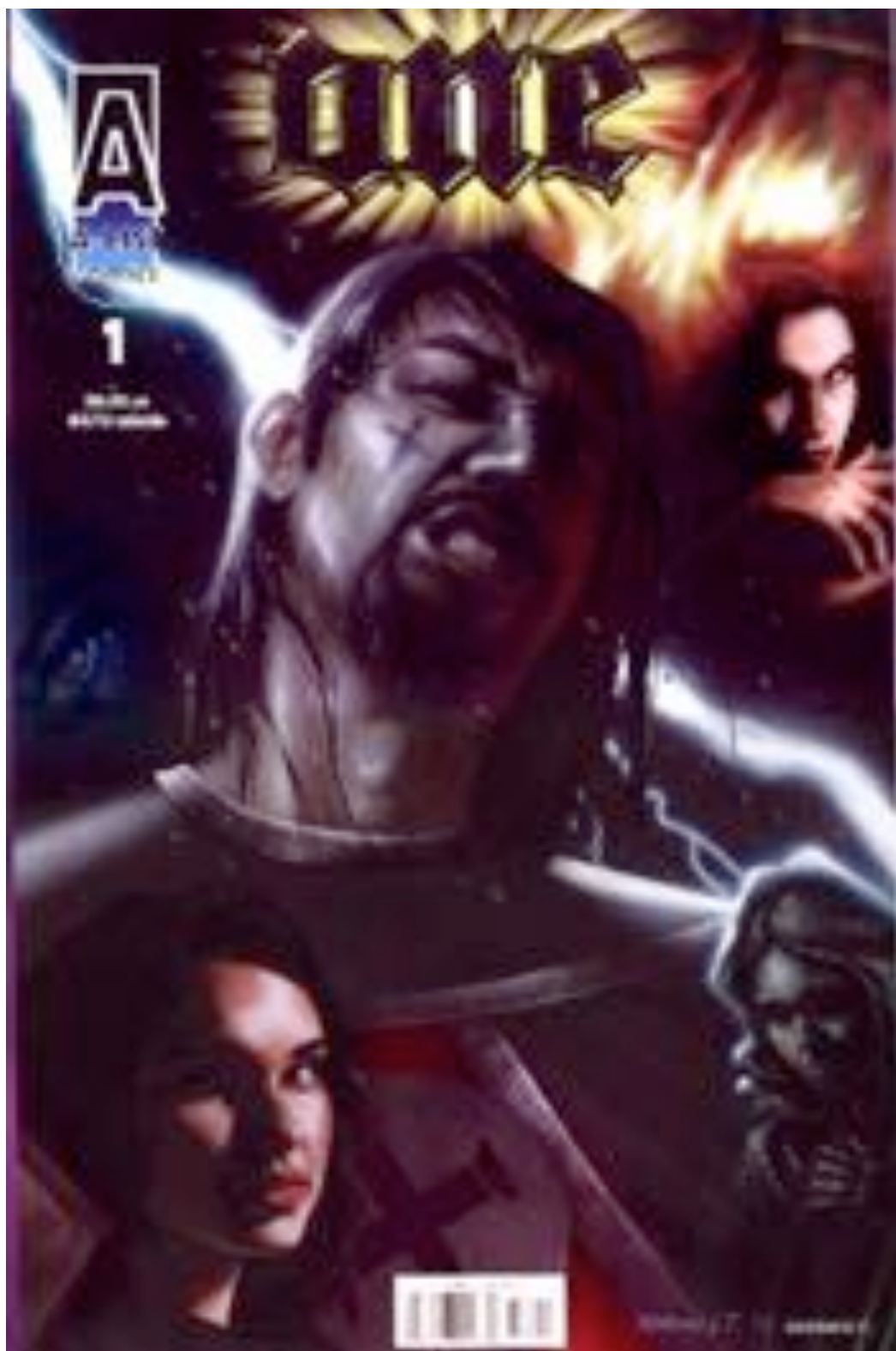
-Hehe, umas terceiras, quem sabe. Mas o rosto que eu preciso para desenhar a capa da Revista One tem tudo a ver com o rosto dela...

Fingi que engoli a história.

-Mas ela está na dela, já tentei chegar, mas ela não está retornando... Acho que ela acha que não tem muita coisa em comum, sabe, as conversas acabam não rolando muito.

-Quem sabe começam a rolar? Sei lá, tem que tentar.

A Dri acabou posando para modelo, para a foto da capa. A paquera nunca engatou e ela não gostou muito de posar, portanto, depois de um tempo ele parou de insistir e a deixou de lado, apesar de ter sofrido um bocado, pois ficou realmente gostando dela. Tocava a música "Linger" repetidas vezes e falava que esta música o fazia lembrar do "anjinho", como ele a chamava. Um amigo dele morreu de depressão nesta época, devido a um romance mal-sucedido, o que me preocupou um bocado. Mas ele era forte e se saiu muito bem dessa.



Revista One (publicada nos Estados Unidos) - nº 1 - Arte: Hermes Tadeu



Revista One (publicada nos Estados Unidos) - n.º 2 - Arte: Hermes Tadeu

Depois, conheceu a Sil, com quem ele namorou por alguns meses. Mas os dois não combinavam, não pareciam ter muita coisa em comum.

A Sil era mais velha que ele, era introvertida, se vestia de forma clássica e era muito educada. Estudava psicologia e estava entusiasmada com o curso. Falava que ele deveria fazer faculdade após acabar o colégio, mas ele acreditava que deveria investir na carreira de desenhista. Ela não enxergava uma carreira nesta área e acreditava que o melhor a fazer era procurar emprego em uma indústria e não se iludir muito. Era muito pé no chão e centrada. Ele acreditava que poderia conseguir, mas também precisava de incentivo. O romance foi morrendo aos poucos, pois eles eram muito diferentes e não conseguiam encontrar objetivos em comum.

Terminaram o namoro após um acampamento atribulado. Fomos acampar eu, meu então namorado (e atual marido) Luiz, um casal de amigos e ele. Ficamos em barracas de camping, já bastante detonadas pelo uso constante, o que nos ocasionou alguns desagradáveis momentos de frio e sono interrompido por travesseiros ensopados pela chuva noturna. Quando não estávamos enxugando as barracas, ficávamos jogando baralho e travando diálogos fúteis.

-Quer dizer que você é vegetariano? - perguntou este amigo ao meu irmão, enquanto

distribuía as cartas para jogarmos truco.

- Sim.

Mas o clima entre os dois estava estranho, mal se conversavam e foram obrigados a dar uma risadinha sem graça e mudar de assunto para evitar mais chateações.

Saíram do Camping brigados e o namoro encontrou seu fim neste final de semana.

Voltou a sair com os antigos amigos, todos os Marcos (eram vários), o Fábio, o Lucas e o Robson, com quem foi para a praia algumas vezes.

No grupo, havia algumas amigas que curtiam as mesmas coisas que a turma. Entre elas, uma garota com quem ele sempre se estrelava, apelidada "Princesinha". O grupo todo se identificava com rock pesado e as roupas começavam a seguir um estilo mais dark. Sempre despojado, as calças jeans e camisetas foram aos poucos escurecendo à medida que a personalidade adulta ia se formando. O vocabulário foi se enriquecendo com gírias e uma mania de trocar o nome de todas as coisas objetivando torná-las mais engraçadas e fora do comum começou a aparecer. Apesar do visual carregado, ele era muito bem-humorado e conseguia tornar engraçadas narrações banais, transmitindo um seguro sentido atenção a todas as coisas cotidianas.

Tornamos-nos muito amigos e conversávamos sobre seus passeios, sobre o Del Rey que ele vivia batendo e sobre as experiências vividas. Começou a falar muito sobre a tal "Princesinha", cujo nome não sei até hoje:

-A gente conversa na boa, bate altos papos, fala sobre som, sobre a podridão do mundo, manja? Mas a conversa só acontece quando estamos sozinhos. Basta alguém chegar perto para ela começar a me esnobar e começar a dar alfinetadas.

-Como assim?

-Ah, ela é muito esquisita. Ontem fomos à Cachaçaria. Conversamos um monte. Depois chegou a turma. Pronto, ela mudou o tom de voz, começou a falar que ninguém pode viver desenhando, sacou?

- O que ela faz?

-Nada, só estuda.

-A deixe de lado, dê um "chega-pra-lá" para ver se ela se liga.

-Acho que ela acha que eu estou a fim dela, aí fica se sentindo muito boa e começa a se vangloriar.

Mas sempre que havia oportunidade, ele voltava a falar nela. Um interesse genuíno estava surgindo, talvez devido ao desafio de vencê-la e provar não ser o que ela dizia

que ele era. Talvez porque a achasse bonita e estivesse apenas interessado, afinal quanto mais difícil, mais interessante o desafio se torna.

Saíram diversas vezes e um diálogo civilizado só era travado quando estavam sozinhos. Se outras pessoas se aproximavam, o ego dela falava mais alto e as conversas se tornavam desagradáveis e tendenciosas. Talvez ela estivesse apenas se defendendo. Não sei.

-Ontem saímos, eu e a Princesinha. Foi muito legal, ouvimos música bem alto, ela curte Nirvana e Pink Floyd. Passamos um tempão dirigindo e cantando as músicas.

-Vocês pararam de brigar? - perguntei sem interesse, pois não gostava dela, apesar de nunca tê-la conhecido.

-É só ficar sozinho com ela que tudo fica bem - riu alto. Tinha uma risada gostosa, que se tornava uma grande gargalhada.

Passou um tempo e o dia chegou. Ele pediu para namorá-la.

Contou-me o episódio entusiasmado e após muito tempo sem vê-lo realmente alegre e motivado, pude ver um sorriso sincero em seus lábios e uma nova alegria em seu olhar. Contou-me várias vezes durante a semana que teve finalmente coragem de pedi-la e que finalmente havia encontrado sua cara-metade, pois eram parecidos em tudo.

-Ela se veste de preto, não é Patricinha, sabe? Curte o mesmo som que eu curto e me incentiva a mandar meus desenhos para fora do país, afinal, aqui no Brasil não vira nada mesmo... - se explicava enquanto vislumbrava um novo horizonte se abrindo, com uma companheira para percorrer as estradas solitárias do destino.

Passou a semana inteira fazendo planos sobre o que iriam fazer no final de semana, onde ele a levaria, gravou uma fita para ouvirem juntos, escolheu um presentinho para agradá-la e repassou a agenda milhares de vezes, para evitar falhas. Seria o primeiro final de semana juntos, como namorados.

Chegou em casa no sábado após o encontro com o olhar taciturno e a postura caída. Havia perdido o brilho no olhar de novo.

-O que aconteceu?! - perguntei, pois visivelmente, algo havia se alterado.

-Ela não aceitou namorar comigo - falou.

-Por quê? - perguntei intrigada, afinal ambos tinham muito em comum e saíam juntos rotineiramente.

-Ela disse que eu não sirvo para namorar, que não é isto que ela espera e que eu sou legal para conversar, apenas como amigo - o tom amargo podia ser notado no timbre.

Ficou muito desapontado, primeiro consigo mesmo, por acreditar no futuro da relação e acreditar ser correspondido. Em segundo lugar, ficou muito desapontado com ela, que deu claras indicações de suas intenções e agora saltava fora do compromisso como se evocasse a deusa intocável de outrora.

-Esqueça esta menina, Hermes - falei, tentando animá-lo e procurando tirar dele a responsabilidade pelo fracasso da intenção - a cada hora ela age de um jeito, uma hora quer ficar com você, depois te esnoba, depois resolve te procurar, depois volta atrás de novo. Não esquente, esqueça dela que ela não te merece. Fique tranquilo que você vai encontrar alguém que te mereça e que te fará feliz!

Desejei sinceramente, pois ele era o grande amigo, o maior ombro nas horas difíceis, o companheiro que não media esforços para ajudar todos que o estendiam a mão. Muitas vezes estava cansado e com muitos trabalhos a finalizar, mas largava tudo para levar as mães de seus amigos ao médico, socorrer um conhecido com o pneu furado em alguma estrada, servir comida aos necessitados, além de tentar sempre fazer todos a sua volta rirem de suas piadas ou de seus comentários. Com certeza ele merecia uma moça decente, que o valorizasse e o acompanhasse, pois ele era uma pessoa muito justa e agradável e seria um companheiro fiel.

Várias outras garotas apareceram e desapareceram, mas a sombra da Princesinha o acompanhava sempre. Passavam-se meses e o nome era tocado ao lembrar-se de uma situação inusitada ou ouvir uma canção que ambos apreciavam. Todos esperávamos que ele encontrasse uma menina para compartilhar seus sonhos, alguém que o merecesse e que ele gostasse. Esta menina apareceu finalmente, em seu aniversário de vinte e dois anos:

-Viu, recebi um telefonema hoje de uma menina... ela pediu para a amiga me ligar e me desejar feliz aniversário e que fica me olhando de longe, mas não tem coragem de chegar... - me falou em uma tarde, após minha chegada do trabalho, enquanto eu estava lendo o jornal, sentada no sofá da sala. Olhei por cima do jornal para meu "irmãozinho" que estava um homem feito, um metro e noventa de altura, magro, olhos pretos e costeletas compridas, uma barbicha esquisita no queixo, na verdade um tufo de pelos embaixo da boca, camiseta preta, calça verde musgo e coturnos pretos. Antes de continuar o assunto, resolvi provocar:

-Você engoliu um gato? - me referindo ao tufo de pêlos embaixo da boca, moda na época.

Ele riu e fingiu ficar bravo.

-Você escutou o que eu falei? Uma menina me ligou hoje... - falou de uma forma que eu já antevi em quem ele estava pensando.

-Quem será? - fingi não ter entendido.

-Não sei. Disse que não podia contar quem era. Será que é a Princesinha? - inquiriu, levantando as sobrancelhas repetidas vezes.

-Pode ser. A voz era a mesma? - perguntei e senti uma ponta de esperança de que finalmente o romance poderia engatar.

-Não sei, não me lembro da voz dela mais e quem ligou foi a amiga dela, não ela. Mas eu achei meio infantil não poder se identificar e pedir para a amiga ligar, não?

-Pode ser que ela seja tímida...

-Bom, fiquei curioso. Mas, na verdade estou achando que é uma loirinha que trabalha na papelaria aqui em frente, sempre que eu vou à papelaria, ela fica me olhando - falou, enquanto abria levemente a cortina para vislumbrar a papelaria no lado oposto da rua, de onde era possível enxergar apenas a porta e um pedaço do balcão, sem permitir a visualização de ninguém, deste ângulo.

-Se for quem eu estou pensando, é bonita! Uma mocinha de olhos verdes?

-É, eu estou achando que é ela. Vamos ver...

Resolvi cair na conversa:

-Quem sabe não foi ela que ligou?

-Vamos ver.

Por baixo de muito mistério, ele começou a namorar depois desse episódio. Não contou para ninguém, nem para mim. Talvez quisesse evitar ter que contar mais tarde que este havia sido mais um engano.

Saía à noite sozinho e se dirigia ao quarteirão para cima da papelaria, onde havia uma praça, que chamávamos de pracinha. Eu trabalhava e dava aulas à noite, além de receber o Luiz em casa após o curso, o que não me permitia sequer prestar atenção nos horários dele. Às vezes ele chegava calado e eu aproveitava para provocar:

-Onde você estava?

-Por aí.

-Por que o segredo?

-Não tem segredo - falava rindo e finalizando a conversa.

-A mãe falou que você está namorando - falava para tentar arrancar alguma explicação.

-A mãe está ficando fuxiqueira - ria e desconversava.

Depois de alguns dias, descobri que a fonte de tanto mistério era realmente a menina loirinha de olhos verdes que trabalhava em frente. Seu nome era Le.

Um dia cheguei em casa e ele estava na sala com minha mãe, mostrando indignação, mas ao mesmo tempo rindo muito de uma situação inusitada:

-Dá, você crê que ontem o pai e mãe me seguiram até o a pracinha para saber quem é a Le?

-Ué, mas quem é Le? Sua namorada?

-Isto não interessa. Você escutou o que eu falei? - falou rindo e fingindo zangar-se.

-Como seguiram? Foram atrás de vocês?!

-É, estávamos andando em direção a casa dela a gente olhava para trás e estavam os dois disfarçando e andando de mãos dadas!

Minha mãe, que estava ao lado, não conseguia esconder o riso.

-Mãe, o quê é isso, companheira?! - falei brincando, parafraseando o Gabeira.

-Ah, ele não fala nada para a gente, e a gente queria descobrir quem era a namorada...

-Mãe, eu nem estou namorando!

-Sei. Quem que é ela, então? Você não sabe, Dalila? Ele está todo apaixonado, cheio de segredos, você acha que não está namorando?

-Mãe, eu não sei de nada. Só sei que deve ter sido ridículo vocês dois seguindo os dois ontem à noite... - respondi, sem conseguir esconder o riso, imaginando os dois seguindo os namorados, à noite, tentando disfarçar.

Meu pai entrou na sala e começou a rir:

-Dalila, ontem fomos atrás do Hermes para ver se ele estava namorando a bunduda. Pô, ainda bem que não é ela! Pensei que fosse ou a bunduda ou a testudinha...

-Nossa! Quem são essas? - fiquei imaginando quem seriam estas figuras que meu pai havia apelidado...

-No fim, era uma outra moça - finalizou meu pai. Não iria adiantar perguntar quem eram a "testudinha" ou a "bunduda", ele não iria explicar mesmo. Ele colocava apelidos em todo mundo, depois os alterava e nunca tinha paciência de explicar a quem se referiam.

Minha mãe voltou com a conversa:

-É uma mocinha linda, precisa ver, Dalila!

Ambos estavam contentes por verem-no namorando, pois torciam muito para que ele encontrasse uma moça boa para namorar firme.

O Hermes não se conformava com a cena da noite anterior, parecia irreal demais para dois distintos senhores passarem por um papelão desses. Rimos muito nesta noite, afinal, eles haviam alcançado uma idade em que não vale a pena se preocupar com quimeras e convergir aos padrões de comportamento que a sociedade impõe. Podiam fazer o que dava vontade, pois já não importava mais a opinião da garotada a seu respeito. Com a idade, se ganha liberdade.

O namoro que iniciou modesto se tornou um relacionamento sério e a Le começou a frequentar nossa casa, acabando por se tornar parte da família. Ela trabalhava na papelaria da tia, em frente de casa. Estava morando com a tia em Sorocaba, o que a permitiu fazer um curso de instrumentação cirúrgica, pois tinha grande afinidade com a área médica. Seus pais moravam em uma cidadezinha próxima e sua família era muito parecida com a nossa. Eram pessoas simples, muito simpáticos e amigáveis.

Le era loira, de olhos verdes e rosto angelical. Parecia uma menina, o que fazia com que instintivamente enxergássemos nela alguma fragilidade e tendêssemos a tratá-la com carinho e proteção. Era meiga, cheia de alegria e simplicidade, mas era ciumenta e insegura, o que motivava várias brigas entre o casal.

Hermes era ambicioso e dono de uma necessidade de se movimentar insaciável, para ele, parar significava desistir e só desistia aquele que não tinha coragem. Incentivou muito a nova possibilidade de carreira da namorada, visando uma condição melhor para o futuro do que continuar como balconista na papelaria da tia. Poderia utilizar a experiência adquirida no tratamento com pessoas pelo trabalho com público, mas deveria desenhar um norte e segui-lo.

-Lê, antes de acabar este curso, se informe sobre como conseguir estágio em alguma boa equipe para que você ingresse na carreira.

-Eu tenho que fazer estágio de qualquer jeito, Hermes, mas é difícil conseguir continuar na equipe, a maioria das moças faz parte de algumas equipes e são chamadas quando surge uma cirurgia.

-É, mas entre de cabeça nisso.

-Ai, Hermes, será que vai dar certo?

Ela acabou o curso e iniciou um outro de auxiliar de enfermagem. Conseguiu trabalhar com algumas equipes em instrumentação cirúrgica.

Um estreito relacionamento nasceu. Era difícil vê-los separados, ainda que brigassem

muito, estavam sempre juntos.

Um ano depois, Le conseguiu um emprego como auxiliar de enfermagem em um Hospital em Porto Feliz e retornou para a casa da mãe.

Muitos projetos se concretizaram enquanto estavam juntos e ambos ganharam seu espaço como profissionais reconhecidos. Estavam crescendo juntos e tornaram-se o apoio um do outro.



Arte: Hermes Tadeu

Janeiro de 2004

Muitos amigos ligaram para saber se era verdade o que haviam ouvido. Alguns amigos ligaram para conversar com ele, pois haviam viajado nos feriados e não estavam sabendo do crime.

Alguns dias após o crime, lembrei-me de algo extremamente perturbador: Não havíamos feito Boletim de Ocorrência do assassinato.

Liguei para a delegacia de Praia Grande e descobri que o B.O. havia sido aberto e já estava em vias de seguir para o prosseguimento legal, pois em casos de homicídio, a abertura de inquérito é feita diretamente pela polícia, sem necessidade de uma vítima requerê-lo.

Algumas semanas depois, eu e a Le fomos à Praia Grande, para levar as fotos deixadas na máquina. Passamos pela orla da praia, mas o mal estar e as lágrimas que pulavam involuntariamente de nossos olhos nos fizeram dar meia volta e pegar um caminho mais longo. Passamos pela delegacia e um escrevente nos indicou que o processo já estava com o poder judiciário e que deveríamos nos dirigir ao Fórum da Praia Grande.

Chegamos ao fórum e pedimos o processo. Um processo de latrocínio é público e qualquer pessoa pode ter acesso a ele. Em uma sala grande, com cerca de uma dúzia de mesas abarrotadas de processos que passavam de um metro de altura, uma pessoa levantou os olhos e nos perguntou com desdém o que queríamos. Informei que queria ver o processo cujo número fora informado na delegacia. Ela se levantou procurou em uma das pilhas de processos cor-de-rosa e entregou uma pasta grossa.

De forma resumida, o processo trazia inúmeras informações, entre elas, várias audiências do réu com o juiz e a descrição daquele dia fatídico. A leitura tinha início com o depoimento do réu, que serviu como base para abertura do B.O. na noite do latrocínio. Conforme descrição do processo, o assassino, em companhia de um comparsa havia abordado uma vítima chamada Clarice, anunciado o assalto através de ameaça com arma de fogo, roubou uma sacola contendo os celulares de cinco pessoas. Seguiu pela orla buscando outra vítima, encontrou um casal de namorados (o Hermes e a Le) e anunciou o assalto ao casal, exigindo a filmadora que a vítima portava, mediante grave ameaça com arma de fogo. Esta agarrou o cano da arma que disparou sozinha. Saiu da cena deste roubo e procurou mais uma vítima. Abordou um homem chamado Osmar, ameaçou-lhe e roubou deste um celular. Esta vítima acionou a polícia que o prendeu. Ele não demonstrou reação. Na delegacia, confessou o roubo seguido de morte do turista e os roubos à mão armada das outras duas vítimas. Foi enquadrado na lei 157 do Código Penal.

O crime de latrocínio caracteriza crime hediondo (Lei 8.072/90). O réu confessou o crime e disse estar arrependido. Não pude deixar de ter a certeza de que este arrependimento só existia por conta de sua prisão. Ao contrário do que eu pensei, ele alegou estar sóbrio no momento do crime.

A leitura da pasta, a mentira sobre a reação como forma de atenuação do crime e a caligrafia deste indivíduo começaram a me embrulhar o estômago. Os olhos embaçaram, a cabeça tonteou, um calafrio começou a tomar conta dos membros e um suor frio começou a brotar em todos os poros. E se acreditassem na versão da reação do Hermes? E se acreditassem em tiro acidental e não no fato de que este monstro deliberadamente havia atirado nele e partido para assaltar outra vítima, como se tivesse

apenas desviado de um obstáculo? Tive que fechar o processo e me sentar, pois a sensação de pânico já estava tomando conta e minha boca parecia estar criando um limo amargo. Pedimos para falar com o advogado que cuidava do caso e fomos informados de que o responsável era a Promotora Pública, Doutora Ana Maria Frigério.

A Promotora de Justiça, Dra. Ana Maria, nos atendeu pessoalmente e nos confortou internamente com a impressão de que ainda existem pessoas que se importam com nossos mortos e dão importância às suas vidas. Entramos em uma sala pequena e ficamos frente a frente com uma moça jovem, de aparência angelical, séria e educada. Contamos a história, entregamos as fotos e pedimos para que fossem anexadas ao processo. O resultado da autópsia ainda não havia chegado, mas as condições de defesa do réu não se mostravam muito boas e que haveria a indicação para aplicação da pena máxima. Pela lei, o julgamento deveria sair em noventa dias, mas na prática os julgamentos aconteciam em média em seis meses. Agradei a Deus por ter nos enviado esta pessoa séria e ética, em um País com valores tão distorcidos. Não haveria júri, pois o crime de latrocínio era julgado da mesma forma que um crime contra o patrimônio. A pasta seria direcionada para o Juiz de Direito, que leria o processo, estudaria as provas e daria o veredicto.

Saímos de lá nos sentindo um pouco menos atormentadas. Aquela pessoa faria o que estivesse ao alcance dela para garantir que a justiça fosse feita.

Infelizmente tomamos contato com aquela realidade que sabemos que existe, mas que parece que existe em outro planeta.

A violência aparece nas notícias que chegam até nós através da TV, rádio ou jornais e creio que inconscientemente acreditamos que estejamos fora de seu alcance. Mas, inserido em um contexto de impunidade, com um Código Penal criado em 1940, possibilidades amplas de recursos e atenuações de penas, lentidão no andamento de processos e falta de interesse político em disponibilizar recursos para a segurança pública, o monstro da violência cresce a cada dia e seus tentáculos se estendem e nos alcançam dentro de nossos lares.

Esta é a mesma realidade de criminalidade e impunidade que colocou-nos no desonroso topo do ranking dos países com maior número de homicídios do mundo em 2003, segundo dados da Organização Mundial da Saúde. Estamos à frente até mesmo dos países em guerra.

Um artigo intitulado "Soberania nacional e execuções sumárias" foi publicado no Jornal Folha de S. Paulo, em 6 de novembro de 2003 assinado pelo sociólogo Carlos Lopes, explica este quadro:

"Segundo a Organização Mundial da Saúde, o Brasil é o campeão mundial absoluto em número de homicídios, com uma pessoa morta a cada 12 minutos, ou um total de 45 mil por ano. Com 3% da população mundial, o Brasil responde por 13% dos assassinatos. Em 20 anos, a taxa de homicídios cresceu 230% em São Paulo e no Rio de Janeiro. O número de adolescentes detidos por crimes contra a vida aumentou 85,5%".

Neste mesmo artigo, o sociólogo levanta mais um dado alarmante:

"No Brasil, a probabilidade de um assassino ser condenado e cumprir pena até o fim é de apenas 1%"

Trabalho

Apesar do talento reconhecido para os traços, foi no campo das cores que o Hermes começou a ganhar seu espaço. Após anos de viagens a São Paulo, armado com seu portfólio em punho, cópias de trabalhos já publicados e milhares de sonhos na cabeça, parece que merecidamente começaram a olhar para este mocinho de vinte e poucos anos, que morava no interior do Estado, falava arrastado e ainda tinha um jeito de menino, apesar do olhar sério e os traços firmes.

-Viu, o que eu faço?

-Sobre o quê?

-Tem um teste para uma editora dos Estados Unidos, mas sabe, o computador teve um problema e a conexão com a internet está uma porcaria e eu acho que já me mandaram o arquivo faz tempo e só agora que eu recebi. Fiz algumas páginas, mas acho que estava escrito em inglês que a cena se passava durante o "dawn" e eu entendi que era o amanhecer, mas na verdade é o entardecer, o que significa que fiz as cores totalmente erradas! E agora não dá mais tempo de corrigir e reenviar!

Pensei um pouco e fiquei me perguntando: porque sempre todas as oportunidades que apareciam para ele eram cercadas de empecilhos, desencontros e dificuldades?

-Faz assim mesmo, se o prazo já passou pelo menos eles terão uma amostra do seu trabalho lá - concluí.

-Putz! Só comigo que acontecem essas coisas...

-Dá e para ajudar, esta noite acordei e um enorme cão estava olhando para mim nos pés da cama.

-Como assim? Outro sonho?

-É esquisito, pois eu acordo e sinto a presença, sabe? Depois olho e percebo algo me olhando. Hoje tive a sensação de ser um cachorro e pude sentir até mesmo sua respiração... Fechei os olhos e rezei muito. Aos poucos fui parando de sentir medo. Quando abri os olhos de novo, não tinha mais nada lá.

Assim como acontecia com o Bruce Lee, seus demônios viviam rodeando e muitas vezes tínhamos a impressão de que estavam conseguindo seus objetivos. O Hermes era uma dessas pessoas que precisava sair com três guarda-chuvas de casa, pois caso chovesse, o primeiro emperrava, o segundo rasgava e o terceiro só abria quando a chuva passasse.

Todos seus objetivos eram alcançados depois de ter que transpor muitos obstáculos, desde perder entrevistas importantes porque o carro parava de funcionar a fazer voar a cabeça do martelo quando precisava despregar algo da parede...

O azar o acompanhava ainda mais quando ele contava seus projetos. Se estava fazendo algum teste e falava sobre isto com as pessoas, acontecia alguma coisa e o teste deixava de ser aplicado ou era postergado. Aprendeu a duras penas não contar nada sobre o que fazia com ninguém, o que dificulta sobremaneira descobrir todos os trabalhos que realizou.



Arte: Hermes Tadeu

Começou a dar aulas no Estúdio de Arte HQ, com uma pessoa que acabou se transformando em uma de suas melhores amigas: Letícia Barreto. Artista talentosa, ambos tinham muito em comum, por viver para a arte e gostar de ensinar.

Letícia o incentivou a ministrar aulas e dava liberdade para montar seu próprio estilo de ensino. Em paralelo as aulas no Estúdio, seu objetivo de ser reconhecido e fechar contratos com empresas de prestígio seguiam pelo caminho tortuoso característico das profissões incomuns.

Muitas vezes ele estava cansado por dar aula o dia inteiro e ter passado a noite em claro para concluir seus trabalhos, mas mesmo assim, continuava por lá, pois este era a única fonte de rendimento relativamente fixa que ele tinha, uma vez que os contratos iam e vinham, dependendo da época do ano ou dos adventos que requeriam a aplicação de cores ou ilustrações.

O namoro com a Le seguia firme, apesar das inúmeras brigas provocadas pelos ciúmes dela e pela impaciência dele, mas juntos eles formavam um belo casal. Ele era um jovem bonito, alto de feições austeras e sorriso fácil. Ela era magra, de estatura mediana e os cabelos loiros tornaram-se avermelhados, por influência dele. Com a pele

muito alva, o novo tom deixou seus olhos em evidência, assim como as roupas, que foram se transformando das mini-saias brancas com blusinhas cor-de-rosa para calças cargo e baby-looks pretas, muitas vezes com um símbolo de um herói de HQ no peito. Formavam, sem dúvida, um belo casal.

Proporcionalmente ao número de contatos e trabalhos efetuados, novos trabalhos apareciam e seu nome estava cada vez mais requisitado. A partir dos vinte e poucos anos, começou a encarar trabalhos maiores e conseguia firmar melhores contratos, muitos dos quais executava mais por prazer do que pelo retorno financeiro. Foi assim com ilustrações do Eddie do Iron Maiden, sendo grande fã banda, foi contatado para projetar alguns pôsteres de uma revista especializada. Na área musical, foi responsável também por clipes ilustrados do Guns'n Roses e Aerosmith além de capas de CDs.

Fez algumas exposições e deu algumas entrevistas para o jornal local para descrever um pouco sobre sua aparente ascensão. Os envolvidos com ilustrações, colorizações ou desenhos conheciam seu nome e algumas editoras famosas acabaram contratando seus trabalhos. A Mythos viu em um teste efetuado para colorização de uma capa um promissor colorista, que traria vida nova aos seus clássicos como o TEX, que tem milhares de colecionadores espalhados por todo o mundo.

Assinou as cores das capas do TEX e do Zagor, da mesma editora, sendo responsável por várias edições especiais, entre elas Tex Ouro 1 e 2, além de diversas capas comemorativas.

Tinha muito trabalho a fazer e raríssimas vezes podia dar-se ao luxo de sair para passear, ir a um barzinho ou viajar. Meus pais costumavam se dirigir à Praia Grande nos feriados prolongados ou finais de semana no verão e ele os acompanhava apenas aos domingos, temendo atrasar as entregas de compromissos assumidos. As aulas no estúdio eram ministradas às sextas-feiras e aos sábados, o que o impedia de realizar viagens em detrimento ao compromisso.

Para ele, não ser o melhor significava ser o pior. Tudo que ele fazia tinha que ser avaliado nos mínimos detalhes e aprimorado à exaustão.

Havia ministrado aulas de desenho também em Itapeva e Cerquilha, mas a viagem de ônibus o desgastava muito e o impedia de utilizar o tempo na confecção de sua arte. Deu aulas depois em Sorocaba, na Oficina Grande Otelo, o que originou o convite para dar aulas no Estúdio HQ e para ser indicado como jurado na banca examinadora do concurso anual de desenho de humor realizado na cidade de Cerquilha, através da Secretaria de Cultura.



16 de abril de 2004

-Dalila, a Meire, Secretária de Cultura de Cerquilho trouxe um prêmio em homenagem ao Hermes, espera aí que eu vou ler para você a placa que o Prefeito fez...

Eu estava trabalhando, na sexta-feira que seria o primeiro aniversário que o Hermes não completaria. Era meu pai ao telefone, falando com a voz embargada e interrompida por graves momentos de silêncio.

-Não entendi, pai. O que aconteceu?

-A Secretária de Cultura de Cerquilho veio até aqui hoje e falou que eles criaram o Troféu Hermes Tadeu de melhor desenho de humor, para premiar os desenhos de humor inscritos no concurso anual da cidade de Cerquilho. Ela me falou que gostava dele como a um irmão, que todos ficaram muito tristes com o que aconteceu, pois ele era muito querido lá. Por isso resolveram criar este prêmio. Agora todo ano um desenhista vai ganhar um troféu chamado Hermes Tadeu! (silêncio) O nome dele vai ficar lá para sempre! – disse com a voz engasgada.

-Que bom, pai, que bom...

- Espera aí, vou ler a placa para você: “A Prefeitura Municipal de Cerquilha, Comissão Organizadora, Jurados e ex-alunos prestam através desta placa uma singela homenagem em memória do Mestre Desenhista, Colorista e Ilustrador HERMES TADEU MORAES. Hermes coordenou o primeiro curso de desenho de humor de Cerquilha, através da Oficina Cultural Regional Grande Otelo de Sorocaba. O Legado que nos deixou este jovem Mestre, foi o seu exemplo de caráter, dedicação, dignidade, talento, humildade e amizade. E por este legado tão nobre, a partir deste ano de 2004, os troféus de premiações do Salão de Humor de Cerquilha terão o seu nome como homenagem: “Troféu Hermes Tadeu” - Cerquilha, 01 de Abril de 2004 – Prefeitura Municipal de Cerquilha.”.

-Chamaram o Hermes de mestre, Dalila, chamaram-no de Mestre...

Teste para o Hulk

Fez um teste para colorizar a HQ do Hulk (The Incredible Hulk) que seria publicado nos Estados Unidos. A indicação havia partido do paraibano Mike Deodato, que estava contratado para efetuar os traços do herói verde através da Marvel Comics, a grande editora de quadrinhos norte-americana.

Mostrou-me o esboço, onde era retratada uma cena contendo um homem se escondendo em uma montanha, tendo como pano de fundo um grande deserto e um pequeno posto de gasolina, onde supostamente estariam os seus oponentes. A colorização ficou muito boa, com nuances alaranjadas de pôr do sol, que tingia de vermelho as poucas nuvens que se encontravam distribuídas no céu. A textura da roupa do homem permitia o vislumbre de pequenas marcas de terra, além de dobras bem colocadas, que emprestavam um ar de movimento ao personagem. Achei o trabalho final realista e de uma pormenorização impressionantes, mas o colorista não passou no teste.

Antes de meu casamento, conversamos sobre este teste. Eu estava irritada, pois tudo que eu queria parecia estar dando errado, o que traduzia o stress vivido antes de um casamento. Tínhamos longas conversas e esta foi uma em que me lembro claramente. Fomos buscar minha cesta de Natal na empresa em que eu trabalhava, na véspera de meu casamento. Eu iria viajar no dia seguinte a cerimônia e não tínhamos nada pra comer na casa nova, portanto a cesta seria muito bem vinda. Pedi para ele me acompanhar e ele aceitou na hora, querendo sair um pouco da frente do computador e espairecer um pouco.

-Sabe Hermes, às vezes me sinto perseguida pelos seus demônios.

-Nem me fale, eles deram-me uma trégua agora.

-É, estou perturbada, cansada, um monte de coisas dando errado.

-Pare de contar as coisas para os outros. Tudo que eu falo dá para trás. Lembra do teste do Hulk? Acho que se eu tivesse ficado quieto, talvez tivesse conseguido, mas a gente conta para as pessoas e parece que tudo desmorona. Se eu tiver outra chance, não conto para ninguém.

-Às vezes eu acho que isto não tem nada a ver, mas muitas vezes as coisas começam a andar para trás, sem ter condições de acontecer isto.

-Ah, sei lá se é verdade ou não, o que eu sei é que quando eu calo minha boca, consigo fechar contratos e executar uns bons trabalhos, mas quando decido falar o que estou fazendo, perco os contratos, perco os trabalhos, o micro começa a travar, perco os prazos e assim vai. Aprendi que todas as vezes que eu conto alguma coisa boa que me aconteceu ou que pode acontecer, tudo começa a dar errado. Então, é assim, não se

pode falar nada para ninguém.

-E você e a Le, como estão? - perguntei, querendo saber do andamento do namoro, uma vez que eu estava um tanto quanto aérea ultimamente devido aos preparativos do casamento.

-Mais ou menos. Ela briga muito comigo. Ela tem muito ciúme de tudo que eu falo e do que eu faço, isto me irrita.

-O que você faz?

-Nada na verdade, às vezes estamos conversando e comento alguma coisa sobre alguma aluna ou sobre alguma amiga e pronto! Acaba a conversa e ela começa a brigar comigo e depois chorar.

-Hermes tenha paciência, ela está insegura com alguma coisa, preste atenção em seus atos e tente encontrar uma forma de não provocar, não leva a nada.

-Não sei por que ela está assim. Eu gosto muito dela, mas esta semana estou irritado.

Resolvi mudar de assunto.

-E aí, foi à igreja com a Le?

-Putz! Fui. Em primeiro lugar, fui vestido de preto. Todo mundo ficou me encarando. Não senti nada de bom lá dentro.

-É, tem que se vestir de acordo.

-Eu entendo assim: eu sou o que sou. O que importa é o seu coração, os seus atos, sua índole. Na verdade, no meu ponto de vista, não precisamos de nenhuma religião. Deus nos fala o que é certo e o que é errado o tempo todo, é só ouvir. Não precisa ser traduzido por ninguém, pois ninguém é mais filho de Deus que o outro, somos todos iguais e, portanto, temos as mesmas condições de acertar e errar, basta seguir nossos corações. Jesus nos deixou um grande exemplo: Amor. Se tivermos isto, não precisamos de dogmas e diferentes interpretações sobre o mesmo tema. Quando você faz as coisas certas, sabe que está certo. Quando comete erros, sua consciência te dá o alerta. Funciona para todos, basta ouvir sinceramente. Lógico que existem pessoas com uma visão completamente distorcida do que é certo ou errado, mas não acredito que estes indivíduos melhorarão sinceramente apenas por se filiarem a uma determinada religião. Muitos acabam apenas camuflando sua verdadeira índole, mais nada. Deus está dentro de você, basta ouvi-lo.

Conversamos sobre muitas outras coisas naquela noite. Fomos para casa já tarde da noite e dormimos. No dia seguinte, foi meu casamento com o Luiz, após onze anos de namoro.

O contato diminuiu depois do casamento, mas começamos a sair regularmente com ele e a Le nos finais de semana. Normalmente, convidados por eles. Tinham mais disposição para ir a barzinhos, viajar de moto e assistir shows de rock. Algumas vezes acompanhava-os.

Eu chegava à casa dos meus pais, conversava com eles e depois me dirigia ao quarto do meu irmão para conversar. Em geral, eu o encontrava trabalhando nos desenhos que deveria entregar, muitas vezes com a Le ao seu lado, como companhia.



Arte: Hermes Tadeu

Marvel Comics

Alguns meses depois meu pai me contou com orgulho que o Hermes tinha passado em um teste para colorizar as capas do Hulk, da Marvel Comics. Tinha conseguido um agente nos Estados Unidos que conseguiu selar este contato. O nome deste agente era David Campiti, que passava para ele as informações necessárias para o feito das cores das capas. Ele ficou muito feliz com esta grande oportunidade. Tinha conseguido chegar até gigante Marvel, a potência americana dos quadrinhos. Seu vôo tinha sido alto.

Em outubro de 2003, conversamos o maior passo da carreira dele.

- E aí? - perguntei

-Beleza! - ele sempre respondia com este "beleza"

-O que você está fazendo?

-Colorindo alguns trabalhos da Star Wars.

-Foi para Porto Feliz hoje?

-Hoje não fui, estou com saudade da minha Leandrina... mas amanhã ela estará por aqui.

O quarto havia se transformado em estúdio após minha mudança e era composto de um sofá-cama, um pequeno guarda-roupa atulhado de revistas em quadrinhos assinadas, muitas delas assinadas por ele, uma mesa de computador, três prateleiras cheias de bonecos do McFarlane, entre eles o Wolverine, Tempestade, Ciclope, Homem-aranha, Vampira, Freddy Krueger e outros. Além de quatro bonecos feitos por ele: um Edward Mãos de Tesoura, um boneco e um busto do Eddie que seria enviado ao Iron Maiden através de um contato no Brasil e uma caveira com uma foice na mão, a típica representação da morte.

-Viu, não conte para ninguém, mas eu fechei um contrato com a Marvel Comics para colorizar todas as edições do Hulk a partir de agora!

-Puxa vida! Que legal, você merece! Até que enfim! Capa e miolo?

-Sim! Inteiras! Contrato exclusivo!

Dei um abraço nele. Assinou um contrato!

-A partir de agora, sou o colorista oficial do Hulk, todas as edições serão feitas por

mim, inclusive pôsteres e edições especiais! - falou rindo, como se estivesse contando que levou os cachorros para passear e encontrou um tesouro no caminho.

-Parabéns, colorista do Hulk!

Há alguns meses ele havia sido indicado para colorizar as capas do HULK desenhadas pelo Mike Deodato e publicadas nos Estados Unidos. O trabalho rendeu inúmeros elogios, inclusive o prêmio de capa do mês para a edição nº. 60 do Incredible Hulk, onde Mike indica que parte do sucesso de sua capa se deve ao talento para as cores feitas pelo Hermes. Deodato o escolheu pessoalmente para dar cores aos seus traços.

Este era o verdadeiro reconhecimento de seu talento, que apareceu depois de um árduo trabalho e uma grande busca. Entretanto, devemos reconhecer que ele tinha apenas vinte e cinco anos e sua carreira havia começado há apenas sete anos, quando ele teve sua história "Don't Give Up" publicada na Metal Pesado. Desde então, nunca lhe faltou trabalho em editoras pequenas que aos poucos foram sendo trocadas por editoras maiores, de maior prestígio e divulgação. Trabalhou com os grandes nomes dos quadrinhos, com o Klebs Junior, Rogério Vilela, Roger Cruz, Fábio Laguna, Jubran, Luke Ross, Deodato, e outros. Deu aulas na Impacto e trabalhou para o pessoal da Fábrica de Quadrinhos. Até aqui, havia montado um currículo de peso. Agora, as portas haviam sido abertas para seu mais importante contrato: colorista da Marvel Comics Inc. Se considerarmos que sua grande ascensão se deu a partir de 2000, podemos concluir que o sucesso o atingiu muito rapidamente, preparando-o para uma vida de muito trabalho, mas que se vislumbrava coroada de sucesso.

Encontrou um agente nos Estados Unidos, que havia negociado seu contrato com a Marvel. Muitas vezes ele me pedia a tradução de alguns textos para o português para compreender melhor o que deveria fazer, mas ele conversava diariamente com o David e eu me perguntava como ele fazia para se comunicar com ele, sem nunca ter feito curso de inglês. Sempre foi autodidata, nunca fez curso de arte e nunca precisou fazer. Agora estava se virando até para conversar com o agente em uma língua que não estudou.

-Você precisa acabar logo a faculdade para me dar aulas de inglês. Quando acaba?

-No ano que vem. Depois eu te ensino inglês e você me ensina a desenhar, daí eu viro sua assistente e começo a viver na folga.

-Pô, mas eu trabalho para caramba!

-Ah, estou vendo! Você passa o dia inteiro desenhando mulher pelada e ainda fala que trabalha!

Ele riu e mudou de assunto.

-Domingo eu fui levar a Le para casa, pois ela teria que trabalhar no hospital na

segunda-feira. Daí, aconteceu uma coisa esquisita na estrada... Eu estava vindo de Porto pela estrada, aí deu um raio que iluminou o céu inteiro e no clarão, apareceu uma cruz preta perto do horizonte...

-Credo Hermes, você vive vendo coisas esquisitas!

-O que será que quer dizer?

-Provavelmente um raio que iluminou alguma coisa que se parecia com uma cruz...

-Não. Era esquisito. Espera aí, vou desenhar para você.

Desenhou rapidamente um horizonte, uns pequenos morros, o céu carregado de nuvens e uma cruz preta, iluminada por trás.

-Sabe Dalila, acho que era um sinal.

-Sinal de quê? De que iria chover?

Ele deu uma gargalhada gostosa. Ele podia estar sério, mas quando ria conseguia encher o ambiente. Tinha uma risada fácil e gostosa, de menino.

-Não, Dalila. Sei lá, era esquisito. Acho que é um aviso... Não sei, não.



Hermes em seu quarto – os bonecos ao fundo e o desenho do Eddie na tela do computador

04 de novembro de 2005 - Julgamento

Fundamento e decisão

"Na fase inquisitorial, o acusado afirmou que saiu de casa com a intenção de praticar um roubo, sendo certo que estava na posse da arma apreendida. Confessou que ao tentar roubar a filmadora da vítima Hermes, disparou sua arma contra esta e se evadiu do local. Afirmou ainda, que logo após subtraiu mediante grave ameaça o celular da vítima Osmar" (...).

"com o réu foi apreendido um revólver, municiado com três cápsulas, a primeira deflagrada, a segunda picotada e a terceira intacta".

Neste caso, a cápsula picotada foi a tentativa de um tiro que falhou e a cápsula deflagrada foi a que matou Hermes naquela tarde.

Pelo latrocínio do Hermes, o assassino foi condenado a vinte e um anos e dois meses de prisão. Pelos crimes de roubo mediante grave ameaça exercida com arma de fogo contra a vítima Clarice, que antecedeu o latrocínio do Hermes, ele foi condenado a seis anos de prisão e pelo que o precedeu, contra a vítima Osmar, mais seis anos de prisão, totalizando trinta e três anos e dois meses de prisão.

"No que tange o crime de latrocínio praticado contra a vítima Hermes, o regime será o integralmente fechado, nos termos da Lei 8.072/90."

A sentença foi pronunciada pelo Juiz de Direito Wilson Júlio Zanluqui, apoiando a pena máxima solicitada pela Promotora Dra. Ana Maria Frigério, por quem passei a sentir um grande carinho e profunda admiração. Seu exemplo de caráter e profissionalismo, assim como a decisão tomada pelo Dr. Wilson haviam se tornado o instrumento de justiça e de consolo para os nossos corações.

A última conversa

Toquei a campainha e esperei, minha mãe me atendeu à porta:

-Oi filha, entre aqui, nós já estamos saindo...

-Oi mãe, deu certo o aluguel do apartamento?

-Deu.

-Oi pai, tudo bem?

-Oi!! Já estamos saindo! - se dirigiu para o quarto buscar as malas.

-Eu sei. Que dia vocês voltam?

Minha mãe estava contente, sorrindo à toa. Nos últimos três anos, dirigiam-se à Praia Grande, litoral sul de São Paulo, quase todos os feriados prolongados. Sempre que questionado sobre o porquê de ir para a praia apenas nos feriados, uma vez que ele era aposentado e poderia ir sempre que quisesse, ele mencionava que era menos perigoso, pois as praias não estariam desertas.

-Vamos voltar na segunda-feira, antes do Natal.

-Que apartamento que vocês alugaram?

-O mesmo que a gente ficou da última vez, lembra?

Eu me lembrava. Odiava aquela cidade suja, a praia lotada. Na última vez, todos eles foram almoçar em Santos e não nos avisaram, eu passei o maior desespero da minha vida e quando voltaram para casa às 21h30 eu já tinha ligado para todos os hospitais, resgate, polícia e ido a todos os lugares atrás deles. Meu irmão falou que eu estava ficando velha e invertendo o papel com meus pais, agora era eu que não ficava em paz enquanto eles não voltavam...

-O Hermes está aí?

-Está lá no quarto. Quer comer alguma coisa?

-Não, não estou com fome e já vou embora.

Fui até o quarto, coberto de pôsteres do Eddie do Iron Maiden feitos por ele, além de pôsteres dos filmes favoritos: Joana D'arc, Homem-Aranha, Resident Evil, fotos da namorada Le e uma coleção cada vez maior dos bonecos de heróis.

-Fala aí, Criatura!

-Fala Dilata!!! Beleza?

-Beleza!

-Cadê o Lula?

O Lula era o Luiz, meu marido. Namoramos desde os 15 anos e os dois acabaram virando grandes amigos.

-Está em casa. O que você está fazendo?

-Tenho que aprontar a Jinx.

-Não vai aproveitar a carona e vai para a praia com a mãe?

-Não vai dar, tenho ainda mais um desenho da Jinx e algumas correções a fazer nas cores do Hulk, talvez eu vá domingo.

Minha mãe entrou no quarto e me perguntou se eu não ficaria chateada se ela fosse, pois meu pai já estava impaciente esperando por ela no carro.

-Claro que não, sou de casa, lembra?

Ela riu.

-Fica com Deus Dalila. - me deu um beijo no rosto

Abraçou o Hermes.

-Fica com Deus, filhão.

-Vai com Deus, mamacita.

Ela saiu animada ante a perspectiva de mudar de ares, passear um pouco e descansar das atribuições domésticas.

-A Lê vem para cá?

-Não sei ainda, acho que amanhã é o plantão dela.

Notei um pôster novo na parede: uma moto estilo Harley Davidson prata.

-Que moto é aquela?

-Aquele é a Drag Star que eu te falei! Putcha moto da hora!!! Mas está muito cara...

-A sua é mais bonita - ele havia comprado uma Shadow verde alguns meses antes. Na

parece havia algumas fotos da Le na moto. Ele chamava a moto e a Le de "minhas meninas"

-Ah... Qualquer coisa é melhor que a "chastinsqui" - tinha colocado este apelido na moto anterior, que quebrava a cada cem metros rodados. Culminou com o gato destruindo o assento da moto ao tentar usa-la como trampolim para pular pela janela e entrar na casa. Trocou-a por uma Shadow.

-Pô, estou lendo um livro muito bom: "O Nome da Rosa" - falei, me lembrando do livro.

-É? Estou a fim de ler alguma coisa, estou enjoado de só ouvir falar em quadrinhos. Este é aquele livro que fizeram o filme?

-É. É muito legal, fala um pouco sobre a inquisição e quanta sujeira estava escondida atrás de dogmas e doutrinas religiosas no século XV. Muita coisa encoberta, muita camuflagem dos interesses, sabe?

-E você acha que hoje é diferente? A diferença é que não existe mais inquisição, mas por outro lado existem mecanismos de repressão sutis.

Continuou efetuando o trabalho de dar contornos tridimensionais em uma loira voluptuosa que lia um livro enquanto dois diabinhos sopravam-lhe informações em seus ouvidos. O trabalho de luzes e cores traziam uma impressão de realidade à figura. A agilidade demonstrada em lançar sombras e cores sobre a tela beirava o intuitivo, sem necessidade de análise ou estudo do espaço a ser preenchido. As cores pareciam preencher-se por si próprias, trazendo vida à figura inanimada ilustrada na tela.

-Sabe o eu que gostaria?

- Do quê?

-De saber como foi Jesus realmente. Dentro das religiões, a história dele traz um pacote de interpretações prontas e conclusões embasadas nas verdades esclarecidas por aquela religião. Muita coisa se perdeu, não conhecemos quase nada. Eu gostaria de saber o que ele fez até os trinta anos e ouvir as mensagens sem as explicações dadas por outros. Creio que ele tinha muito a nos falar, muita coisa a esclarecer. Mas hoje é difícil saber o que é real e o que é interpretação religiosa, não é Dá?

-O mais difícil é que cada religião faz uma interpretação diferente das mesmas passagens e dá um enfoque maior em esta ou aquela questão, em detrimento as demais. Por outro lado, se não for assim, fica difícil digerir tudo.

-Eu continuo acreditando que Deus fala conosco e que isto é tudo de que precisamos. Se eu começar a freqüentar determinadas religiões, não poderei mais desenhar o Eddie, estas caveiras e outras coisas que me são encomendadas e me garantem o sustento. Você acha que teria algum sentido?

-Eu não acho. Acredito que o que importa é o que você tem dentro do coração, não as roupas, ou um desenho que você faz.

Ficou pensativo.

Resolvi mudar de assunto.

-Você vai passar o Natal na casa da Stella? - Stella era minha sogra e tínhamos programado passar o Natal na casa dela.

-Vou. A Leandrina vai comigo, vamos ficar um pouco depois vamos para Porto. Avisei a Letícia que este ano não vou poder participar do mutirão para servir a ceia de Natal para os pobres, pois tenho que acabar o HULK e o Star Wars, além das páginas da Bíblia ilustrada que já estão atrasadas. Vou ter que acabar até terça, que já é a véspera de natal. Portanto, com certeza vou ter que trabalhar dia vinte e quatro.

-Você trabalha quase todo ano, deixe este de lado. Descanse um pouco!

-Viu, onde vamos passar o Ano Novo? Eu não quero passar aqui.

-Hermes, hoje é dia dezessete de dezembro, você acredita mesmo que encontraremos vaga em qualquer lugar do mundo a esta altura?

-Ah, não quero nem saber, nem que a gente passe de barraca, no Camping. Não quero ficar aqui não. Vou arranjar um esquema, vocês vão?

-Se você arranjar, vamos.

Ficamos conversando quase duas horas, não vi o tempo passar. Conversamos sobre o Nico, o gato que eu havia encontrado na rua com a perna destroçada por um portão automático e as orelhas cortadas pela ignorância humana, e sobre como ele havia sobrevivido sem perder a perna. Depois falamos sobre os presentes de Natal que ainda não tínhamos comprado e teríamos que enfrentar o comércio lotado, pois faltava apenas uma semana para a celebração do Natal.

-Sabe Hermes, depois que eu terminar a faculdade, você pode me ensinar a chapar as cores dos desenhos para você, assim eu começo a te ajudar e tiro uns trocados, né?

-Legal. Agora a Le e o Marcos estão me ajudando. É fácil, depois eu te ensino.

-Quem sabe não mudo minha profissão e vou para a área dos quadrinhos? - falei brincando, pois não tinha um décimo da criatividade necessária para me desenvolver nesta área.

-Putz, preciso aprender inglês logo para ir para os Estados Unidos, lá dá para trabalhar legal. Quando você acaba esta droga desta faculdade para retomarmos as aulas?

-Tem mais um ano ainda.

-O mercado de trabalho de HQs nasceu lá e este sim é um mercado que garante ascensão e desenvolvimento profissional. Estando no país dos quadrinhos, os contatos com as grandes Editoras é simplificado e os contratos podem trazer boas oportunidades. Preciso ir para lá, vou estar mais perto da Marvel também, o que pode facilitar meu trabalho.

-Não gosto dos Estados Unidos. Eu iria para a Europa, mas não viveria nos Estados Unidos.

-Mas no mercado de Quadrinhos, os Estados Unidos são os maiores. Eles têm as maiores editoras, os maiores nomes, os melhores desenhistas e ainda possuem Hollywood para divulgar as histórias.

-Putz, o filme do Hulk bem que poderia ter emplacado, heim? Pensou se tivesse tido o mesmo sucesso do Homem-Aranha?

-Eu estaria bem, heim? Mas agora as coisas irão melhorar. Este contrato significa muito, pois é muito difícil um brasileiro conseguir fechar um contrato com a Marvel. Os brasileiros são muito poucos. Este é um universo fechado, eles protegem os talentos americanos e só permitem uma abertura quando acreditam muito no potencial do artista estrangeiro.

-Mas você merece.

Falei sinceramente. Tinha um talento muito grande e não se vangloriava nunca. Os poucos comentários sobre as conquistas vinham acompanhadas de um sentimento de gratidão muito mais perceptível que qualquer resquício de orgulho ou soberba. Ele era uma pessoa humilde e sentia que teria que lutar muito para conquistar seu espaço.

-O Deodato me ligou ontem e me falou quanto custa um boneco do McFarlane nos Estados Unidos. Você não vai acreditar! Nem dez dólares!

-Verdade? - ele pagava em média seis vezes mais nos bonecos aqui. A coleção estava grande, mas ele ainda queria algumas peças fundamentais.

-Quero comprar a Mística!

-Você já tem!

-Mas esta não está legal, tem uma que eu vi que é perfeita! Igual ao Freddy Kruegger, sabe? Cada detalhe bem feitinho! Queria um boneco da Jean Grey também.

-E o Alien, como está?

-Parado, estou sem tempo. Ele está ali, em cima do suporte da cortina.

Olhei, estava quase pronto. Era uma escultura de epóxi, do xenomorfo do filme Alien. Faltava finalizar os membros.

-Depois que minha casa estiver pronta, quero fazer uns bonecos de heróis em tamanho natural para colocar no estúdio. Deve ficar da hora, né?

-No estúdio fica bem legal. Naquele terreno que você comprou dá para construir uma casa legal e ainda fazer um estúdio bem planejado. Faça com a frente em blindex, tipo sextavado ou com uma aparência bem diferente, sabe?

-Pensei em usar aço escovado na frente, para ficar fechado e já ter o nome do estúdio "Estúdio de Arte Hermes T." o que você acha? - falou, desenhando no ar o nome, como se estivesse visualizando-o. Virou para o computador e continuou colorindo a Jinx - Mas eu preciso esperar começarem a construírem por lá. O loteamento é novo, acho que demora um pouco ainda.

-Viu, quando você vai casar com a Le?

-hummm...

-Case, é legal! E outra, eu queria uns sobrinhos logo, pensou que bonitinhos? Poderiam nascer de olhos verdes como os da Le...

-Tenha filhos você! Folgada!

Conversamos por mais uma hora e entramos no assunto dos dois jovens assassinados em um acampamento por um menor de idade que coordenou o seqüestro e o assassinato do casal, estuprou a moça, além de ocultar os cadáveres e convidar os amigos para se servirem da jovem de dezesseis anos. A história em si já era horrível, mas a isenção de culpa atribuída ao mentor do crime pela inimputabilidade penal transformava a história em uma tragédia ainda maior. Este assunto sempre nos trazia um grande sentimento de revolta, portanto conversamos bastante e esbravejamos para descarregar a raiva.

-O pior é que não será feita justiça, pois neste país a cadeia serve apenas para aqueles pais de família que atrasam a pensão. Este "Champinha" ficará na FEBEM alguns meses, depois receberá carta branca para voltar às ruas. E as vítimas que foram enterradas serão esquecidas, assim como a justiça.

-Só sai mal quem morre, além da família da vítima, só isso.

Resolvemos mudar de assunto, pois este já estava trazendo uma sensação de embrulho na boca do estômago, como algo que se quer vomitar.

-Agora no começo do ano, vou ajudar a Le a trocar a moto dela, aquela que ela tem não está legal. Depois, de qualquer jeito, tudo ficará para nós dois mesmo, então...

-É uma boa, troque sim. Assim vocês ficam com duas motos boas. - olhei para o relógio: quase oito horas - Viu, preciso ir embora. Estou com uma vontade louca de comer aquele panetone que a mãe deixou na cozinha, portanto, acho melhor ir para casa.

-Agüente firme, você emagreceu, se comer, vai engordar tudo de novo. Não vale a pena.

O Nico pulou sobre o sofá-cama. Ficou olhando para mim e olhando para o Hermes, pois sabia que eu permitiria que ele pulasse no sofá e viesse no meu colo, mas o Hermes ficava bravo quando ele subia no sofá. Tomou a decisão de fugir pela janela, mas se enroscou na cortina que estava fechada e ficou pendurado, tentando subir. Rimos muito pela indecisão dele e pela decisão desastrada que tomou no final. Por fim, o ajudamos a subir na janela.

Levantei-me.

-Viu, vamos comprar o presente de Natal do pai juntos? O que você acha?

-Pode ser, assim damos um presente legal, afinal ele nos deu aqueles telefones caros de presente de aniversário...

Eu havia ganho um telefone em forma de guitarra dos anos sessenta, que tocava rock e blues sempre que recebia uma ligação e ele ganhou de aniversário uma moto cujo assento era o fone e o toque era semelhante ao ronco de uma moto de verdade.

-O que poderíamos dar?

-Não sei. Outro telefone?

-Meio ruim. O que você acha de darmos um toca - CD para ele colocar no Escort, agora que ele mandou trocar a capota conversível?

-Acho uma boa, Hermes! Você compra e depois dividimos?

-Compro e depois te falo - ele concordou.

Sáímos até a frente da casa e ele me mostrou as calotas que havia mandado colocar na roda traseira da moto. A roda estava fechada e cromada. Mostrou-me também a pedaleira avançada que havia instalado e me disse que agora eu não iria mais poder pilotar a moto. Falei que isto não importava, pois eu não sabia pilotar mesmo, mas que ele poderia me levar dar uma volta qualquer dia. Concordou imediatamente.

-Depois de trocar a moto da Le, vou começar a ver algo mais concreto, sabe? Vou parar de gastar com acessórios para moto...

-É melhor, afinal, se você tiver uma casa não tem como perder, já se alguém roubar a moto acabou, né?

-É verdade. Ano que vem vou começar a ver alguma coisa junto com a Leandrina. Vou começar a construir. Chega de gastar dinheiro com coisas sem importância.

-Faça isso, o terreno é legal, comece a construir alguma coisa para seu futuro. Carros perdem o valor, invista em algo seu, que valha a pena. Preciso ir. Tchau então, fique com Deus.

-Tchau, vai com Deus. Depois combinamos o Ano Novo, falô?

-Falô!

Saí sem dar um beijinho de despedida. Foi a primeira vez que fiz isso e não sei por que o fiz.

Saí de lá com um nó na garganta. Fazia seis meses que eu sentia que uma coisa muito ruim iria acontecer. Mas eu acreditava que seria comigo. Eu tinha a impressão que eu estava doente e iria descobrir logo, então deveria estar preparada para contar para todo mundo. Senti um imenso vazio durante este período e tentei encontrar respostas em teorias religiosas, cheguei a participar de alguns cultos e a ir duas vezes a um centro espírita. Sentia que eu tinha que me preparar e comecei esta busca religiosa desesperada, sem encontrar nenhuma resposta. Perto do final do ano, esta ansiedade estava se tornando tristeza e parecia que em breve eu saberia por que estava sentindo aquilo tão forte. Dois dias antes, havia sonhado que a falecida tia Danuzia veio até o apartamento onde eu morava e me falou que viera buscar alguém. Só que eu não sabia quem.



Alguns desenhos em seu site pessoal

<http://hermescomics.tripod.com>

23 de Fevereiro de 2006

Atendi uma ligação da Mary, que também teve o irmão assassinado, o DJ Jullius Bill. Mary tornou-se “amiga de e-mail”, pois depois de dois anos nos correspondendo, ainda não a conhecia pessoalmente e esta era a primeira vez que nos falávamos por telefone.

- Dalila, hoje acabou a Lei dos Crimes Hediondos.

Desde 2004, o Ministro da Justiça Márcio Thomaz Bastos falava em revogar a Lei dos Crimes Hediondos. Hoje, o Supremo Tribunal Federal havia sido considerado inconstitucional o dispositivo da Lei que exigia o cumprimento da pena em regime fechado (Art. 2º - § 1º da Lei 8.072/90).

Foram múltiplos os argumentos para a aprovação do Hábeas Corpus impetrado pelo pastor evangélico que abusou sexualmente de quatro crianças e que recebeu a liberdade de presente do STF, abrindo precedente para que todos os criminosos condenados por crimes hediondos pudessem solicitar a progressão da pena depois de cumpridos apenas um sexto de suas penas. Para o ministro Eros Grau, o cumprimento da pena em regime fechado (que em outras palavras significava que um indivíduo condenado a vinte anos de pena seria obrigado a permanecer preso durante este tempo) foi considerado “desumano e cruel”. Não pude deixar de pensar que este Ministro deveria conhecer um IML para perceber o real significado destas palavras. Já para o Ministro Marco Aurélio Mello, o custo de manutenção de um preso em uma penitenciária foi mais significativo: “Teremos um alívio na superpopulação das penitenciárias”.

Chorei lágrimas sinceras naquela noite.

A pessoa que eu enxerguei no espelho naquela noite era uma mulher com olhos tristes, envelhecida precocemente e com um sentimento amargo no peito. Lembrei-me do ditado *“Crie corvos e eles lhes comerão os olhos”*. Sim, criem corvos. Hoje eles comem nossos olhos e ouvimos discursos inflamados de eles merecem uma segunda chance. Logo eles comerão nossos corpos e os aplaudiremos, enquanto ainda restarem-nos as mãos...

Hoje sou filha única e meus pais são pais de uma única filha. Os Dias dos Pais, das Mães e Natal, são datas que passamos com um grande nó na garganta e uma cadeira vazia à mesa. Permitimos-nos falar do Hermes apenas quando há uma homenagem artística ou no Dia de Finados, quando vamos ao cemitério levar flores.

Não há mais Feliz Natal. Não há mais passado ou futuro que não sejam assaltados pela ausência forçada. Estamos presos ao presente, que se tornou cinzento e silencioso. Não existem respostas. E aos poucos paramos de fazer as perguntas.

A dor retorna a cada dia em que me defronto com tamanhas injustiças e tanta indiferença pelas vidas de brasileiros honestos que foram trocadas pela liberdade de indivíduos que representavam risco real à sociedade.

Mas meu discurso é retrógrado. Minha cabeça ficou presa no tempo, no dia em que encontrei meu único irmão numa caixa de plástico num IML fétido, com um buraco no peito da largura de um dedo.

Até aquela data, eu carregava comigo crenças infantis que colocavam ordem ao caos de nossas vidas. Entre elas, as máximas de que o bem sempre vence o mal; lugar de bandido é na cadeia; assassinato é o pior crime existente; a cadeia serve para que os

honestos sobrevivam do lado de fora; e outras crendices, que nos norteiam a vida e nos levam por caminhos estreitos, cujo final supostamente seria recompensador.

Mas isto aconteceu há muito tempo.

Depois deste tempo, descobri novos prismas para antigos paradigmas e as crendices foram enterradas no túmulo simples, de lajotas escuras. Descobri as duras penas que cadeia não é para os bandidos. Um assassinato não é o pior crime que existe. Não importa a mínima se haverá sobrevivência do lado de fora dos presídios, desde que haja uma forma de isentar os culpados de suas punições. O bem nunca vence o mal, pois o bem está desarmado, sem apoio e é figura descartável. E que poucos se lembram (e se importam) com os honestos que tombaram.

A revogação da Lei dos Crimes Hediondos nos assombrava desde 2004. Hoje, ela não é mais uma assombração.

Supostamente o Brasil encontrou gurus que finalmente descobriram a pedra filosofal para o fim da violência: abrir as portas das cadeias.

Deixo registrado apenas um alerta: Será necessária a construção de mais IMLs.



Arte: Hermes Tadeu

O assassinato

Na tarde de 20 de dezembro de 2003, Hermes enviou as últimas páginas da Edição nº. 70 do “Incredible Hulk”, a primeira edição totalmente colorizada por ele. Este era seu primeiro grande trabalho, um contrato que garantiria reconhecimento, uma considerável renda mensal e estabilidade profissional.

À noite ele nos ligou e falou que gostaria de descer para a praia para encontrar com meus pais, que estavam em um apartamento alugado e perguntou se queríamos ir também. Falamos que não, afinal o Luiz iria trabalhar na segunda-feira e o trânsito deveria estar infernal na subida da serra.

No dia 21 de dezembro, ele e a namorada foram de moto para a Praia Grande, litoral sul do Estado de São Paulo.

Ele nunca mais voltou.



Hulk nº 70

Publicada nos
Estados Unidos:

Primeira e última
edição totalmente
colorizada por
Hermes Tadeu.

21 de Dezembro de 2003 - Praia Grande

Neste dia eu não estava presente, então escrevo aqui tudo que ouvi sobre aquele dia.

...

Hermes chegou à Praia Grande com a Le na garupa aproximadamente às 11h. O céu estava azul e a temperatura beirava os 30º graus.

Deixaram as mochilas na areia e deram uma volta procurando encontrar meus pais.

Enquanto procuravam, o Hermes contou para a Le que havia sonhado naquela noite que ele havia tido uma filha. Ela riu e disse que talvez ele tivesse uma filha, um dia. Resolveram ficar em frente do prédio onde eles sabiam que meus pais estavam hospedados e entrar na água dar um mergulho. Meus pais estavam caminhando na areia quando viram o casal na água. Minha mãe foi ao encontro deles, o Hermes aproveitou para abraçá-la e matar a saudade, afinal eles estavam na praia desde quarta-feira. Saíram da água abraçados e sentaram-se na areia.

-Faz tempo que vocês chegaram?

-Não, chegamos agora. Resolvemos vir hoje, pois quando eu terminei de mandar os desenhos ontem já era muito tarde.

-Não vieram correndo, não é? – minha mãe tinha muito medo de um acidente de moto.

-Ah, viemos numa velocidade... – falou rindo, pois tinham vindo devagar, curtindo a estrada.

Depois subiram ao apartamento e guardaram as mochilas, alguns pertences como jaquetas e capacetes e voltaram para a praia. Passariam o domingo e voltariam para Sorocaba na segunda à tarde, pois na terça o trânsito estaria pior com as famílias voltando para passar o Natal em casa. A véspera de Natal seria na quarta-feira.

O dia estava límpido, quente e abafado, o céu brilhava com um azul um pouco cinzento, restos da chuva do dia anterior. As barraquinhas de pastéis, bebidas, salgadinhos e sorvetes exalavam cheiro de gordura, que se mistura à maresia, rodeadas por turistas que chegaram na sexta-feira e aproveitavam o passeio padrão do brasileiro: domingo na praia com a família, cerveja, areia e sol.

Ficaram embaixo dos guarda-sóis e passaram um bom tempo ouvindo as novidades do meu pai sobre os dias de chuva e as noites que eles foram a uma pizzeria próxima ao apartamento.

-Pai, você vai gostar do seu presente de Natal!

-Verdade, o que é?

-Não posso contar, só posso dizer que é colorido.

Todos riram, pois sabiam da preferência do meu pai por coisas coloridas e cheias de detalhes.

-Mãe, eu e a Dalila compramos o presente do pai, ele vai gostar! – ele comentou com minha mãe, em uma oportunidade em que meu pai se afastou.

-O que é?

-É um aparelho de CD para ele colocar no Escort, ainda mais que ele mandou colocar a capota bordô, ele vai querer ter um som melhor, né? Ele precisa aposentar aquele toca-fitas lá.

-Ah, Hermes, ele vai gostar com certeza.

Conhecíamos o gosto por carros esportivos, roupas coloridas, som alto e coisas diferentes. Completamente o oposto de minha mãe, introspectiva e discreta, meu pai sempre gostou de exageros. Seus carros sempre tiveram néon, ele usa roupas extravagantes e abomina tudo que é “de velho”.

Portanto compramos um aparelho de CD para ele colocar no Escort conversível que ele havia comprado. O Hermes escolheu o som, me mandou e-mail perguntando se era uma boa idéia, eu concordei e ele comprou.

-Vou comprar uma porção, do que vocês querem? – perguntou a Le, se levantando.

-Pode ser de anéis de cebola? Estou com vontade – respondeu minha mãe.

-Está bem, eu já volto.

Passou um senhor vendendo queijo de coalho assado que meu pai e meu irmão compraram. Comeram, conversaram, riram e o tempo foi passando.

Perto de umas 14h, meus pais resolveram voltar para o apartamento para tomar um banho e descansar um pouco.

Os dois resolveram ficar na praia mais um pouco.

-Ai, Hermes! Esquecemos a máquina fotográfica no apartamento!

-Vá lá buscar!

-Está bem, já venho.

A Le foi até o apartamento correndo, tocou a campainha, minha mãe atendeu:

-Ai, Dona Sara, esquecemos a câmera! Eu vim buscar!

-Ah!

Pegou a máquina fotográfica digital que o Hermes havia comprado alguns meses antes e desceu pensando que eles iriam finalmente testar a câmera em um lugar bonito.

Seguindo o exemplo de algumas crianças que construíam um castelo na areia ali perto, o Hermes esculpiu um Eddie, o mascote do Iron Maiden que ele havia dado vida em revistas e em esculturas de durepoxi. A Le quase pisou na escultura, o que rendeu boas risadas e uma perseguição na areia.

Depois que a Le tirou algumas fotos dele ao lado da escultura, foi a vez dele pegar a

máquina:

-Fica aí parada, Lê, eu vou fazer um filminho da praia.

Fez uma pequena filmagem com a câmera digital, girou 360° e voltou ao ponto inicial: a Le acenando, com o mar ao fundo. Várias pessoas estavam passeando na areia com seus filhos, casais andando de mãos dadas, grupos de amigos tomando cerveja e dando risadas. Bateu algumas outras fotos da Le e algumas fotos dos dois juntos, esticando o braço e mirando a objetiva para seus rostos.

-Me deixa tirar uma foto sua! – pediu a Le e pegou a máquina.

O Hermes fechou a mão esquerda, deixando o polegar e o mindinho esticados, tipo hang loose e ela bateu a foto de corpo inteiro.

- Vou tirar uma do seu rosto e com a praia de fundo.

Bateu a foto com o Hermes posicionado do lado direito da objetiva e ao fundo a serra e um pedaço do mar, crianças brincando, barraquinhas, pombas e ao centro da foto dois homens montados em bicicletas escuras, de costas, conversando. Um homem moreno usava um boné branco, bermuda azul e tinha uma camiseta vermelha colocada por cima do pescoço. O outro era negro, usava uma bermuda vermelha, estava também sem camisa.

-Lê, vamos lá perto dos coqueiros para eu tirar uma foto sua.

Saíram do meio da areia e caminharam em direção do calçadão, na faixa de barracas onde os coqueiros estão plantados.

Ao chegarem perto de um coqueiro, o Hermes pegou a máquina da mão da Le.

Os dois homens que estavam há pouco na praia montados em bicicletas escuras, chegaram por trás do Hermes, um do lado direito e outro do lado esquerdo, ambos sem camisa e montados em suas respectivas bicicletas.

Agora, a camiseta vermelha estava enrolada na mão esquerda do homem de shorts vermelho. Eles pareciam ter entre quinze e dezoito anos. Escondido pela camiseta, havia um objeto que eles fizeram questão de mostrar: um revólver. Anunciaram seu propósito:

- É um assalto, é um assalto – falou rapidamente e em voz baixa – passe a câmera, a câmera!

-Meu Deus! –exclamou o Hermes, ao mesmo tempo em que levantava as mãos para o alto, em sinal de rendição.

O estranho puxou a camiseta que ocultava parcialmente o revolver 38, apontou a arma para o peito de sua vítima e puxou o gatilho.

Um estampido alto e seco.

Hermes tentou rapidamente sair da linha de ataque, mas levou a mão ao peito, soltou a câmera que segurava na outra mão e caiu. A câmera caiu na areia, ao seu lado.

Os dois assaltantes saíram com as bicicletas e deixaram o objeto do roubo para trás,

assim como o casal e uma multidão de testemunhas. Não houve tempo de compreender o que havia acabado de acontecer.

-Hermes!!! - gritou Le e se ajoelhou ao seu lado - Hermes! O que aconteceu?!

Ele estava ferido. O tiro havia acertado o lado direito do peito, exatamente onde o assaltante havia mirado, segundos antes. Rapidamente, o sangue se espalhava.

-Eu estou morrendo!!! – falou com voz engasgada, como se a garganta estivesse prensada.

Pôs a mão no peito, olhou para a mão manchada pelo próprio sangue e repetiu:

-Eu... estou... morrendo... – falou novamente, pronunciando as sílabas com dificuldade, num tom mais baixo. Estas foram suas últimas palavras.

-NÃO!! NÃO ESTÁÁ! NÃO! SOCORRO!!! Alguém me ajude!

Todos olhavam, mas com o assassino se afastando tranquilamente da cena do crime em sua bicicleta, ninguém teve coragem de se expor.

-Hermes! Respire! Escute-me! Você não vai morrer, não vai morrer! Respire! Socorroooo!!! Alguém me ajude! – olhava em volta desesperada, mas ninguém se aproximava.

Ele continuava caído, mas não falava mais. Gemia alto e curvava o corpo para frente, tentando se levantar.

-Hermes, fale comigo!! Meu Deus ajude-me, por favor! Hermes, olhe para mim, você não pode morrer, não pode morrer! Respire! Respire fundo, você vai viver! NÃO!!! POR FAVOR NÃO...

Aos poucos, algumas pessoas começaram a se aproximar.

-O que aconteceu?! – era a moça que havia vendido os anéis de cebolas para o grupo algumas horas antes, que estava perguntando. Com ela, começaram a chegar outras pessoas e em volta dos dois se formou um círculo rapidamente.

-Ele levou um tiro!!! Pelo amor de Deus, chama a ambulância! – seus olhos estavam marejados e todos os rostos pareciam borrões em movimento. Le era enfermeira e tinha consciência do que significava aquele ferimento, pois já havia atendido muitos pacientes que eram levados ao hospital no mesmo estado que ele e nunca havia visto ninguém sobreviver. Uma forte sensação de realidade estava começando a aparecer. O Hermes havia sido baleado e estava morrendo.

-Hermes! Hermes! Fale comigo!! Hermes eu to aqui Hermes, fale comigo, por favor, por favor...

Sua energia estava se esvaindo rapidamente e apesar da pena que todos sentiam, a sensação de impotência e um pesado ar de morte parecia agora descer sobre o lugar.

-Meu Deus ajude-me! Jesus ajude-me! Hermes, você não pode morrer!!! – de repente, se lembrou de que os pais dele estavam no apartamento descansando, alheios ao que estava acontecendo.

- Alguém, pelo amor de Deus, precisa chamar os pais dele! – gritou, completamente fora de si. Recordou que há apenas um minuto ele estava em pé, rindo, brigando com ela porque ela quase pisou no Eddie de areia.

-Onde eles estão? – perguntou uma voz sem rosto, do meio da multidão.

-No apartamento aqui em frente, no primeiro andar, o nome deles é Durval e Sara! Vá rápido, por favor!

A multidão em volta foi aumentando. Ninguém sabia exatamente o que fazer e se deveria fazer alguma coisa. No meio de todas estas pessoas, estava um jovem deitado, com os lábios roxos, gemendo e lutando muito, mas o adversário era muito forte. Tentava se levantar e desabava na areia.

No apartamento, um homem bateu à porta e falou para o casal que atendeu a porta que havia acontecido uma coisa muito grave com o filho deles, na praia. Os dois saíram correndo atrás do desconhecido, os corações na boca e um milhão de hipóteses na cabeça: “o mar estava puxando...”, “será que ele estava no fundo?”, no meio dos pensamentos, ouviram o homem dizer:

...foi um tiro...

“Tiro?! Como era possível? Há alguns minutos ele estava bem! Será que era bala perdida?”

De longe, a cena era estarrecedora: uma grande roda de pessoas, olhando assustadas para alguém no chão, no centro do turbilhão. Atravessaram a rua correndo e foram em direção ao grupo de pessoas.

Afastaram as pessoas e chegaram ao centro da roda, aos tropeços.

-HERMES!!! Hermes!!! É a mãe, filho! – gritou e tentou com todas as forças encostar a mão em sua perna, passando abaixada pelo meio da multidão de pessoas. – É a mãe, filho!

-Hermes! Fique deitado, pare de tentar se levantar! – falou meu pai, vendo o enorme esforço que ele fazia para tentar se erguer – fique quieto deitado, pare de tentar se levantar! – e virou-se para a Le:

-O que aconteceu Le? Foi bala perdida??

-Não, Seu Durval, um cara tentou roubar a máquina fotográfica...

-Você quer dizer que atiraram para matar?! Atiraram nele para matar? Atiraram nele porque quiseram?! Mas quem foi?? Quem? E Por quê?! ATIRARAM PARA MATAR??? Cadê estes vagabundos? Cadê? Cadê os policiais daqui que não fazem nada? - olhou em volta - Tem dois policiais na viatura!!! – aumentou o tom de voz, ao mesmo tempo em que se dirigia para uma viatura estacionada em frente ao tumulto, nas vagas destinadas aos carros dos turistas em frente ao calçadão.

- Hei! Vocês dois que estão na viatura!! Por que não mataram o vagabundo que baleou meu filho?? O que vocês estão fazendo aí que não foram atrás dele?

-Calma, meu senhor, o senhor tem que ficar calmo! Vamos até lá e tomaremos as

providências.

No centro do grupo, o Hermes estava perdendo as forças para levantar e aos poucos seus gemidos foram se tornando mais espaçados, na medida em sua energia ia desaparecendo. Ele respirava agora com grande dificuldade e não parecia mais fixar sua atenção nas pessoas a sua volta.

-Deixem nós passarmos, viemos socorrer a vítima!

Era o Resgate. Colocaram-no em uma maca, minha mãe tentou alcança-los, mas o enfermeiro fechou a porta da ambulância, dizendo que familiares não poderiam acompanhar a vítima na ambulância, mas que os policiais os levariam.

A viatura policial levou meus pais e a Le até a Santa Casa da Praia Grande. Os procedimentos médicos iniciais foram tomados, entre eles uma transfusão de sangue e uma cirurgia para drenagem do sangue alojado no pulmão direito.

A Le ligou para os pais dela e tentou inúmeras vezes ligar-me, mas não conseguiu.

Os policiais que acompanharam os três até o hospital informaram que um suspeito havia sido preso naquele momento e que eles levariam a Le para reconhecê-lo. Ela foi até a Delegacia, mas não estava em condições de prestar depoimento sobre o ocorrido e foi trazida de volta à Santa Casa. Quando chegou, a notícia de seu falecimento já havia sido dada aos meus pais.

08 de março de 2006

Fizemos um protesto em Brasília pelo fim da Impunidade e contra o fim da Lei dos Crimes Hediondos, que mencionei antes neste livro.

Cada familiar com a camiseta de seu ente querido falecido ou desaparecido e ao final do protesto, amigos conseguiram um encontro com o então Ministro da Justiça do governo Lula, Márcio Thomas Bastos, advogado criminalista transformado em Ministro, apoiou e aprovou diversas leis que afrouxaram o combate ao crime e resultaram em mais liberdade e conforto para criminosos.

Estava sentada à mesa do Ministro, acompanhada de dezenas de familiares de vítimas da violência no Brasil. Ao meu redor, mães de olhos vermelhos e filhos estampados no peito, pais com urgência nos olhos e discursos fortes. Discursos que pediam justiça.

Aguardávamos a entrada do Ministro, cada qual com sua dor, cada qual pensando se poderiam imaginar esta reunião, alguns anos atrás. Se em 2003 me dissessem que eu estaria diante do Ministro da Justiça, no Distrito Federal, prestes a entregar-lhe um manifesto escrito de próprio punho e um álbum de fotos de vítimas da criminalidade, da qual meu único irmão fazia parte, eu diria que esta pessoa estaria brincando comigo.

Estávamos lá para entregar ao Ministério da Justiça e aos presidentes da Câmara e do Congresso Nacional, a emenda popular “Diga Não à Impunidade”, criada pela Cleyde e Santiago Prado Maia. A única filha do casal, Gabriela, fora vítima de bala perdida no metrô do Rio de Janeiro, aos quatorze anos. Estes pais decidiram trocar o luto pela luta e criaram um abaixo-assinado que visava fechar algumas brechas legais que permitem que o criminoso acabe não pagando por seu crime. Foram necessários três anos de trabalho árduo para coletar um milhão e trezentas mil assinaturas, para permitir a apresentação da emenda aos órgãos oficiais.

À minha frente, estava sentado o Jorge Damus, que perdeu o filho Rodrigo aos vinte anos, em um assalto cometido por um menor de idade, que venderia o carro da vítima para pagar sua festa de aniversário de dezoito anos. Jorge havia se tornado um amigo e uma pessoa cuja força e coragem eu admirava muito. Ele me fora apresentado por uma amiga chamada Sara, cuja amiga Suzeli Lopes Tortello havia sido vítima de latrocínio, praticado por um menor de idade. Ao meu lado, estava a Cristina D’Isola, mãe da jovem Maria Cláudia, que fora morta pelo casal de caseiros que a família empregava, em Brasília. Esteve também presente na entrega da emenda popular o Dr. Ari Friedenbach, cuja filha Liana, juntamente com o namorado Felipe Caffé, foram capturados e mantidos reféns em poder de um menor apelidado “Champinha”, líder de um grupo de criminosos maiores de idade. Eles foram vítimas de um dos crimes mais bárbaros dos últimos anos.

Havia outros rostos amigos, outras pessoas que conheci ou que percorreram comigo inúmeras manifestações pedindo justiça e o fim da impunidade.

Duas semanas antes, às vésperas do carnaval, a Lei dos Crimes Hediondos tivera parte votada como inconstitucional. Exatamente a parte que exigia a prisão em regime fechado, sem direito à progressão da pena. Isto significava, na prática, que os crimes hediondos foram transformados em crimes comuns, após decisão do Supremo Tribunal Federal que concedeu hábeas corpus a um réu condenado por crime de atentado violento ao pudor, acusado de abusar de crianças com idade entre seis e oito anos. A partir de então, todos os condenados por crimes hediondos passam a ter o direito de progredir para o regime semi-aberto depois de cumpridos apenas 1/6 das penas a que foram condenados. Isso,

na prática, liberaria milhares de condenados pelos piores crimes deste país, os chamados crimes hediondos, na qual se enquadram o latrocínio, o homicídio qualificado, estupro, sequestro, tráfico de drogas, entre outros. Milhares, capazes das piores atrocidades, ganhavam agora a liberdade, para cometer outras atrocidades, com a certeza da impunidade pregressa ou futura. Era um pesadelo.

Percorri os olhos pela mesa, para as fisionomias pesadas destas pessoas que passaram pelo impensável. Olhei pelas janelas da sala de reuniões do Ministério. Lembrei-me do assassinato da atriz Daniela Perez e do Hermes recolhendo assinaturas visando diminuir a impunidade e garantir justiça aos mortos pelas mãos frias e indiferentes do crime.

Naquele dia eu conheci Glória Perez, com quem havia conversado algumas vezes através de e-mail. Mulher maravilhosa, simples, iluminada, dona de uma força inacreditável. Não preciso dizer que eu gostaria muito de poder contar ao Hermes que conheceria a mãe da Daniella, que ele tanto admirava na adolescência. Lembrei-me que já fazia quatorze anos do assassinato dela e que sua mãe deveria ter se sentado nesta mesma mesa, quando entregou seu abaixo-assinado ao Ministro da Justiça da época.

Percebi então que através dos tempos, mudavam as mães, mas as solicitações ainda eram as mesmas. Vozes aflitas gritavam palavras de justiça aos surdos ouvidos, que ignoravam as lágrimas maternais e seguiam impassíveis em nosso solo tingido de sangue.

*Hermes,
Hoje faz um ano.*

Gostaria de voltar no tempo e conversar com você mais uma vez. Eu poderia ouvir suas risadas que enchiam a casa, rir de suas brincadeiras e dos novos nomes que você dava às coisas. Poderia pedir seus conselhos e saber como devo viver a partir de agora. Gostaria de saber o que eu devo falar para a mãe e para o pai a respeito de sua partida, tão súbita, tão brutal. E quem sabe encontrar a coisa certa a dizer, para que eles não sofram mais.

Eu nunca te falei isto, mas gostaria que você soubesse que eu te amava muito! E que eu te admirava muito! Você foi meu melhor amigo, meu grande confidente, a pessoa que compartilhou comigo toda minha história, foi também o meu maior exemplo e meu grande orgulho.

Homenagens foram publicadas ao redor do mundo quando você se foi. Pessoas conhecidas escreveram, homenagearam, prestaram condolências. Até mesmo desconhecidos se enterneceram com a história e sentiram a brutalidade de sua partida.

Se eu pudesse vê-lo só mais uma vez, eu poderia agradecer por você ter me ajudado tanto, por você ter sido meu irmão e meu melhor amigo. E queria pedir-lhe perdão por não ter feito mais por você, por não ter-lhe dado mais atenção, pois eu achei que você estaria comigo até o fim de minha vida...

Você esteve presente nos momentos mais importantes da minha vida, ajudou-me a tomar decisões, incentivou-me, apoiou-me. Mas eu não estava lá na hora do assalto, eu não estava ao seu lado enquanto você dizia adeus a este mundo... Você esteve comigo em todos os momentos mais importantes de minha vida, mas e eu não estive ao seu lado em seus últimos momentos...

Perdoe-me por não ter ido com você e ter te defendido como eu fazia quando era criança e você era tão pequenininho! Perdoe-me por não ter matado este monstro com minhas próprias mãos!

Eu nunca mais vou vê-lo com vida, meu irmão. Perdi com você meu passado e grande parte da minha história. Perdi também minha fé e minha crença na justiça.

Seu quarto está do jeito que você o deixou. A Le ficou com sua jaqueta, para poder se lembrar. Sua cama ainda está arrumada, esperando você voltar. Seu estúdio está do mesmo jeito, mas o pai encheu as paredes com fotos suas. Às vezes ele entra lá e fica sozinho por horas, olhando para as fotos.

Os bonecos do McFarlane estão empoeirando, mas eu te prometo que quando a dor passar, eu os limpo para você. Seus originais continuam bem guardados dentro do armário. O pai vai ficar com sua moto. Nunca vou ter sobrinhos, mas se um dia tiver filhos, vou contar o tio maravilhoso que eles tiveram.

A mãe sente muito sua falta e chora sozinha muitas vezes. O pai fez um estúdio com os seus desenhos e as reportagens a seu respeito e conta com orgulho a trajetória do filho desenhista. Seus amigos fizeram exposições e homenagens. Sentimos muita saudade, cada dia mais. Nunca te esqueceremos. Nem a injustiça que cometeram contra você.

Não tivemos sua alegria nestes anos. Apenas a presença de sua morte nos acompanhou

em cada minuto, cada acontecimento, cada recordação.

Na última vez que conversamos você me falou que gostaria de saber como teria sido Jesus, na realidade. Espero que você o tenha encontrado e que possa finalmente saber o porquê de tanta injustiça neste mundo. Espero que você entenda, porque eu não consigo entender...

Sabe, encontrei em suas coisas uma frase que me comoveu muito. Você a escreveu há dez anos, quando ainda não sabia que a vida lhe reservara o mesmo destino daquela bonita moça, cuja morte o abalou tanto, mesmo sem você conhecê-la:

Só o que se vem a pedir é justiça e paz para milhares de pessoas boas que perderam a vida assim, enquanto milhares de assassinos e marginais estão vivos e podem andar sossegados pelas ruas.*

**infelizmente, interrompidas por um assassinato.*

Eu nunca te esquecerei. Nunca, em nenhum dia de minha vida. Espero que você também nunca se esqueça de mim, assim quem sabe um dia, você possa vir me buscar!

Adeus Hermes...

21/12/2004



Quadrinhista assassinado no litoral de São Paulo

Por Jotapê Martins

23/12/2003

Luto nos quadrinhos nacionais.

O colorista Hermes Tadeu, de 25 anos, foi assassinado anteontem, na Praia Grande, cidade da Baixada Santista, litoral de São Paulo.

Por volta das 16h15 de 21 de dezembro, Hermes e sua namorada Le caminhavam na faixa de areia da praia do Boqueirão, quando foram abordados pelo assaltante Rodrigo dos Santos Moreira, de 18 anos.

Hermes reagiu à tentativa do criminoso lhe tomar a filmadora e foi baleado no peito. O assassino fugiu em uma bicicleta pela Av. Presidente Costa e Silva, onde pouco depois, roubou o celular do comerciante de Santo André, Campos.

Chamados por Campos, dois guardas municipais perseguiram o assaltante, que, ao ser preso, não reagiu. O flagrante foi lavrado na Delegacia Sede da Praia Grande. Além do latrocínio que vitimou Hermes, Rodrigo tem em sua ficha, outros crimes envolvendo turistas.

De acordo com o jornal *A Tribuna*, Hermes Tadeu foi levado ainda com vida ao Pronto-Socorro da Santa Casa de Praia Grande, mas não resistiu ao ferimento.

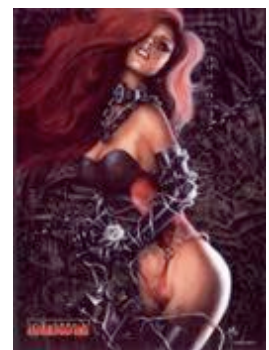
Natural da cidade de Sorocaba, interior de São Paulo Hermes Tadeu, em seus poucos anos de carreira, contava com uma respeitável produção de obras publicadas no Brasil e no exterior.

Autodidata, começou a trabalhar profissionalmente com pinturas artísticas de fachadas, placas e decorações para festas infantis. Contratado como freelancer por agências publicitárias, aprimorou técnicas de colorização digital e desenvolveu capas de CDs, HQs e *cards*.

Há cinco anos, chamou atenção dos fãs de quadrinhos quando teve uma ilustração suas veiculada no *Calendário 1999 Metal Pesado*. Pouco depois, colorizou *cards* da coleção *Arquivos secretos* da Editora Abril, bem como capas das revistas *HQ Express* (Via Lettera Editora), *Comix*, *Graphic clip* e *Como desenvolver roteiros* (Editora Escala). Mais recentemente, para a Mythos Editora, foi o responsável pelas cores dos gibis *Conan - o bárbaro*, *Guerras Mys-Tech*, *Vampira*, *Tex* e diversas edições da coleção *Túnel do Tempo*. Para a Panini, recolorizou a capa de *Hulk: futuro imperfeito* e a ilustração da quarta capa de *Wolverine: Arma X*.

Seus primeiros trabalhos para o mercado de quadrinhos dos Estados Unidos foram capas da revista *One* da editora *A-List Comics*, e pin-ups para o título *Invisible dirty old man* da Red Giant Productions.

Atualmente, estava colorizando, para a Marvel Comics, as capas da revista do Hulk desenhadas pelo paraibano Mike Deodato.



O corpo de Hermes de foi velado a partir das 19:00 de ontem no velório Vila Assis em Sorocaba e o enterro acontece esta manhã.

O Omelete lamenta o fim trágico desse promissor quadrinhista e envia seus pêsames à família de Hermes Tadeu.

Publicado originalmente no site: www.omelete.com.br

Destino Cruel

O destino cruel, mais uma vez, interrompe uma brilhante carreira. O colorista Hermes Tadeu foi assassinado no dia 21/12/2003, vítima de uma tentativa de assalto, na praia do Boqueirão, litoral de São Paulo. Hermes, um jovem de apenas 25 anos, com uma carreira promissora, tinha um currículo extenso de trabalhos prestados a diversas editoras. Suas cores abrihantavam as capas de Tex, Zagor, Mister No, entre outros, para a Mythos Editora, recebendo elogios inclusive da Sergio Bonelli Editore. Atualmente estava colorindo as capas do Hulk, de Mike Deodato. É sua também, a magnífica pintura da capa do "Zagor 25 Anos no Brasil".

A equipe do Portal TEXBR envia as mais sinceras condolências aos familiares e amigos de Hermes Tadeu.

Gervásio Santana de Freitas

Nilson P. Farinha

Julio Schneider



Arte em p&b de G.Ferri e cores de Hermes Tadeu, para a capa do especial Zagor 25 anos no Brasil

Publicado orinalmente no site: www.texbr.com

mais:



Colorista Hermes Tadeu foi assassinado no litoral de São Paulo

Por Sérgio Codespoti e Sidney Gusman (22/12/2003)

O quadrinho brasileiro está de luto. O colorista Hermes Tadeu, de 25 anos, que estava fazendo as capas do *Hulk*, de Mike Deodato, foi assassinado ontem, na Praia Grande, no litoral de São Paulo.

O crime ocorreu por volta das 16h15min, na faixa de areia da praia do Boqueirão, durante uma tentativa de assalto. Segundo o boletim de ocorrência, o artista, natural de Sorocaba, estava acompanhado de sua namorada Le, de 20 anos, quando tentaram lhe roubar uma filmadora. Hermes reagiu e levou um tiro no peito. Ele ainda foi levado ainda com vida ao Pronto-Socorro da Santa Casa de Praia Grande, mas não resistiu ao ferimento.

O criminoso fugiu numa bicicleta e, em seguida, roubou um celular de outro turista, o comerciante de Santo André, Campos, de 54 anos, que alertou a polícia. Assim, os guardas municipais Cristiano Corrêa e Almir Nascimento perseguiram e prenderam o assassino, que se chama Rodrigo dos Santos Moreira, de 18 anos.

De acordo com o jornal A Tribuna, quando foi abordado pelos policiais, Moreira não reagiu, sendo preso em flagrante e conduzido à Delegacia Sede da Praia Grande, onde está preso na cadeia anexa ao prédio.

Apesar de sua pouca idade, Hermes Tadeu tinha um currículo extenso de trabalhos publicados no Brasil como colorista e ilustrador. Seu portfólio incluía capas de CD, arte para o calendário de 1999 da extinta editora Metal Pesado, histórias e capas de quadrinhos.

Como colorista fez capas para a revista *Conan, o Bárbaro; Guerras Mys-Tech; Vampira; Tex*; e diversos títulos da coleção *Túnel do Tempo*, da Mythos Editora.

Hermes também coloriu a história *Elipses*, com os personagens Cão e Gata, para o primeiro álbum da Fábrica de Quadrinhos, lançado pela Devir.

A equipe do Universo HQ envia as mais sinceras condolências aos familiares e amigos de Hermes Tadeu neste momento tão trágico.

Publicado originalmente no site: www.universohq.com.br



Quando as cores fazem diferença - parte 2

Por Eloyr Pacheco — Quarta, 28 de janeiro de 2004

Quando eu escrevi a CMYK de 22 de outubro, dei destaque para Ricardo Riamonde, referi-me também a alguns coloristas com os quais eu já havia discutido muito sobre colorização de HQs, e não mencionei Hermes Tadeu, recentemente muito comentado pela colorização das capas de Hulk, desenhadas por Mike Deodato Jr (clique nas imagens para ampliá-las).

Não me referi ao Hermes porque, de fato, nunca havia parado para discutir com ele, nem mesmo quando ele coloriu duas ilustrações feitas por Luke Ross e Fábio Laguna para um projeto nosso com José Mojica Marins, o Zé do Caixão, e "as três meninas" para um projeto erótico de Laudo Ferreira Jr. O primeiro permaneceu inédito, o segundo foi parcialmente utilizado. Não discutimos porque não havia o que discutir. O que eu vi de Hermes desde 1997 era somente evolução. Um cara altamente preocupado em aprender sempre, em fazer o melhor. A cada novo trabalho que ele apresentava, uma surpresa: estava melhor que o anterior.

Em 1997, Hermes veio de Sorocaba, interior de São Paulo, para apresentar-me seu *portfólio* e discutir comigo sua história, que havia sido selecionada para a revista *Metal Pesado*, da qual eu era editor ao lado de Álvaro de Moya. A história de cinco páginas intitulada *Don't Give Up* chamou-me a atenção não pelo roteiro - o texto final acabou reescrito por mim -, mas, sim, pela arte. Hermes, na época com apenas dezoito anos, empregara técnica mista (grafite, lápis de cor, aerografia) com muita habilidade. Essa história, a primeira de Hermes Tadeu, em nível profissional, foi publicada em outubro de 1997 na *Metal Pesado* #5.

Ainda sob a minha direção, participou do calendário *Metal Pesado 1999*, na produção de cores das

artes de Alex Ross, Manny Clark e Fábio Laguna. Depois disso, na correria do dia a dia, pouco o vi, mas ele continuou trabalhando bastante. Coloriu *cards* da coleção *Arquivos Secretos*, da editora Abril, e capas das revistas *HQ Express*, da Via Lettera editora. Recentemente, era o responsável pelas cores de *Conan - O Bárbaro* e *Tex*, da Mythos editora, para a qual também colorizou *Guerras Mys-Tech* e *Vampira*, entre outras.

Na Panini, recoloriu a capa de *Hulk: Futuro Imperfeito*. Hermes também coloriu a história *Elipses*, com os personagens Cão e Gata, para o primeiro álbum da Fábrica de Quadrinhos, lançado pela Devir. Trabalhando muito, muito mesmo, dedicou-se ao trabalho de colorização digital, e estava ganhando espaço. Comenta-se no meio editorial que o próprio Deodato Jr. o escolheu para colorir suas capas para a revista *Hulk* e, recentemente, depois de um teste simplesmente sensacional, passou a colorir também o miolo. *Hulk* #70 está pronto para ser lançado totalmente colorido por Hermes Tadeu.

Quando um artista aprende a lidar com o computador, tudo é mais fácil - o mais difícil, para não dizer impossível, é fazer de um técnico um artista. Apesar de muito novo, ele aprendeu primeiro "na unha" para depois usufruir dos benefícios da tecnologia moderna. Isso fez dele um grande destaque, e ele caminhava para o seu "descobrimento".

Hêr-mes - era assim que, brincando, pronunciávamos o seu nome, devido ao seu sotaque típico do interior paulista, que ele não fazia questão de perder -, com apenas 25 anos de idade, foi assassinado no dia 21 de dezembro de 2003, quando um assaltante disparou um tiro certo em seu peito ao tentar roubar sua máquina fotográfica.

Sinto não ter conversado com ele o tanto que eu poderia. Maldita correria!

Tchau!

Publicado originalmente no site: www.sobrecarga.com.br

HULK LOSES COLORS: HERMES TADEU MURDERED IN BRAZIL

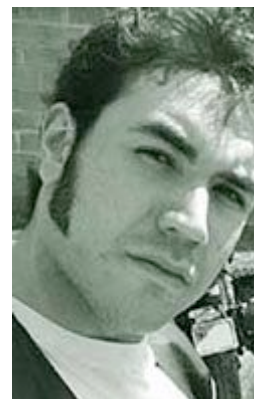
Hulk perde as cores: Hermes Tadeu assassinado no Brasil

by Hector Lima, Contributing Writer

Posted: December 30, 2003

Na tarde de Domingo, 21 de Dezembro, o colorista do Incrível Hulk, Hermes Tadeu, 25 anos, foi baleado e morto na praia do Boqueirão, na Praia Grande (uma cidade ao sudeste de São Paulo, Brasil). Ele estava caminhando com sua namorada Le, 20 anos, quando um jovem tentou roubar sua filmadora. De acordo com o boletim de ocorrência policial, Hermes reagiu e foi baleado no peito. Le foi deixada em estado de choque, apesar de fisicamente não ferida pelo homem, que fugiu numa bicicleta.

Rodrigo dos Santos Moreira, o suspeito de 18 anos, foi preso momentos depois por dois oficiais chamados por Osmar, 54 anos, outro turista que teve seu celular roubado por Moreira, logo depois que ele baleou o ilustrador. Hermes foi levado com vida ao hospital Santa Casa da Praia Grande, mas morreu no quarto de emergência, devido aos ferimentos que sofreu.



Hermes Tadeu

Moreira foi reconhecido por uma terceira vítima roubada por ele e ligado ao assassinato de Hermes pelo oficial que atendeu a cena do crime na praia. Moreira foi preso na Delegacia de Polícia e aguarda julgamento. Hermes viveu em Sorocaba (SP), para onde ele voltaria no dia seguinte com seus pais e a namorada. Sua morte os chocou profundamente e também ao time do “Hulk” com quem ele estava trabalhando.

David Campiti, agente de Tadeu através da Glasshouse Graphics, tem a dizer sobre a tragédia:

“Apesar da pouca idade, Hermes Tadeu era nosso melhor colorista, um excelente pintor e possuía linha artística própria. Ele trabalhou em várias HQs brasileiras, pintou revistas musicais, e trabalhou para pequenas empresas americanas, em busca de sua grande chance. Ele a conseguiu: As capas e finalmente o interior das edições mensais do “Hulk”. Ele estava finalizando a página final da primeira edição (n.º 70) quando foi assassinado. Hermes fez as capas do Hulk das edições n.º 60, 62 a 66, 68, 70 e 71, mais as capas de “Venom” e Wolverine/Punisher”, uma promoção a ser lançada do Hulk e um pôster. Eu encontrei Hermes apenas uma vez, apesar de eu representar seu trabalho por vários anos e conversar quase diariamente com ele on-line. Ele era cuidadoso, tinha esmerado talento e queria agradar e impressionar. A idéia de Hermes ser morto por um estranho sem nenhuma razão real – um simples roubo! – é horripilante, impressionante e trágica além de qualquer palavra. Como pessoa e como talento, sentiremos sua falta”.

Campiti criou um fundo para ajudar a família de Hermes, contribuições podem ser enviadas via PayPal para HermesTadeuFund@aol.com. Cartões podem ser enviados para sua família aos cuidados de Glass House Graphics, 109 N. 18th Street, Wheeling, WV 26003.

O desenhista do Hulk, Mike Deodato Jr., que levou sua família para passar as férias com Campiti quando as tristes notícias chegaram, também concorda com ele sobre Hermes.

“Hermes foi um dos mais talentosos coloristas que eu jamais conheci. Eu já havia trabalhado com ele em “Jade Warrior” e outros projetos pequenos, então eu conhecia sua habilidade. Demorou um tempo para eu convencer o Axel Alonso (editor do Hulk) que Hermes poderia prover as cores para as capas, mas logo ele estava certo que Hermes seria o colorista regular da série. Seu primeiro, e infelizmente último, trabalho de miolo foi para o Hulk n.º 70. E é uma obra-prima. Um real testamento de seu talento e habilidade. Ele teria um futuro brilhante nos quadrinhos. Sua carreira havia apenas começado. É muito triste quando pessoas tão talentosas são tiradas de nosso convívio por razões tão estúpidas.”

Hermes Tadeu construiu uma carreira como colorista e ilustrador no Brasil antes de buscar uma carreira nos quadrinhos americanos. Ele ilustrou capas de álbuns musicais, o calendário de 1999 da Heavy Metal, assim como capas e miolos para várias HQs, coloriu as capas das edições brasileiras de “Mys-Tech Wars”, “Rogue”, “Tex”, além de outros.

Ele foi enterrado semana passada em Sorocaba.

Agradecimentos a UHQ.

Abaixo alguns exemplos de trabalhos feitos por Hermes antes de sua morte.



Parte do teste que ligou Hermes ao “Hulk”



Desenho colorido por Tadeu para “Witches”



HULK COLORIST, HERMES TADEU, MURDERED

Colorista do Hulk, Hermes Tadeu, assassinado

De acordo com notícias e através de informações do chefe da Glass House Graphics, David, Campiti, o novo colorista do Hulk, Hermes Tadeu foi assassinado na Praia Grande, São Paulo, Brasil, em 21 de Dezembro. Ele estava completando a primeira edição da série, n.º 70. Tadeu tinha 25 anos.

De acordo com testemunhas, Tadeu estava completando os últimos toques na última página da edição n.º 70 do Hulk, quando decidiu descansar e saiu para um passeio com a namorada. Enquanto caminhava, um homem abordou Tadeu e tentou roubar sua câmera. Tadeu resistiu e foi baleado no peito. Ele foi levado a um hospital local, onde faleceu.

A polícia de São Paulo prendeu Rodrigo Dos Santos Moreira, 18 anos, relacionado ao crime.

Campiti disse à Newsrama:

“Hermes Tadeu, um incrível talento aos 25 anos, um artista, um pintor e colorista Dos desenhos de Mike Deodato para a série do Hulk, foi morto por um completo estranho apenas alguns dias antes do Natal. Hermes trabalhou para contatos comerciais, revistas musicais e pequenos editores de HQs por anos, criando incríveis ilustrações e surpreendentes cores no computador. Ele estava esperando por sua grande oportunidade, e algumas semanas atrás ele a conseguiu – a atribuição mensal de colorir o Hulk para a Marvel, sob os desenhos de Mike Deodato. Ele foi a escolha pessoal de Deodato como melhor colorista no mundo, e os resultados foram mostrados nas edições do Hulk, Venom, Wolverine/Punisher, e outras capas de Deodato que ele coloriu.

“Nós da Glass House Graphics estamos aguardando mais informações sobre todos os acontecimentos sobre este horrível evento”

“Há algum tempo atrás, Hermes enviou para nós várias ilustrações pintadas à mão de heroínas de HQs para vendermos na eBay. Nós estaremos procedendo com isto em Janeiro de 2004, para ajudar a levantar dinheiro para beneficiar sua família. Nós também criamos o Fundo Hermes Tadeu para

beneficiar sua família; contribuições devem ser enviadas via PayPal para HermesTadeuFund@aol.com. Cartões podem ser enviados à família aos cuidados de Glass House Graphics, 109 N. 18th Street, Wheeling, WV 26003.

“Eu encontrei-me com Hermes apenas uma vez, no ano passado em São Paulo, Brasil – e o achei hábil, talentoso e simpático. Quase todos os dias conversávamos on-line sobre colorização, estilos de arte, oportunidades de como se mover avante e para cima.”

“Hermes se moveu avante e para cima em direção a Deus agora na época do Natal, mas aqueles de nós que ainda estão no planeta Terra podem apenas lamentar esta tragédia sem sentido. Hermes, nós todos sentiremos sua falta.”

Publicado originalmente em inglês no site americano : www.newsrama.com

Tradução livre

Assassinato interrompe carreira promissora de ilustrador de HQs



Divulgação
Hermes Tadeu foi assassinado aos 25 anos



Traço característico e tino com as cores renderam ao ilustrador sorocabano trabalhos como a coloração do gibi Tex e do anúncio publicitário para uma marca de refrigerantes

Por: Gai Sang

A cidade de Sorocaba perdeu no último dia 21 um talento do mundo dos quadrinhos em ascensão, o ilustrador e colorista Hermes Tadeu, de 25 anos, covardemente assassinado em Praia Grande, litoral de São Paulo. O crime aconteceu por volta das 16h15min, na faixa de areia da praia do Boqueirão, durante uma tentativa de assalto. Segundo o boletim de ocorrência, o artista, natural de Sorocaba, estava acompanhado de sua namorada Le Rafaela Wilson, de 20 anos, quando tentaram lhe roubar uma máquina fotográfica digital. Hermes levou um tiro no peito. Ele ainda foi levado com vida ao Pronto-Socorro da Santa Casa de Praia Grande, mas não resistiu ao ferimento.

Quem acompanha o mundo das histórias em quadrinhos, sabe a importância da perda do artista sorocabano. Nascido em 1978 e fã das HQs desde criança, Hermes Tadeu começou a treinar o traço desde cedo copiando personagens e desenhos dos gibis. Autodidata, filho de outro artista plástico notável da cidade, Durval Lino Moraes, Hermes começou a trabalhar profissionalmente com pinturas artísticas de fachadas, placas e decorações para festas infantis, ao mesmo tempo em que exercitava desenhos de rostos humanos e animais a partir de fotos.

Em 1996, ele chamou atenção dos fãs de quadrinhos quando teve uma ilustração sua veiculada no calendário 1999 da famosa revista de HQ Metal Pesado. A partir daí, sua carreira deslançou: colorizou cards da coleção Arquivos Secretos, da Editora Abril, bem como capas das revistas HQ Express (Via Lettera Editora), Comix, Graphic Clip e Como Desenvolver Roteiros (Editora Escala). Mais recentemente, para a Mythos Editora, foi o responsável pelas cores dos gibis Conan - o Bárbaro, Guerras Mys-Tech, Vampira, Tex e diversas edições da coleção Túnel do Tempo. Para a Panini, recolorizou a capa de Hulk: Futuro Imperfeito e a ilustração da quarta capa de Wolverine: Arma X. Tudo isso feito em seu próprio estúdio, em Sorocaba, e sem a ajuda de assistentes. Hermes Tadeu também participou de várias exposições e concursos de quadrinhos, tendo seu estilo recebido elogios de especialistas. Seus primeiros trabalhos para o mercado de quadrinhos norte-americano foram as capas da revista One, da editora A-List Comics, e pin-ups para a revista Invisible Dirty Old Man, da Red Giant Productions. Atualmente, ele estava aplicando o mesmo estilo sombrio e realista de suas ilustrações também nas histórias em quadrinhos.

Seu último trabalho, por exemplo, foram as capas da revista Hulk, do paraibano Mike Deodato, feito para a Marvel, um dos maiores impérios norte-americanos dos quadrinhos, mas ainda inéditas no Brasil. Apesar de sua pouca idade, Hermes Tadeu tinha um currículo extenso de trabalhos publicados no Brasil como colorista e ilustrador. Seu portfólio incluía ainda capas de CDs, propagandas em shoppings e ilustrações publicitárias para grandes agências de todo o país. Segundo seus familiares, além de ilustrar e colorir, o artista sorocabano criava esculturas e dava aulas no Estúdio de Arte HQ, em Sorocaba. Com a morte trágica desse artista sorocabano, o mundo

dos quadrinhos perde um dos talentos mais promissores da área. A família, agora, estuda a possibilidade de organizar o acervo enorme do quadrinista e, futuramente, organizar uma exposição mostrando seus principais trabalhos.

Publicado no Jornal Cruzeiro do Sul em 30/12/2003

HERMES TADEU

Triste... muito triste, fato lamentável, difícil de entender e aceitar o assassinato do meu querido primo Hermes. Um jovem maravilhoso querido e amado por todos. Destacava-se não só por seus valores profissionais, como também pela grandeza do ser humano que era. Caridoso, ajudava a todos que dele precisavam. A dor é muito grande, e o que a nós (familiares) consola é saber que um dia nos encontraremos e unidos a ele estaremos na morada do Pai, pois aqui nada é eterno. O mundo não será tão colorido como antes, pois Hermes não só coloria e brilhava seus desenhos, mas coloria e brilhava nosso mundo. Com ele foi-se também um pedacinho de todos nós. Nós o amaremos sempre. Com certeza, está em paz com Jesus.

Jane Toledo da Silva Santos.

Publicado originalmente no jornal Cruzeiro do Sul, na coluna Do Leitor.



Arte: Hermes Tadeu

HERMES T.

Com o perdão pela demora, gostaria de agradecer ao repórter Gai Sang pela reportagem sobre Hermes Tadeu, publicada em 30 de dezembro. Foi uma breve porém justa homenagem a este artista que seria uma das maiores promessas na HQ brasileira. Enquanto na internet diversos sites estrangeiros renderam homenagens ao Hermes pela importância do seu trabalho, aqui no Brasil, com a exceção de alguns sites dedicados aos quadrinhos e produzidos por amigos dele, e do jornal Cruzeiro do Sul, a imprensa de modo geral só explorou o lado sensacionalista da notícia. É triste

ver que um país não valoriza seus maiores artistas. A dor da perda é terrível. Nestes últimos oito anos ele foi muito mais que meu melhor amigo. Foi um exemplo de profissional e ser humano. Uma das pessoas mais especiais que eu conheci. Sua garra, seu companheirismo, sua determinação, honestidade e caráter, ficarão para sempre na minha memória e de todos os que conviveram com ele, como um exemplo a ser seguido. Aos familiares e amigos, saibam que eu tenho rezado todos os dias para que Deus amenize a nossa dor. Contem sempre com o meu apoio.
Leticia Barreto.

Publicado originalmente no jornal Cruzeiro do Sul, na coluna Do Leitor.



Arte: Hermes Tadeu

Hermes foi um dos mais talentosos coloristas que já conheci. Já havia trabalhado com ele em Jade Warriors e outros projetos pequenos e sabia de sua capacidade. Demorou um pouco até eu convencer Axel Alonso que ele poderia colorir as capas de Hulk, mas depois disso, Axel rapidamente se convenceu que ele poderia ser o desenhista regular da série. Seu primeiro e, infelizmente último número foi o Hulk 70. E é uma obra-prima. Um verdadeiro testamento de seu talento e capacidade. Ele certamente tinha um futuro brilhante nos quadrinhos. Sua carreira mal começara. Fico muito triste quando pessoas de tanto talento são tiradas de nosso convívio por razões tão estúpidas.

Mike Deodato.



Arte: Hermes Tadeu

Conheci o Hermes através de um amigo nosso e desde os primeiros contatos tornou-se um grande amigo, revelando-se uma pessoa extremamente humana e de bom humor. Tornou-se um parceiro para boas risadas e de momentos muito legais. Conheci pessoas muito legais através dele, reflexo de suas boas amizades e de seu carisma. A vida profissional estava despontando para cada um e sempre admirei o talento e o profissionalismo dele já no começo de sua carreira. O Hermes me ajudou muito com conselhos e lembro que as coisas não estavam no ritmo que a gente queria e às vezes ficávamos desanimados. Ele sempre tentava ajudar de alguma forma ou outra, com uma boa dose de humor. Lembro que a gente desenvolveu a página dele e de como as coisas estavam complicadas naquela época: tava faltando trabalhos para o Hermes e eu estava desempregado. Ficamos uma noite inteira à base de café para montar a página e dando boas risadas. Lembro-me que uma vez ele tava falando em desistir da área dele, mas ele continuou firme e foi muito legal ele dar uma guinada na sua vida profissional... começaram a vir muitos trabalhos e ele começou a se tornar referência na sua área. A minha vida profissional começou a entrar nos eixos também e ficava cada vez mais difícil a gente se encontrar devido à falta de tempo, mas sempre mantínhamos contato por telefone.

Bom, a falta que ele faz nem preciso dizer... posso dizer que eu perdi um verdadeiro irmão... um amigo que eu podia falar sobre qualquer coisa, que sempre me fazia dar boas risadas. Fico feliz por ele ter passado em minha vida com uma influência tão positiva que posso dizer que, das melhores coisas que eu sou hoje, tem alguma palavra ou conselho que ele me deu... Amigos assim são difíceis de se encontrar e sempre me lembro dele com bastante saudade... Eu poderia ficar horas falando sobre ele e como ele me ajudou mas minhas palavras são poucas perto das lembranças boas que ele nos deixa! O que me deixa feliz também que ele era assim com todo mundo e que vai deixar grandes saudades a todos que o conheceram.

Fernando Nitatori.

BIBLIOGRAFIA

Homenagens citadas nesta obra:

Omelete:

http://www.omelete.com.br/quadrinhos/news/base_para_news.asp?artigo=7504 – 08/06/2006 – 13:12

TEX

http://www.texbr.com/artigos/artigos2003/1227_hermes_tadeu.htm - 06/08/2006 – 13:18

Sobrecarga:

<http://www.sobrecarga.com.br/node/view/1488> - 11/06/2006 20:18

Comic Book Resources:

<http://comicbookresources.com/news/newsitem.cgi?id=3101> – 08/06/2006 – 13:10

Newsrama:

<http://newsarama.com/forums/showthread.php?s=7f8938f8b89c5ef85b31403a0325c726&postid=177229> – 11/06/2006 – 14:00

Jornal Cruzeiro do Sul:

<http://www.cruzeironet.com.br/>

Hermes Tadeu emprestou seu nome a vários prêmios e troféus de desenho, quadrinhos e cores.

Conheça estes prêmios no site oficial do desenhista Hermes Tadeu:

www.hermesporjustica.com ou www.hermestadeu.com

Visite o site feito pelo Hermes:

<http://hermescomics.tripod.com>











...Um de seus melhores trabalhos em aerógrafo foi um desenho do filme O Corvo. Este era o filme preferido do Hermes e acabou virando desenho em homenagem ao ator Brandon Lee, que encarnou o papel principal na película. Por ter se tornado um grande fã deste filme e pela natural empatia que sentia pelas heróis nascidas das vinganças aspiradas nas grandes tragédias, Hermes colocou no papel a reprodução de uma cena do Brandon com o rosto pintado em uma sala escura, que acabou captando toda a atmosfera do filme e todo o sentimento da personagem em sua ilustração. Este se tornou um de seus trabalhos preferidos e virou o carro-chefe de seu portfólio.

Sob o olhar do Corvo - a história de Hermes Tadeu















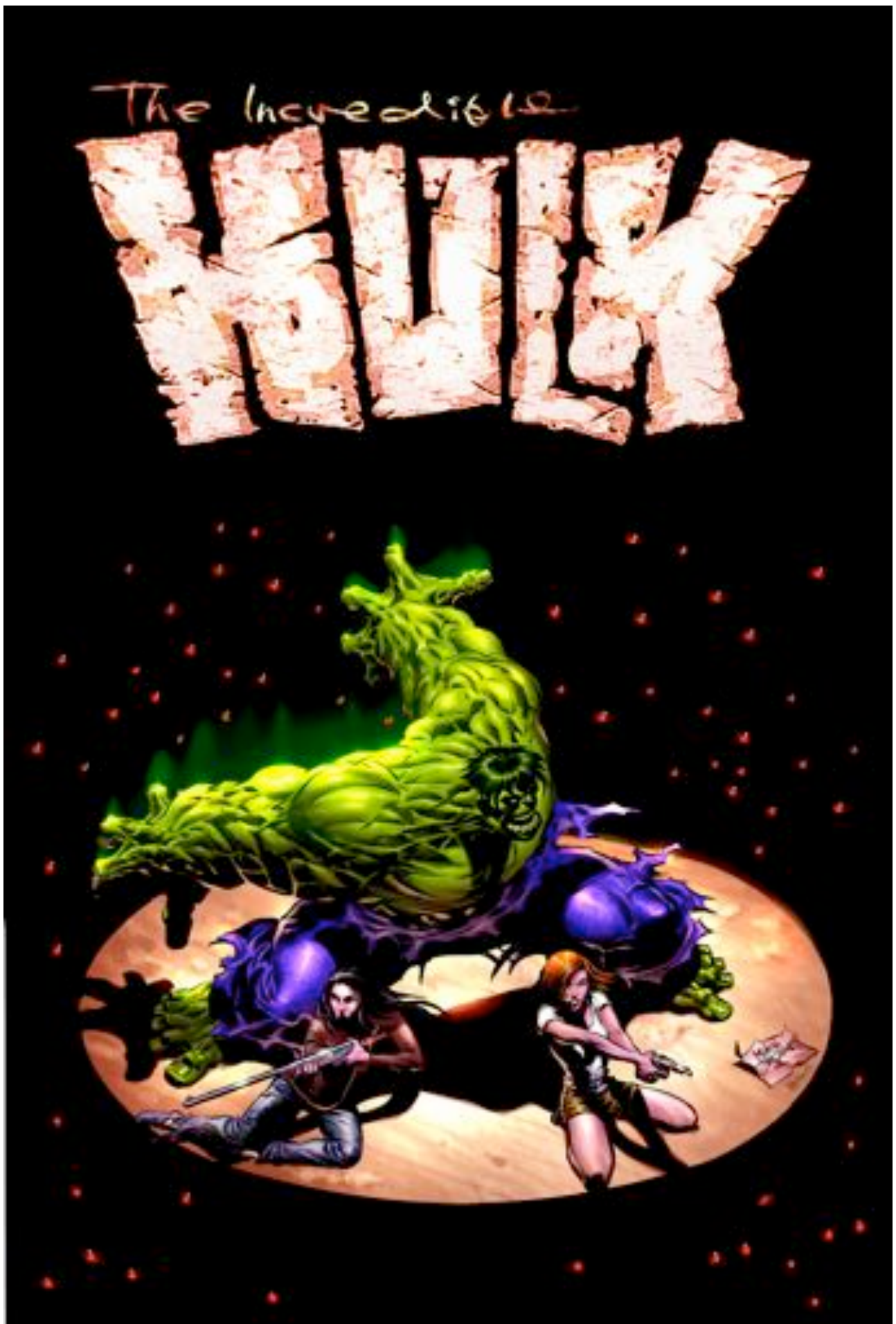


TITLE

#

MONTH

ESTABLISHED
1939100% COTTON
100% COTTON





TITLE

#

MONTH

ARTIST

MARVEL
COMICS
MAY 2006

<http://hermescomics.tripod.com>

